

**UNESP – Universidade Estadual Paulista  
“Júlio de Mesquita Filho”  
Faculdade de Filosofia e Ciências  
Campus de Marília**

**ANDRÉA BONFÁ MARTIN**

**PROGRAMA *ENSINO MÉDIO EM REDE*: FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA DOS PROFESSORES**

**Marília-SP  
2011**

**ANDRÉA BONFÁ MARTIN**

**PROGRAMA *ENSINO MÉDIO EM REDE*: FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA DOS PROFESSORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Marília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação (Área de concentração: Ensino na Educação Brasileira).

Orientador: Prof. Dr. Dagoberto Buim Arena

**Marília-SP  
2011**

Martin, Andréa Bonfá.

M379p Programa Ensino Médio em Rede : formação  
continuada para o desenvolvimento da leitura e escrita  
dos professores / Andréa Bonfá Martin. – Marília, 2011  
107 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Educação) – Faculdade  
de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2011

Bibliografia: f. 78-80

Orientador: Dagoberto Buim Arena

1. Ensino médio. 2. Programa Ensino Médio em Rede.  
3. Professores – Formação continuada. 4. Leitura e escrita.  
I. Autor. II. Título.

CDC 373

**ANDRÉA BONFÁ MARTIN**

**PROGRAMA *ENSINO MÉDIO EM REDE*: FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA DOS PROFESSORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Marília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação (Área de concentração: Ensino na Educação Brasileira).

Aprovação: Marília, 28 de janeiro de 2011.

Membros componentes da banca examinadora

---

Prof. Dr. Dagoberto Buim Arena (UNESP-Marília)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria da Costa Santos Menin (UNESP-Presidente Prudente)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Stela Miller (UNESP-Marília)

## AGRADECIMENTOS

À minha família, Natal, Arlete, Marco, Irena, João e Raquel. Sem vocês nada disso faria sentido. Obrigada pelo incentivo e pela paciência. Mãe, você é a base, o suporte que me permitiu chegar até aqui.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Dagoberto Buim Arena, por ter confiado que eu seria capaz de desenvolver e concluir esta pesquisa, por ter compartilhado seu conhecimento e tranquilidade, fundamentais durante todo o processo.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cyntia Graziella Guizellin Giroto pela leitura atenta, observações extremamente pertinentes e pela disponibilidade em participar da banca de qualificação.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Stela Miller por ter me incentivado desde o início, por ser uma mediadora tão disposta a compartilhar sua sabedoria, por todos os detalhes observados, questionados, sugeridos e por ter se disponibilizado a participar da banca de qualificação e defesa.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria da Costa Santos Menin por ter aceitado compor a banca de defesa, pelo diálogo enriquecedor e pelos questionamentos que contribuíram para a melhoria do trabalho.

Às minhas amigas orientadoras, Larissa Helyne Bassan, Greice Ferreira da Silva e Renata Dezo Singulari. Vocês foram sempre muito generosas ao fornecer informações e principalmente apoio emocional, fundamental para quem tenta conciliar o Mestrado, a vida pessoal e profissional.

Aos meus amigos mais atentos que compreenderam meus momentos de angústia, falta de tempo e sobrecarga de trabalho.

Aos meus colegas professores e aos alunos que aceitaram participar desta pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho, em muitos momentos fundamentais, para que eu pudesse conciliar minha jornada de trabalho e a pesquisa.

Ao pessoal da seção de pós-graduação, sempre dispostos a ajudar, principalmente a Cíntia, ao nos atender com gentileza e um sorriso tranquilizador.

À Dinarci Stroppa pelo carinho e dedicação durante a correção deste trabalho.

A todos os meus professores, desde a educação infantil até a pós-graduação, lembro-me de todos com um profundo sentimento de respeito, carinho e agradecimento por tudo o que me proporcionaram. Isso permitiu que eu me tornasse quem sou.

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. [...] A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.

(Mikhail Bakhtin)

## RESUMO

Dados de avaliações externas (PISA, ENEM, SARESP) têm indicado baixo desempenho dos alunos no campo da linguagem, tanto na escrita quanto na leitura no ensino médio paulista. Ao pensar a linguagem como parte fundamental da cultura humana, primordial ao desenvolvimento de todos os seres humanos, o entendimento deste baixo desempenho é importante. Algumas medidas foram tomadas pelo governo, dentre elas, a implantação do programa *Ensino Médio Em Rede*, desenvolvido entre 2004 e 2006, sem, entretanto, proporcionar resultados consistentes para a comunidade. A hipótese desta pesquisa é que o programa não atendeu seus objetivos de desenvolvimento da leitura e da escrita dos professores do ensino médio. Bakhtin (1895-1975) definiu que as palavras se constituem nas relações sociais na interação entre os indivíduos, portanto, a língua é viva, e ela se transforma através dos diálogos. Com esta compreensão, o desenvolvimento do professor é fundamental para assegurar o ensino e a aprendizagem do aluno. Embasado nesses pressupostos teóricos, este trabalho foi direcionado para preencher os seguintes objetivos: Análise do material do programa *Ensino Médio Em Rede*, desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Verificação de, até que ponto, os professores consideraram que o programa *Ensino Médio Em Rede* contribuiu para o aprimoramento de sua formação, como leitores e produtores de textos. Confirmação se as propostas do programa foram utilizadas pelos professores em sala de aula. A pesquisa foi conduzida por meio de questionários e entrevistas com os professores e apenas questionários com alunos do ensino médio de uma escola do interior do estado de São Paulo; o material do programa foi analisado e foi possível concluir que o *Ensino Médio Em Rede* foi interrompido sem a conclusão de suas atividades e o alcance do objetivo de promover o desenvolvimento da leitura e da escrita dos professores. Este trabalho poderá proporcionar a reflexão sobre a importância de se oferecer uma formação continuada adequada para que o desenvolvimento de professores também possa ocorrer em sua trajetória profissional na escola de tal forma a atender as necessidades da sociedade, professores e alunos. Ao mesmo tempo pretende apresentar alguns questionamentos sobre o material do programa, desenvolvido pela Fundação Vanzolini e pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo com o financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Palavras-chave: Ensino Médio. Professores. Formação Continuada. Leitura. Escrita.

## ABSTRACT

Data from external assessments (PISA, ENEM SARESP) have indicated low student achievement in the field of language, both in writing and in reading in high school in São Paulo. When thinking of language as a fundamental part of human culture, essential to the development of all human beings, the understanding of this low achievement is important. Some measurements were taken by the government, among them, the implementation of the program *High School in Network*, developed between 2004 and 2006, however, without provide consistent results for the community. The hypothesis of this research is that the program did not attend its objectives of the reading and writing development of secondary school teachers. Bakhtin (1895-1975) has defined that the words constitute themselves in social relations in interaction among individuals, therefore the language is alive, and it transforms itself through dialogues. With this comprehension, the teacher development is fundamental to ensuring of the student teaching and learning. Based upon these theoretical presuppositions, this work has been directed to fulfill the following objectives: Analysis of program material of *High School in Network* developed by the State Department of Education of São Paulo. Verification of until what extent, the teachers considered that the program *High School in Network* contributed to the improvement of their education as readers and text producers. Confirmation if the program proposals were used by the teachers in the classroom. The research was performed through questionnaires and interviews with the teachers and just questionnaires with high school students at a school in the inner of the state of São Paulo; the program material was analyzed and it was possible to conclude that *High School in Network* was interrupted without the conclusion of their activities and the reach of the aim of promoting the development of reading and writing teachers'. This work may provide a reflection on the importance of offering an adequate continuing education for teacher for that teacher's development may also occur in their professional career at the school in such a way as to meet the needs of society, teachers and students. At the same time it intends to present some inquiries about the program material, developed by Vanzolini Foundation e by the State Department of Education of São Paulo with the financing of the Inter-American Development Bank.

Keywords: High School. Teachers. Continued Formation. Reading. Writing.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 Fichário com as orientações de trabalho e CD-ROM do programa.....	29
Figura 2 Revista <i>Sequência Didática: Artigo de Opinião</i> .....	30
Figura 3 Todas as publicações e o CD-ROM do programa.....	31
Figura 4 CD-ROM e seu encarte.....	35
Figura 5 Detalhes do encarte do CD-ROM.....	36

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1	Normas utilizadas na transcrição das entrevistas.....	23
Quadro 2	Caracterização dos sujeitos docentes quanto à atuação no magistério.....	26
Quadro 3	Caracterização dos sujeitos docentes quanto à formação.....	26
Quadro 4	<i>Ensino Médio Em Rede</i> – 2004 e 2005 – participantes do programa.....	38
Quadro 5	<i>Ensino Médio Em Rede</i> – 2006 – participantes e carga horária.....	38

**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1	Você gosta de ler?.....	59
Gráfico 2	Você gosta de escrever?.....	59
Gráfico 3	Você se considera um leitor: péssimo, ruim, bom, ou muito bom?.....	60
Gráfico 4	Você se considera um escritor: péssimo, ruim, bom, ou muito bom?.....	60
Gráfico 5	Em que aulas ou momentos você gosta de ler?.....	61
Gráfico 6	Você costuma ler o quê?.....	70
Gráfico 7	Você sente necessidade de escrever?.....	70
Gráfico 8	Em que aulas ou momentos você gosta de escrever?.....	71
Gráfico 9	Você frequenta a Biblioteca?.....	71
Gráfico 10	Quantas horas por semana você fica na Biblioteca?.....	72
Gráfico 11	Você lê via computador/internet?.....	73
Gráfico 12	Você escreve via computador/internet?.....	73
Gráfico 12	Quantas horas por semana você fica diante do computador?.....	74

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
1.1 Os motivos da pesquisa.....	15
1.2 Instrumentos de busca e coleta de dados.....	19
1.2.1 Os questionários.....	19
1.2.1.1 A forma de organização dos dados.....	20
1.2.2 As entrevistas.....	20
1.2.2.1 As transcrições das entrevistas e a categorização.....	21
1.2.3 Os documentos do programa <i>Ensino Médio Em Rede</i> .....	24
1.3 Caracterização dos sujeitos.....	24
1.3.1 Caracterização dos docentes.....	25
1.3.2 Caracterização dos alunos.....	27
<b>CAPÍTULO 2 ENSINO MÉDIO EM REDE.....</b>	<b>28</b>
2.1 Contextualização do programa.....	28
2.2 Informações oficiais sobre o programa.....	36
<b>CAPÍTULO 3 LEITURA E ESCRITA NO ENSINO MÉDIO.....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO 4 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>48</b>
4.1 Formação continuada de professores para o desenvolvimento da leitura e da escrita.....	48
4.2 Ensino, aprendizagem e desenvolvimento dos alunos na opinião dos professores: “o problema é do aluno”.....	49
4.3 Programa de formação continuada <i>Ensino Médio Em Rede</i> : proposta de trabalho com o gênero textual artigo de opinião.....	51
4.4 Desenvolvimento da leitura e da escrita dos professores.....	56
4.5 Os pressupostos teóricos e os professores.....	62
4.6 O programa <i>Ensino Médio Em Rede</i> e a Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo.....	65
4.7 Leitura e escrita para os alunos do ensino médio.....	68
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>78</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>98</b>

## INTRODUÇÃO

As motivações que levaram à elaboração da presente pesquisa surgiram em um momento específico da educação no estado de São Paulo em que alguns indicativos resultantes de avaliações externas, tais como o SARESP (realizado pela Secretaria Estadual de Educação), o ENEM (do Ministério da Educação) e o Pisa (elaborado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), demonstravam desempenho pouco satisfatório dos alunos do ensino médio na leitura e produção textual. A necessidade da análise deste quadro e do entendimento das razões pelas quais isso ocorria surgiu quando foi oferecido para professores de todas as disciplinas de ensino médio da rede pública paulista um curso de formação continuada, em 2004, o *Ensino Médio Em Rede*, para o desenvolvimento da leitura e da escrita dos próprios professores para que, posteriormente, pudessem compartilhar esse conhecimento com os alunos. Este era o objetivo central do programa: o aprimoramento da leitura e da escrita dos professores para, por sua influência, os alunos desenvolverem também sua leitura e escrita. O foco principal do programa foi o estudo do gênero textual Artigo de Opinião que deveria gerar, durante os anos de 2004 a 2006, momentos de leituras, estudos e atividades individuais e coletivas, de professores com professores e professores com alunos. A partir desse contexto, surgiu a necessidade da análise do material do programa.

Ao analisar o *Ensino Médio Em Rede*, a sua elaboração, o desenvolvimento deste curso de formação continuada, a forma como foi concluído, ou interrompido, enfim, diante de algumas referências iniciais sobre este programa, as seguintes questões foram levantadas: a implementação do programa, o *Ensino Médio Em Rede*, foi realizada de maneira adequada? Gerou algum aproveitamento ou retorno social? Auxiliou o professor de diferentes disciplinas a trabalhar com gêneros textuais em sala de aula? Os professores concluíram que o *Ensino Médio Em Rede* colaborou para o seu desenvolvimento, ou não? Trabalharam as atividades do programa em sala de aula, espontaneamente?

Para que esta pesquisa se tornasse possível, alguns recortes foram feitos, pois seria inviável abranger toda a rede estadual de ensino. Foi escolhida uma escola pública estadual de ensino fundamental ciclo II e ensino médio, onde os professores tivessem participado do curso citado, denominado *Ensino Médio Em Rede* e que trabalhassem com o ensino médio e, eventualmente, compartilhassem com seus alunos as técnicas do curso. É importante salientar que ao longo do processo de pesquisa muitas mudanças ocorreram, variáveis essas que interferiram inclusive nos rumos da pesquisa, pois houve casos de professores e alunos,

sujeitos da pesquisa, que mudaram de classe, de turno ou de escola durante o ano letivo de 2008. A coleta de dados foi dificultada por isso.

Em busca de respostas, o desenvolvimento da pesquisa seguiu o seguinte caminho metodológico: coleta de dados, realizada ao longo dos anos de 2008 e 2009. Ela foi organizada da seguinte maneira:

- solicitação da autorização da Direção da escola pretendida para a realização da pesquisa;

- levantamento, através de questionários aplicados no primeiro semestre de 2008, dos possíveis sujeitos docentes da pesquisa, pois havia necessidade dos professores terem participado de todas as etapas do programa *Ensino Médio Em Rede*, de 2004 a 2006, mesmo que isso tivesse ocorrido em outras unidades escolares;

- aplicação de questionários, em 2008, para a obtenção de informações sobre o perfil leitor e escritor dos alunos do segundo ano do ensino médio diurno, classe em que foi concentrada a pesquisa pelo fato de ter, dentre seus professores, o maior número de docentes participantes de todas as fases do programa *Ensino Médio Em Rede*.

Com os dados iniciais obtidos através dos questionários dos professores foram realizadas as entrevistas com sete professores do segundo ano do ensino médio diurno. Dialogamos sobre o programa, *Ensino Médio Em Rede*, sobre o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita deles próprios e dos alunos do segundo ano do ensino médio. As entrevistas ocorreram separadamente, com cada um dos professores, na sala da coordenação da escola pesquisada, durante os momentos em que os professores tinham um intervalo dentro de seu horário de trabalho. Todas as entrevistas ocorreram no mês de dezembro de 2008 por ter sido considerado um período mais tranquilo pelos professores, pois já tinham concluído parte significativa dos trabalhos daquele ano letivo.

A coleta de informações sobre o material e os documentos do programa *Ensino Médio Em Rede* ocorreu durante os anos de 2008 e 2009. A análise de todos os dados foi feita ao longo dos anos de 2008, 2009 e 2010, assim como o levantamento bibliográfico e as leituras pertinentes à pesquisa.

Para este trabalho alguns referenciais teóricos foram adotados. Do ponto de vista da compreensão da enunciação, da interação verbal e dos gêneros do discurso, Bakhtin (BAKHTIN, 1990; 2003) foi o referencial.

A exposição da pesquisa foi feita da seguinte maneira: no primeiro capítulo, intitulado “Metodologia”, são apresentados os motivos da pesquisa, seu problema gerador central; a hipótese de trabalho, os objetivos, as indagações que conduziram às ações e os caminhos

percorridos para a obtenção de respostas, os tropeços e os acertos. Neste capítulo também estão presentes as informações sobre os instrumentos de busca de dados, são eles: os questionários para professores e alunos, as entrevistas com professores e a análise dos documentos do programa *Ensino Médio Em Rede*. Ainda neste capítulo, estão detalhados os procedimentos para elaboração e aplicação dos questionários; o método de transcrição das entrevistas e a categorização das entrevistas. Finalmente são apresentadas as caracterizações dos sujeitos docentes e alunos do segundo ano do ensino médio desta escola estadual do interior de São Paulo.

O segundo capítulo, que leva o nome do programa “*Ensino Médio Em Rede*”, apresenta as informações sobre o processo de elaboração e de implementação deste programa de formação continuada para professores da rede pública estadual. Estão explicitados os temas e os objetivos do curso, o contexto de seu desenvolvimento, a partir de 2004, e as informações oficiais disponibilizadas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo nos documentos do programa.

O próximo capítulo “Leitura e escrita no ensino médio” apresenta informações sobre os conceitos que conduziram a pesquisa. São colocados os referenciais sobre leitura e escrita, gêneros textuais, o desenvolvimento dos professores a partir do desenvolvimento da leitura e da escrita e outros pressupostos teóricos que de alguma forma influenciaram este trabalho direta ou indiretamente.

No quarto capítulo, “Análise de dados”, os dados coletados através dos questionários, entrevistas e análise dos documentos do programa *Ensino Médio Em Rede* foram apresentados, trabalhados, analisados e cruzados com o intuito de obter respostas, esclarecer questões, comprovar ou não hipóteses, descartar algumas idéias, considerar outras. Neste capítulo os sujeitos da pesquisa ganham voz e nos oferecem um rico material para a análise.

Após o quarto capítulo serão apresentadas as conclusões e possíveis novas questões para futuras pesquisas e análises que poderão contribuir para a melhoria da educação pública no estado de São Paulo. Encerrando a apresentação deste trabalho, virão as referências bibliográficas, os apêndices e os anexos.

## CAPÍTULO 1

### METODOLOGIA

#### 1.1 Os motivos da pesquisa

Quanto mais progride a humanidade, mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais complexa é a sua tarefa. Razão por que toda a etapa nova no desenvolvimento da humanidade, bem como no dos diferentes povos, apela forçosamente para uma nova etapa no desenvolvimento da educação: o tempo que a sociedade consagra à educação das gerações aumenta; criam-se estabelecimentos de ensino, a instrução toma formas especializadas, diferencia-se o trabalho do educador do professor; os programas de estudo enriquecem-se, os métodos pedagógicos aperfeiçoam-se, desenvolve-se a ciência pedagógica. Esta relação entre o processo histórico e o progresso da educação é tão estreita que se pode sem risco de errar julgar o nível geral do desenvolvimento histórico da sociedade pelo nível de desenvolvimento do seu sistema educativo e inversamente. (LEONTIEV, 1978a, p. 273).

As palavras acima citadas inspiram e ao mesmo tempo geram insegurança. Inspiram, pois assinalam que a presente pesquisa é pertinente diante da necessidade de contribuir para o “processo histórico e o progresso da educação” da sociedade brasileira. Geram insegurança diante da dúvida quanto à capacidade de nosso sistema educativo de garantir o ensino e a aprendizagem da cultura historicamente acumulada, da leitura e da escrita e auxiliar o “desenvolvimento histórico da sociedade” (LEONTIEV, 1978a, p. 273).

A intenção de realizar esta pesquisa nasceu em um momento de insatisfação com os resultados observados em avaliações externas (PISA, ENEM, SARESP, por exemplo) que apontavam para um baixo desempenho dos alunos do ensino médio na leitura e produção de textos. Nesse contexto surgiram algumas das indagações motivadoras desse trabalho: 1. Como o baixo desempenho dos alunos do ensino médio na leitura e na escrita estaria ligado às dificuldades dos professores de diferentes disciplinas do ensino médio em trabalharem a leitura e escrita em sala de aula? 2. Professores de diferentes áreas do ensino médio possuem uma formação que lhes auxilie a trabalhar adequadamente a leitura e a escrita?

Em meio a essa situação, durante o ano letivo de 2004, a Secretaria Estadual da Educação de São Paulo promoveu o programa de formação continuada para professores do ensino médio, o *Ensino Médio Em Rede*, que tinha como um dos seus objetivos colocar os professores do ensino médio em contato com diferentes gêneros textuais. A meta era o desenvolvimento da leitura e da escrita desses professores para que contribuíssem com a melhoria da leitura e da escrita dos alunos do ensino médio.

Num primeiro momento, aquela poderia ter sido a oportunidade para que os professores em serviço estudassem os gêneros textuais, conhecessem novas teorias, revissem outras, para que durante o processo de desenvolvimento de suas habilidades de leitura e de produção textual pudessem auxiliar melhor os alunos a aprimorarem também sua leitura e a escrita.

Diante esse quadro uma fagulha despertava em mim: a inquietação que levou à ideia primeira de analisar e avaliar o programa e seus documentos trabalhados entre os anos de 2004 e 2006, o *Ensino Médio Em Rede*, entrevistar os professores participantes desta capacitação, ouvi-los e dialogar com eles, dar-lhes voz sobre seus sentimentos em relação ao programa de formação continuada.

Para estabelecer a comunicação com os professores foi considerada a concepção de Bakhtin (BAKHTIN, 1990) de interação verbal, para quem a comunicação entre indivíduos é viva e conduzida por sua história, cultura e contexto social. O diálogo é carregado das marcas de seu tempo e espaço, é pensado e construído de acordo com os seus interlocutores.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. [...] Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN, 1990, p. 123).

As entrevistas com os professores foram apenas uma “fração” que trouxe indícios do contexto de desenvolvimento do programa *Ensino Médio Em Rede* e como qualquer

enunciação foi produto de uma interação social específica (BAKHTIN, 1990) entre entrevistador e entrevistado.

Surgiu assim a possibilidade de realização de um projeto de pesquisa a partir do programa de formação continuada *Ensino Médio Em Rede*, com a atenção voltada para a leitura e escrita dos professores de diferentes áreas do ensino médio e a observação do seu embasamento teórico, para dar subsídios ao trabalho em sala de aula. A análise dos dados obtidos à luz do referencial teórico baseado em Bakhtin (BAKHTIN, 1990; 2003) possibilitou uma avaliação do programa *Ensino Médio Em Rede* e a análise do processo de desenvolvimento da leitura e da escrita dos professores de ensino médio, de como se sentiram em relação ao seu próprio desenvolvimento. Com a análise do programa *Ensino Médio Em Rede* e a participação dos professores, pudemos levantar a hipótese de que poderia não atender a seus próprios objetivos de desenvolvimento da leitura e da escrita dos professores do ensino médio.

A coleta de dados realizada por meio de questionários, entrevistas e análise do material do programa ocorreu ao longo do ano letivo de 2008, em uma escola pública estadual do estado de São Paulo, onde esta pesquisadora é também professora. Essa escola é de ensino fundamental - ciclo II - e de ensino médio, que apresentava, em 2008, em seu quadro de professores, sujeitos que participaram do programa de formação continuada *Ensino Médio Em Rede* entre os anos de 2004 e 2006.

Os trabalhos foram iniciados depois de obtida a autorização da Direção da escola e do consentimento dos professores, conforme orientação e aprovação do Comitê de Ética (ANEXO A). Todos os professores que ministravam aulas no Ensino Médio em 2008 responderam a um questionário (APÊNDICE A), no primeiro semestre. Através dele foi possível identificar aqueles participantes do programa *Ensino Médio Em Rede*. Posteriormente os sete professores selecionados e concordes em participar da pesquisa foram entrevistados em dezembro de 2008 (APÊNDICE C).

Inicialmente havia sido aventada a possibilidade de entrevistar alunos desses professores com os quais as atividades do programa *Ensino Médio Em Rede* tivessem se efetivado em 2006. Seriam alunos do primeiro ano do ensino médio em 2006 que estariam no terceiro ano do ensino médio em 2008. Porém, durante as entrevistas com os professores, ficou claro que pouco ou nada havia sido trabalhado do programa com os alunos, pois os professores não estavam trabalhando diretamente com alunos em sala de aula, ou trabalhavam em outras escolas, ou não estavam com turmas de ensino médio, ou, ainda, por pouco se apropriarem das propostas do programa. Enfim, não havia motivo para elaborar uma

entrevista com os alunos sobre o programa com o conhecimento antecipado de que eles desconheciam tal programa, mas foi elaborado um questionário com perguntas sobre os modos de leitura e de escrita dos alunos do segundo ano do ensino médio. Essa classe foi escolhida por ser ela a única comum aos sete professores participantes do programa *Ensino Médio Em Rede*, entre 2004 e 2006, e sujeitos da pesquisa em 2008.

Os professores participantes da pesquisa possuem formação nas diferentes áreas do conhecimento. Formados há mais de treze anos, a maioria cursou Licenciatura Plena em alguma instituição particular de ensino no final dos anos oitenta do século passado, todos formados no estado de São Paulo. Atuam desde então na rede pública de ensino. Atualmente seis deles são efetivos da rede estadual de ensino da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Os sujeitos da pesquisa se prontificaram a participar, mas, num primeiro momento, ficaram um pouco receosos. Essa etapa foi superada por meio do diálogo durante os meses que precederam as entrevistas, quando os esclarecimentos sobre os motivos e objetivos da investigação foram feitos e foi estabelecido um elo com os interlocutores. As entrevistas, de fato, só ocorreram em dezembro de 2008 quando todos conseguiram organizar seus horários.

Conforme foi dito anteriormente, para a geração de dados, foram utilizados questionários e entrevistas e a intenção foi estabelecer um diálogo com os sujeitos participantes da pesquisa e, principalmente, dar voz aos professores do ensino médio. Os meios utilizados somente ganharam vida no momento em que foram analisados com base no referencial teórico adotado. O autor a seguir afirma:

Não poderíamos afirmar categoricamente que os instrumentos que se usam para realizar a Coleta de Dados são diferentes na pesquisa qualitativa daqueles que são empregados na investigação quantitativa. Verdadeiramente, os questionários, entrevistas etc. são meios “neutros” que adquirem vida definida quando o pesquisador os ilumina com determinada teoria. (TRIVIÑOS, 1987, p. 137).

Os dados obtidos começaram a “adquirir vida” a partir dos textos teóricos adotados pela pesquisadora, pois conduziram as escolhas metodológicas para a realização deste trabalho e o mesmo referencial teórico conduziu a geração de dados e influenciou a sua análise. Em todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, procurou-se considerar e

valorizar os sujeitos participantes, o lugar de onde falavam, para quem dirigiam seus discursos e quais suas influências culturais.

Os dados foram obtidos, analisados e interpretados a luz de toda complexidade das “influências” de seu contexto gerador.

## **1.2 Instrumentos de busca e de coleta de dados**

Definido o local onde seria realizada a pesquisa, uma escola pública estadual de ensino médio, foram determinados os instrumentos para a busca e coleta de informações pertinentes à investigação. Primeiramente optou-se pela utilização de um questionário com perguntas objetivas para a seleção dos docentes aptos à pesquisa, pois eles deveriam ter participado do programa *Ensino Médio Em Rede*, entre os anos de 2004 e 2006.

O questionário dos alunos foi elaborado com perguntas fechadas e abertas, pois o objetivo era obter informações sobre as práticas de leitura e escrita do segundo ano do ensino médio. A escolha desta classe ocorreu por ser ela onde, dentre seus onze professores, sete cursaram o *Ensino Médio Em Rede* e foram sujeitos da pesquisa. Desta forma estabeleceríamos relações entre seus dados e os dos alunos no momento da análise.

As entrevistas foram realizadas apenas com os professores. Os objetivos foram: a obtenção de informações referentes ao curso *Ensino Médio Em Rede* e a busca de dados sobre as práticas de leitura e de escrita destes professores de ensino médio. Para a realização das entrevistas foi elaborado um roteiro simples. Ele conduziu o diálogo em torno dos temas *Ensino Médio Em Rede*, leitura e escrita.

Os documentos do *Ensino Médio Em Rede*, foco central desta pesquisa, também foram objeto de estudo para a busca de dados. Tivemos acesso a todo material (Fichário, CD-ROM, DVD, Vídeo, Revistas e Sites) disponibilizado para os professores entre os anos de 2004 e 2007.

### **1.2.1 Os questionários**

Para identificar os sujeitos que poderiam participar desse projeto foi elaborado e aplicado um questionário (APÊNDICE A) com perguntas fechadas. Conforme afirmamos antes, com este questionário foi possível a identificação de professores de ensino médio que tivessem realizado o *Ensino Médio Em Rede* e ministrassem aulas no ensino médio no ano de 2008. Assim foram selecionados os sete sujeitos docentes da pesquisa. Com o mesmo questionário foi possível verificar qual turma de ensino médio esses sete professores tinham em comum naquele ano letivo, para que tais alunos também fossem escolhidos como sujeitos da pesquisa. A classe que melhor atendeu a esse critério foi um segundo ano de ensino médio diurno, pois dos seus onze professores, sete atendiam aos critérios e aceitaram participar da pesquisa.

O questionário elaborado para os alunos (APÊNDICE B) teve o objetivo de obter uma amostragem dos hábitos de leitura e de escrita dos alunos do ensino médio. A turma de segundo ano de ensino médio escolhida concordou em participar da pesquisa com respostas ao questionário. Ela era composta de vinte e quatro alunos, sendo quatorze meninos e dez meninas.

### **1.2.1.1 A forma de organização dos dados**

O primeiro questionário elaborado para os professores trouxe as informações necessárias para a seleção dos professores aptos a participarem da pesquisa, que deveriam ter participado do programa de formação continuada *Ensino Médio Em Rede* nos anos de 2004, 2005 e 2006. Com os dados obtidos foi possível a elaboração do Quadro dois e do Quadro três, com a caracterização dos sujeitos docentes. As informações não solicitadas no questionário e que posteriormente foram necessárias, foram obtidas diretamente com os professores em diálogos não gravados, por exemplo, perguntamos diretamente a eles sobre onde cursaram o ensino superior, qual o curso e a instituição de ensino.

O questionário dos alunos trouxe informações diversas sobre suas práticas de leitura e de escrita. Para melhor visualização dos dados, as respostas obtidas foram organizadas em forma de gráfico de colunas coloridas.

### **1.2.2 As entrevistas**

Para que as entrevistas ocorressem em uma atmosfera favorável (GIL, 1999) houve vários encontros e conversas entre a pesquisadora e os professores entrevistados. Na verdade professores e pesquisadora trabalharam juntos durante todo o ano letivo de 2008, pois a pesquisadora é também professora da escola pesquisada. As entrevistas ocorreram na própria escola, no final do ano letivo de 2008, quando os professores estavam menos sobrecarregados, aliviados, num clima de descontração e relaxamento com a proximidade do final do ano.

Foi elaborado um roteiro para nortear o diálogo durante as entrevistas, pois o objetivo era a conversa fluir sem obstáculos. Cada professor foi entrevistado individualmente e as entrevistas duraram no máximo vinte minutos, durante suas aulas vagas, quando eles estavam na escola aguardando suas próximas aulas. Durante as gravações das entrevistas ocorreram algumas interrupções, pois os professores, mesmo fora do horário de trabalho, eram solicitados por funcionários da escola. É possível ouvir durante todas as entrevistas os sons vindos do pátio da escola. Todavia ocorreram num clima agradável e rapidamente a presença do gravador já não incomodava mais. A maioria demonstrou não sentir receio em falar, e durante a entrevista houve essa preocupação de dar voz aos professores para exporem seus conceitos e opiniões. É importante salientar que o fato dos professores e a pesquisadora trabalharem juntos e de sua confiança na pesquisadora fez com que se sentissem à vontade. Entenderam que a pesquisa não tinha intenção de julgá-los e condená-los, portanto não havia a possibilidade ou intencionalidade de prejudicá-los. Isso facilitou o trabalho de pesquisa.

No momento das entrevistas e posteriormente no momento da transcrição, considerou-se a fala dos professores apenas uma pequena parte do que pretendiam expressar, apenas um fragmento de seus conhecimentos, sentimentos, opiniões, dúvidas e aflições cotidianas (BAKHTIN, 1990) que surgem no grupo social de que participam. Para que pudessem emergir dessas entrevistas informações ricas foi fundamental lembrar o contexto social em que foram produzidas.

### **1.2.2.1 A transcrição das entrevistas e a categorização**

A transcrição das gravações das entrevistas ocorreu no primeiro semestre de 2009 durante um longo processo de audição das gravações, pausa do gravador, digitação das falas,

nova verificação e correções. Esse trabalho foi realizado pela própria pesquisadora, em sua casa, apenas com o auxílio do gravador e do computador pessoal. O resultado foram dados importantíssimos à delimitação dos rumos da pesquisa, pois pela primeira vez foi possível refletir sobre a fala dos professores sem interrupções, com clareza, pois:

A transcrição é a primeira versão escrita do texto da fala do entrevistado que deve ser registrada, tanto quanto possível, tal como ela se deu. [...] Numa segunda versão, deve ser feita uma limpeza dos vícios de linguagem e de sintaxe (quando não se tratar de um estudo cujo foco principal seja construção da linguagem), mas sem substituição de termos. (SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI, 2008, p. 74).

Durante as transcrições, procurou-se seguir as orientações acima citadas, mas sem grandes interferências, pois era importante manter o dito e o não dito dos professores, o verbal e o não verbal.

Houve trechos da transcrição em que a adequação às normas propostas por Marcuschi (1968 apud URBANO; PRETI, 1988), Quadro 1, na página seguinte, não foram simples, algumas pequenas improvisações se fizeram necessárias, mas sem alterar o sentido e nem substituir termos dos professores. Mantivemos assim a transcrição fiel ao discurso dos entrevistados.

O texto obtido a partir da transcrição das entrevistas (APÊNDICE C) foi o principal material para análise do conteúdo. Esse tema será trabalhado nos próximos capítulos, no entanto, cabe ressaltar a importância da análise das entrevistas e sua categorização no desenvolvimento metodológico da pesquisa. A cada volta ao texto derivado das transcrições surgem novas possibilidades. Considerando que:

Leituras e releituras do texto completo das entrevistas, com anotações às margens, permitem ao longo do tempo a elaboração de sínteses provisórias, de pequenos *insights* e a visualização de falas dos participantes, referindo-se aos mesmos assuntos. Estes, nomeados pelo aspecto do fenômeno a que se referem, constituem uma categoria.

A categorização concretiza a imersão do pesquisador nos dados e a sua forma particular do mesmo conjunto de dados, pois essa construção depende da experiência pessoal, das teorias do seu conhecimento e das suas crenças e valores. (SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI, 2008, p. 75)

A retomada do texto obtido a partir da transcrição das entrevistas precisou de um longo tempo para ser analisado e a cada releitura outras possibilidades surgiam.

As entrevistas foram ouvidas exaustivamente durante a transcrição e posteriormente para correção do texto. Após meses no trabalho do material, as orientações de como tratá-lo surgiram durante a análise dos dados. As principais categorias foram definidas a partir de determinadas perguntas que conduziram a respostas mais detalhadas e deixam transparecer informações nem sequer imaginadas originalmente.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e come/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúsculas	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	::podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh:: ... o dinheiro
Silabação	–	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	— — —	... a demanda de moeda _ _ Vamos dar essa notação _ _ Demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	{ligando as linhas	A. na {casa da sua irmã B. sexta-feira? A. Fizeram {lá... B. cozinham lá?
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barreira entre nós”...

Quadro 1 - Normas utilizadas na transcrição das entrevistas.  
(Fonte: URBANO; PRETI, 1988)

### 1.2.3 Os documentos do *Ensino Médio Em Rede*

A necessidade de realizar um trabalho de pesquisa sobre a apropriação da leitura e escrita por professores do ensino Médio surgiu durante o curso *Ensino Médio Em Rede* em que professores de diferentes áreas se reuniam para pensar e discutir questões relacionadas à leitura e à produção de seus textos e de seus alunos.

O fato do universo de professores do ensino médio ser bastante heterogêneo, com sujeitos formados em diferentes áreas, com interesses e objetivos diversos, fortaleceu a ideia de utilização do programa *Ensino Médio Em Rede* como material de pesquisa e também como base para elaboração da rede de ligação entre os interlocutores da pesquisa. Portanto, além de servir como pretexto para os diálogos com os professores, foi também analisado o seu material, alguns textos utilizados em sua elaboração e alguns documentos oficiais da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo para contextualizar o período.

Durante todo processo de execução desta pesquisa, muitas mudanças ocorreram no ambiente de trabalho dos professores entrevistados. Mudanças na política educacional do estado de São Paulo interferiram na vida profissional dos professores.

## 1.3 Caracterização dos sujeitos

Os sujeitos participantes da pesquisa trabalhavam ou estudavam na escola pública estadual do interior paulista, uma escola de periferia onde as perspectivas de futuro, principalmente para os alunos, não eram das melhores. Dos sete professores entrevistados em 2008, apenas um não era efetivo. Três dos efetivos moravam nas proximidades e não pretendiam mudar de bairro ou escola. Dois deles não retornaram em 2009, pois foram trabalhar em outras escolas públicas estaduais em outros municípios da região. Todos os professores aderiram à pesquisa sem objeções. Os vinte e quatro alunos do segundo ano do ensino médio participantes da pesquisa também não colocaram obstáculos, o único problema foi a rotatividade de alunos da escola, de turno, ou de classe durante o ano letivo.

### 1.3.1 Caracterização dos docentes

Os professores entrevistados atuavam na educação no mínimo há treze anos e no máximo há vinte e três; todos possuem Licenciatura Plena e três deles, além de Licenciatura Plena, cursaram Pedagogia. Quatro deles faziam, em 2008, uma jornada de trabalho de aproximadamente quarenta horas semanais (30 a 33 horas-aulas por semana com alunos) e três deles tinham dois cargos e totalizava em média sessenta horas semanais (49 a 52 horas-aulas por semana, com alunos) de trabalho em escolas. Dos sete entrevistados, cinco trabalhavam apenas na escola pesquisada, um deles (P2) também trabalhava em outra escola e outro (P7) trabalhava em outras duas escolas, em outro município. Deles sete apenas um era homem. Por sua presença neste trabalho será feita referência aos professores no gênero masculino. Com todos os professores foi estabelecido contato por telefone ou e-mail para, caso fossem necessárias mais informações, pudéssemos encontrá-los.

Os professores cursaram o *Ensino Médio Em Rede* entre 2004 e 2006 em escolas e municípios distintos do estado de São Paulo; apenas três deles acompanharam o curso na escola pesquisada; dois deles fizeram o curso na Diretoria de Ensino e dois deles fizeram o curso em outra escola ou outro município.

O universo de professores que ministram aulas no ensino médio é bastante heterogêneo. São professores que circulam por diversas escolas, trabalham com muitas turmas de ensino médio e também de ensino fundamental – ciclo II -, possuem formação nas diferentes disciplinas das Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Matemática e Códigos e Linguagens.

Podemos perceber essa diversidade por meio dos quadros a seguir. As informações foram obtidas com os professores por meio de entrevistas e/ou diálogos. O quadro 2 apresenta os sujeitos participantes da pesquisa principalmente em relação à atuação no magistério.

<b>Professores</b>	<b>Tempo no magistério (anos)</b>	<b>Disciplina lecionada</b>	<b>Número de escolas</b>	<b>Ensino Fundamental – ciclo II – ou Ensino Médio</b>	<b>Total de horas/aulas semanais</b>	<b>Idade (anos)</b>
P1	13	História e Geografia	01	Ambos	32	39
P2	15	Filosofia e História	02	Ambos	52	40
P3	18	Matemática	01	Ensino Médio	32	40
P4	18	Língua Portuguesa e Língua Inglesa	01	Ambos	32	45
P5	23	Geografia	01	Ambos	30	45
P6	21	Língua Portuguesa e Língua Inglesa	01	Ambos	54	47
P7	18	Arte	03	Ambos	49	44

Quadro 2 – Caracterização dos sujeitos docentes quanto à atuação no magistério.

No quadro 3 verificamos se os professores do ensino médio também cursaram Pedagogia e se estudaram em instituições públicas ou privadas.

<b>Professores</b>	<b>Licenciatura Plena (Instituição Pública)</b>	<b>Licenciatura Plena (Instituição Particular)</b>	<b>Pedagogia (Instituição Pública)</b>	<b>Pedagogia (Instituição Particular)</b>
P1		X		
P2	X		X	
P3		X		X
P4		X		
P5		X		
P6		X	X	
P7		X		

Quadro 3 – Caracterização dos sujeitos docentes quanto à formação.

No ano de 2009 dois dos professores entrevistados (P2 e P7) deixaram de trabalhar na escola pesquisada. P2 optou por trabalhar em outro município em uma nova função, um outro cargo da Secretaria Estadual de Educação. P7 escolheu trabalhar em outra escola ou município no mesmo cargo e função, mas sem a necessidade de viajar todos os dias. Com o

Quadro 2, percebemos a dinâmica de uma escola de ensino fundamental – ciclo II – e ensino médio onde os professores trabalham com diferentes turmas. Eles também circulam por diferentes escolas. Muitas vezes permanecem apenas duas aulas por semana com seus alunos, por exemplo, nas aulas de Filosofia (ANEXO B). Muitos trabalham com mais de uma disciplina e com uma jornada de trabalho exaustiva.

### **1.3.2 Caracterização dos alunos**

Os alunos participantes da pesquisa cursavam o segundo ano do ensino médio, do período da manhã e tinham entre 16 e 17 anos em 2008. Naquele ano a escola manteve cinco salas de ensino médio no período da manhã e seis salas no noturno. No período matutino eram dois primeiros, dois segundos e um terceiro ano; no período noturno eram dois primeiros, dois segundos e dois terceiros anos. Foi aplicado um questionário com vinte e quatro questões para traçar um perfil sobre os hábitos de leitura e de escrita dos alunos. O questionário (APÊNDICE B) foi aplicado pela própria pesquisadora durante o período de aulas no mês de novembro de 2008; foram convidados e participaram os vinte e quatro alunos presentes.

Os dados obtidos a partir dos questionários de professores e alunos, da transcrição das gravações das entrevistas com professores e da análise do material do programa *Ensino Médio Em Rede* forneceram as principais informações que permitiram o desenvolvimento da pesquisa.

## CAPÍTULO 2

### *Ensino Médio Em Rede*

#### **2.1 Contextualização do programa**

O programa de formação continuada *Ensino Médio Em Rede* (SÃO PAULO, 2004a), foi apresentado pela Secretaria da Educação de São Paulo para assistentes técnicos pedagógicos (atuais professores coordenadores das oficinas pedagógicas das Diretorias de Ensino), professores coordenadores e professores de todas as disciplinas do ensino fundamental - ciclo II - e do ensino médio das escolas estaduais que mantivessem o ensino médio regular no ano de 2004. O curso foi oferecido para docentes que estivessem ministrando aulas das mais variadas disciplinas: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Arte, Educação Física, Leitura, História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Psicologia, Ensino Religioso, Biologia, Química, Física, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas.

Inicialmente todos os professores do ensino médio e também os do ensino fundamental – ciclo II – foram orientados a participarem do programa inicialmente a ser desenvolvido durante o ano letivo de 2004. No entanto, o programa não foi concluído em 2004 e teve continuidade em 2005. Nesta primeira fase do *Ensino Médio Em Rede* foram realizados estudos e discussões sobre o currículo do ensino médio, sobre a realidade das escolas e seus projetos político-pedagógicos e a possibilidade de trabalhar o currículo de forma interdisciplinar principalmente por meio da leitura e da escrita.

As atividades ocorreram coletivamente nas Diretorias de Ensino com a presença de assistentes técnicos pedagógicos e professores coordenadores. Nas escolas, com a presença de professores coordenadores e professores durante as horas de trabalho pedagógico coletivo (HTPC).

O material escrito e distribuído aos professores em forma de folhas soltas de fichário foi elaborado especificamente para o programa e trazia a seguinte orientação:

O programa trata de quatro temas distintos: *A formação do professor no programa Ensino Médio em Rede*; *Professores e alunos: um encontro possível e necessário*; *O currículo da escola média*; *O projeto político-pedagógico da escola*. Tais temas estão associados a dois conjuntos de atividades: as *Vivências Formativas*, nas quais o participante amplia seus conhecimentos sobre o currículo e analisa sua própria prática pedagógica, e as *Vivências Educadoras*, onde são propostas atividades a serem desenvolvidas nos locais de atuação específicos – unidade escolar ou diretoria de ensino – por meio de projetos de trabalho.

As primeiras discutem aspectos relativos ao currículo da escola média e fornecem suporte para o diagnóstico e a análise da ação educativa escolar. Focalizam ainda aspectos relativos à proficiência leitora e escritora do aluno do Ensino Médio, bem como o papel da escola na construção dessa proficiência. As atividades das *Vivências Formativas* oferecem subsídios para organizar e planejar, durante as *Vivências Educadoras*, um projeto a ser desenvolvido com os alunos em sala de aula. (SÃO PAULO, 2004a).

Tal material foi entregue para os professores aos poucos entre os anos de 2004 e 2006. Em 2004 foi entregue parte do material impresso composto por folhas de fichário distribuídas aos professores em blocos temáticos conforme se introduzia um novo tema de trabalho (SÃO PAULO, 2004a); um CD-ROM (SÃO PAULO, 2004b) com textos de apoio, documentos de referência e anexos do material impresso. Houve também apresentações de vídeos e teleconferências, além de atividades pela Internet.



Figura 1 - Fichário com as orientações de trabalho e CD-ROM do programa.  
(Fonte: SÃO PAULO, 2004a, 2004b)

Durante o ano de 2005 novos blocos temáticos foram entregues e finalmente em 2006 foram entregues os últimos blocos temáticos e uma revista com orientações para a elaboração de artigo de opinião (SÃO PAULO, 2004c).



Figura 2 - Revista *Sequência Didática: Artigo de Opinião*.  
(Fonte: SÃO PAULO, 2004c)

A revista era parte do material de apoio para os professores fazerem suas atividades e elaborarem um artigo de opinião. Posteriormente os professores deveriam utilizar esse material com os alunos para estes elaborarem artigos de opinião.

Em 2007 foram enviados os demais materiais sobre ensaio e pesquisa na escola e subsídios para planejar (SÃO PAULO, 2006a, 2006b, 2006c), porém naquele momento as atividades do programa já não ocorriam mais regularmente nas escolas. Aparentemente o programa havia sido interrompido e o material enviado em 2007 não foi trabalhado em nenhum momento nas escolas. Na foto seguinte é possível visualizar o material disponibilizado pelo programa *Ensino Médio Em Rede*: o fichário do material e o CD-ROM em cima do fichário, a revista sobre artigo de opinião e o material sobre ensaio e pesquisa na escola, além dos subsídios para planejar. Apenas uma parte do material foi trabalhada com os professores, entre os anos de 2004 e 2006: o fichário, o CD-ROM e a revista *Sequência*

*Didática: Artigo de Opinião.* Os demais, simplesmente foram encaminhados aos professores em 2007. (SÃO PAULO, 2004a, 2004b, 2004c, 2006a, 2006b, 2006c).



Figura 3 - Todas as publicações e o CD-ROM do programa.  
(Fonte: SÃO PAULO, 2004a, 2004b, 2004c, 2006a, 2006b, 2006c)

O fichário recebido pelos professores no início da capacitação não continha o material completo. A cada tema estudado recebia-se novo material. Seguiu-se a seguinte ordem:

*Vivência Formativa - Tema 1 – A formação do professor no programa Ensino Médio Em Rede* (SÃO PAULO, 2004a). Naquele momento foi apresentada aos professores parte da proposta do programa, que, segundo consta nos documentos, seria abordado da seguinte maneira: *A proposta de formação deste Programa acontecerá no espaço da escola, em horário de trabalho, com a participação da equipe escolar; A necessidade de comprometimento de todas as áreas curriculares com o trabalho de leitura e escrita; A adequação desta proposta de formação às necessidades e finalidades da escola.* (SÃO PAULO, 2004a, p. 11). O material apresentava a contextualização histórica e características gerais da escola de ensino médio, abordava a questão da formação docente e finalmente apresentava a proposta do *Ensino Médio Em Rede* para os professores.

As orientações iniciais do programa destacavam a leitura e a escrita como eixo transversal norteadoras do *Ensino Médio Em Rede*, ou seja, o programa previa o

desenvolvimento de um projeto de aprimoramento da leitura e escrita que faria a ligação de todos os demais temas do programa e também seria o tema comum de estudo a todos os professores, de todas as disciplinas do ensino médio. Todas as tarefas propostas aos professores implicavam atividades de leitura e escrita. Ao final do programa, após meses de estudos, os professores desenvolveriam um projeto com os alunos do ensino médio, com a leitura e produção de textos como focos principais.

Os estudos foram realizados durante as horas de trabalho pedagógico coletivo nas escolas sob orientação do professor coordenador pedagógico. Eventualmente eram disponibilizados vídeos orientadores para a realização dos trabalhos e também palestras em VHS ou DVD. Em algumas tarefas eram solicitadas a leitura dos textos de apoio presentes no CD-ROM. O primeiro tema foi trabalhado no ano de 2004 e envolvia apenas os professores nas escolas, sem a participação dos alunos.

*A Vivência Formativa – Tema 2 – Professores e alunos: um encontro possível e necessário* (SÃO PAULO, 2004a). Durante a abordagem desse tema o foco dos estudos foi: *As múltiplas representações dos atores envolvidos na prática educativa, tendo em vista a contemplar: O perfil e as expectativas do jovem de hoje. As representações dos jovens sobre a escola, o ensino e os educadores. As práticas letradas que caracterizam o jovem de hoje. As práticas escolares que viabilizam maior aproximação entre alunos e professores, fundadas no princípio do protagonismo juvenil.* (SÃO PAULO, 2004a, p. 23). Nesse momento foram trabalhados dados de pesquisas sobre os jovens, depoimentos de alunos e professores de escolas de ensino médio presentes nos textos de apoio do CD-ROM. Os professores também tiveram acesso a vídeos e depoimentos de diferentes atividades realizadas em escolas públicas de São Paulo com a intenção de valorizar a cultura juvenil. As atividades do tema dois aconteceram apenas no ano de 2005, com orientação do professor coordenador os professores participantes realizavam tarefas sugeridas no material impresso e respondiam pesquisas via internet disponíveis por determinado tempo e eram acessadas através de *login* e senha.

Após os estudos sobre o perfil e as expectativas do jovem, o programa trouxe a proposta de discussão do currículo do ensino médio. *A Vivência Formativa – Tema 3 – O currículo na escola média* (SÃO PAULO, 2004a) trouxe questões legais de regulamentação do currículo do ensino médio para serem estudadas pelos professores. Os tópicos principais foram: *Visão histórica e perspectivas atuais do Ensino Médio. A organização curricular em áreas de conhecimento.* (SÃO PAULO, 2004a, p. 45). Foram discutidas as principais diretrizes das políticas públicas em relação ao Ensino Médio no Brasil e as possibilidades de organização do currículo das escolas com uma base comum e uma parte diversificada do

currículo e a possibilidade de um currículo organizado por áreas de conhecimento: Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; Códigos e Linguagens e suas Tecnologias. Nesse momento os grupos de estudo foram subdivididos pelas áreas de conhecimento e foi escolhido um professor de cada uma das três áreas para auxiliar o professor coordenador pedagógico na escola como coordenador de área para orientação dos trabalhos em cada uma das escolas estaduais participantes do *Ensino Médio Em Rede*. As atividades do tema três ocorreram no ano de 2006. Nesse ano foi entregue a cada um dos professores a revista *Sequência Didática: Artigo de Opinião* e se iniciaram as discussões para a elaboração de um projeto de leitura e produção de um artigo de opinião pelos alunos do ensino médio.

As atividades de leitura e produção textual foram aprofundadas durante as atividades das *Vivências Educadoras*. Com elas os professores realizaram diferentes exercícios de leitura, interpretação e produção de textos para posteriormente trabalhar com os alunos a produção de um artigo de opinião em cada uma das três áreas. As atividades das *Vivências Educadoras* foram iniciadas apenas com professores e seus temas eram intercalados com os temas das *Vivências Formativas* para então ser desenvolvido o projeto com os alunos do ensino médio. As *Vivências Educadoras* foram divididas da seguinte maneira:

*Vivência Educadora – Tema 1 – A transformação de problemas e soluções em um projeto de trabalho* (SÃO PAULO, 2004a). Através desse tema foi explicitada aos professores a questão da leitura e escrita no programa *Ensino Médio Em Rede*. Os trabalhos focaram as seguintes questões: *Políticas públicas referentes à leitura e às condições do acervo. Análise dos dados do Saresp/2003, com foco no perfil do aluno. Levantamento do que a equipe escolar considera que o aluno deve ler e escrever, tendo em vista os objetivos do projeto político-pedagógico e o plano de ensino. Definição do projeto de trabalho que os professores desenvolverão em sala de aula, levando em conta que deve: ser interdisciplinar; buscar o desenvolvimento de competências leitoras e escritoras; ter como produto final a escrita de um artigo de opinião. Apresentação do projeto de trabalho e levantamento do conhecimento prévio dos alunos em relação ao tema escolhido.* (SÃO PAULO, 2004a, p. 11). Algumas atividades propostas durante as *Vivências Educadoras* pretendiam levar os professores a refletirem sobre suas práticas de leitura e escrita e oferecer subsídios para desenvolverem sua formação e compreensão teórica sobre o tema.

*Vivência Educadora – Tema 2 – Prática de leitura: é preciso mudar?* (SÃO PAULO, 2004a). Foram destacados os seguintes assuntos: *Análise das práticas de diferentes áreas, identificando as competências contempladas nas atividades de leitura e produção de texto.*

*Fundamentos teóricos dos trabalhos com leitura e escrita e suas implicações para a prática educativa, incluindo: aspectos envolvidos na compreensão de textos; competências e habilidades de leitura de textos; gêneros do discurso e prática educativa das diferentes áreas. Discussão de procedimentos e estratégias de leitura. Planejamento e desenvolvimento de atividades de leitura de textos voltados para o tema do projeto, com produção de sumário e sinopse.* (SÃO PAULO, 2004 a, p. 27). Nesse momento os professores das diferentes áreas e diferentes disciplinas participaram de atividades geralmente voltadas apenas aos professores da área de Códigos e Linguagens e suas Tecnologias, principalmente professores de Língua Portuguesa.

*Vivência Educadora – tema 3 – Leitura e escrita: trabalhando com sequências didáticas* (SÃO PAULO, 2004a). Nesse ponto do programa é que de fato os professores desenvolveram o projeto com os alunos, utilizando a revista *Sequência Didática: Artigo de Opinião*. O terceiro tema ficou assim dividido: *Aspectos envolvidos na produção de textos. Produção de artigo de opinião sobre o papel da atual escola média, com foco na própria área de atuação. Planejamento e desenvolvimento de uma sequência didática de artigo de opinião a ser trabalhada em sala de aula. Análise do desenvolvimento da sequência didática com os alunos. Ações orientadas pelo princípio do protagonismo juvenil a serem desenvolvidas na escola.* (SÃO PAULO, 2004 a, p. 55). Esse foi o último tema desenvolvido com os professores no final do ano letivo de 2006.

No ano de 2007 as escolas entregaram para os professores inscritos no programa os seguintes materiais em forma de revista ou livreto: *Revendando Rumos: Subsídios para Planejar* (SÃO PAULO, 2006a); *Ensaio e Pesquisa na Escola* (SÃO PAULO, 2006b, 2006c). Não houve nenhuma atividade coletiva com o material sobre ensaio e pesquisa na escola e os subsídios para planejar, apenas foram entregues para os professores que ficaram aguardando novas orientações, mas o programa *Ensino Médio Em Rede* foi interrompido e os professores informados de que não haveria continuidade naquele momento.

Durante os anos de 2004 a 2006 as atividades foram planejadas para acontecerem coletivamente na escola, no horário de HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo); individualmente, realizada pelo professor em suas horas livres ou no horário de HTPL (Hora de Trabalho Pedagógico Livre) e ainda em sala de aula junto com os alunos. Todo o trabalho foi orientado pelo professor coordenador pedagógico da escola e no ano de 2006 foi solicitado um professor representante de cada uma das três áreas: 1) Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias: Matemática, Química, Física e Biologia; 2) Ciências Humanas e suas Tecnologias: História, Geografia, Filosofia e Sociologia; 3) Linguagens e Códigos e suas

Tecnologias: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna (Língua Inglesa), Arte e Educação Física) para que pudessem participar das teleconferências e coordenar os trabalhos por área nas escolas. Havia também o mediador de cada área na Diretoria de Ensino, o assistente técnico pedagógico, orientador dos Professores Coordenadores e dos Professores Representantes durante as reuniões na Diretoria de Ensino. Os mediadores e os professores coordenadores recebiam orientações, participavam de fóruns de discussões, entregavam as atividades e relatórios avaliativos pela Internet. Havia uma ferramenta da *web* específica para facilitar a interação dos envolvidos no programa, o *Prometeus*.

O material impresso trazia as orientações de atividades e direcionava o trabalho a ser realizado com os professores para dar encaminhamento ao curso. Isso foi fornecido paulatinamente, ou seja, os docentes não tiveram acesso ao material completo desde o início do programa. O CD-ROM trazia os anexos, textos de apoio e legislação sobre o ensino médio, além de dados de sistemas avaliativos estaduais e nacionais. Nas fotos abaixo podemos ver o CD-ROM e os detalhes de seu encarte.

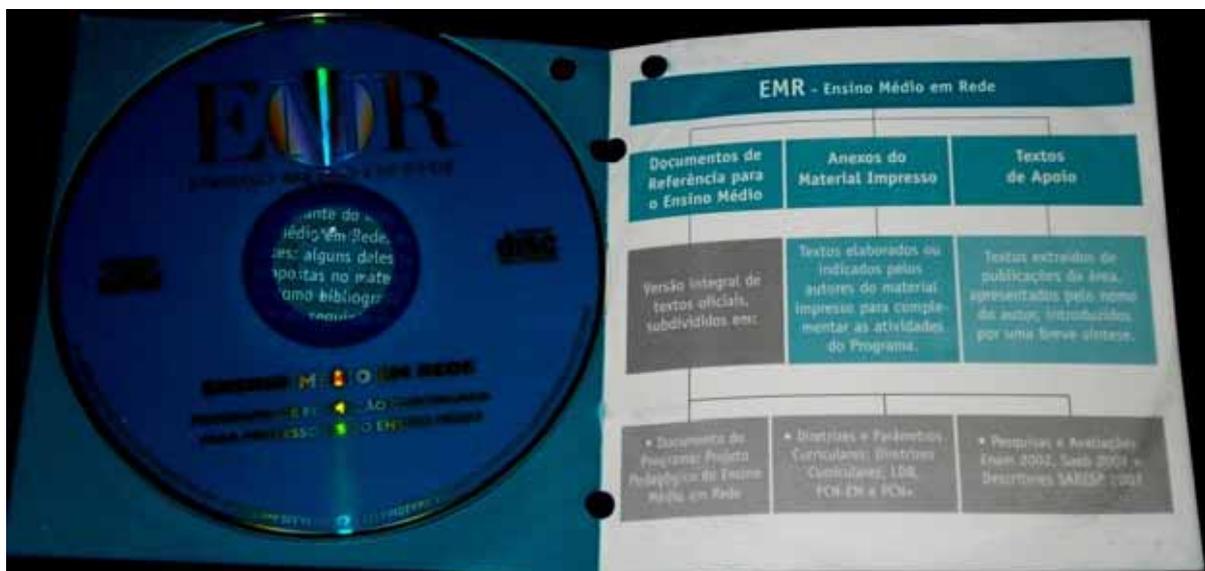


Figura 4 - CD-ROM e seu encarte.  
(Fonte: SÃO PAULO, 2004b)

O CD-ROM contém os documentos de referência para o ensino médio, os anexos do material impresso e os textos de apoio. Abaixo verificamos mais detalhes do encarte do CD-ROM (SÃO PAULO, 2004b).

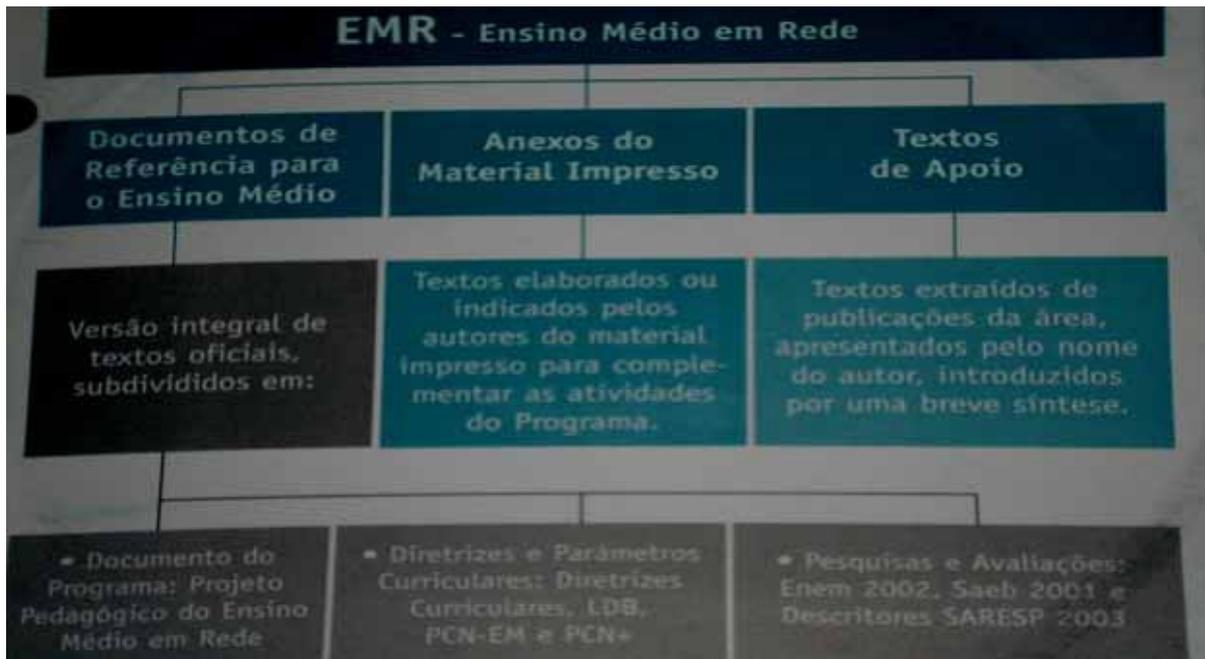


Figura 5 - Detalhes do encarte do CD-ROM.  
(Fonte: SÃO PAULO, 2004b)

O material abordou a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996); os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 1999) e as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2002) e trouxe para o debate na escola a questão das mudanças para o ensino médio.

## 2.2 Informações oficiais sobre o programa

No ano de 2000 foi assinado um convênio entre o Estado de São Paulo e a União que forneceria os recursos necessários para o desenvolvimento do programa.

Convênio 177/2000 de 20/12/2000 entre a União, por intermédio do Ministério da Educação (MEC), e o Estado de São Paulo, por intermédio da Secretaria da Educação, nos termos do contrato de empréstimo N° 1225/OC/BR firmado entre a União e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). (SÃO PAULO, 2004a).

É válida a lembrança da época: o então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso e o Governador de São Paulo, Mário Covas, eram aliados políticos, ambos do PSDB. Mário Covas faleceu no exercício do cargo, em março de 2001 e Geraldo Alckmin, vice-governador também do PSDB, assumiu o cargo e posteriormente, em 2002, foi reeleito governador do estado de São Paulo. Governou de janeiro de 2003 a março de 2006 quando se afastou do cargo para concorrer às eleições presidenciais e o vice-governador, Cláudio Lembo (PFL, em 2009 DEM), assumiu o governo do estado. Em janeiro de 2003 Luiz Inácio Lula da Silva (PT) havia tomado posse como Presidente da República e foi reeleito em 2006. A elaboração do programa e sua implementação ocorreu em meio a mudanças no governo federal e estadual. Ainda na fase de disponibilização da verba, em 2000, e início do planejamento do programa, o Governo Federal e o governo do estado de São Paulo eram aliados, mas posteriormente o cenário mudou e pode ser considerado um fator interferente no processo.

Enfim, em 2000, havia uma verba federal aplicável à educação do estado de São Paulo e deveria haver prestação de contas e apresentação de resultados. No site da Rede do Saber da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo ainda estavam disponíveis até outubro de 2009 algumas informações.

O Programa Ensino Médio em Rede foi financiado pelo Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio (Promed) por meio do convênio firmado entre a SEE-SP, o Ministério da Educação (MEC) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Para analisar o investimento feito, deve-se considerar, pelo menos, dois aspectos: o primeiro diz respeito ao investimento realizado diretamente no desenvolvimento do Programa; o outro, refere-se ao custo/benefício da aplicação dos recursos da Rede do Saber que permitiu ampliar muito a abrangência do programa, mantendo-se a possibilidade de utilização de modelo metodológico adequado à formação continuada em serviço que considera processos de reelaboração da prática a partir de reflexão teórica em diferentes etapas do processo de trabalho na escola. Os dados abaixo podem evidenciar a redução de custos possibilitada pela utilização da Rede do Saber.

O investimento de R\$5.613.416,00 realizado no desenvolvimento do Programa incluiu contratação dos serviços de gestão, produção de material didático (material impresso, CD com coletânea de textos, vídeos didáticos), produção de teleconferências, especialistas responsáveis pelo desenvolvimento das videoconferências e mediação das atividades realizadas nos ambientes virtuais de colaboração, equipe técnica para desenvolvimento e suporte dos aplicativos web, suporte para as videoconferências, serviços de transporte e distribuição de material. O investimento nestes itens pode ser traduzido por um custo médio **anual** de R\$ 1.787,71 por escola e de R\$ 90,56 por participante. (SÃO PAULO, 2009, grifo do autor).

O *Ensino Médio Em Rede* obteve financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), da Secretaria de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação (MEC), do Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio (PROMED) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Foi desenvolvido pela Fundação Vanzolini, Secretaria de Estado da Educação (SEE) e pelo Governo do Estado de São Paulo, através da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) e programa *Teia do Saber*. Durante os anos de 2004, 2005 e 2006 houve uma tentativa de trabalhar em rede (Quadros 4 e 5), com o envolvimento de especialistas, mediadores, coordenadores, professores e alunos. Seriam utilizados os recursos da Rede do Saber que poderiam proporcionar esse diálogo de vários interlocutores com os mesmos objetivos de formação continuada de professores com objetivo de um melhor aprendizado e desenvolvimento dos alunos.

Os quadros abaixo (Quadro 4 e Quadro5) estavam disponíveis em links do site da Secretaria da Educação e nos dão a dimensão do número de participantes do programa *Ensino Médio Em Rede*.

<b>Agentes Educacionais</b>	<b>Participantes em 2004</b>	<b>Participantes em 2005</b>
Assistentes Técnico-Pedagógicos	314	310
Supervisores de Ensino	84	75
Professores Coordenadores	4.460	4.435
Professores de Educação Básica II	56.774	57.525
Total de participantes	61.632	62.345
Total de escolas envolvidas	3.080	3.200

Quadro 4 - Ensino Médio Em Rede – 2004 e 2005 – Participantes do Programa  
(Fonte: São Paulo, 2009)

<b>Agentes Educacionais</b>	<b>Total de Participantes</b>	<b>Carga Horária</b>
Supervisor de Ensino	74	200h
Assistentes Técnico-Pedagógicos	345	200h
Professor Coordenador	4.407	160h
Professor Representante	54.031	90h
Total	58.857	650h

Quadro 5 - Ensino Médio Em Rede – Fase 2 – 2006 – Participantes e Carga Horária  
(Fonte: São Paulo, 2009)

É possível observarmos pelas informações acima que os números relacionados ao programa *Ensino Médio Em Rede* foram bastante significativos, desde seu “investimento de R\$ 5.613.416,00” (SÃO PAULO, 2009); o número de educadores envolvidos: “61.632, em 2004”, “62.345, em 2005”, “58.857, em 2006” (Quadros 4, 5, e 6), também foi alto e o período de 2004 a 2006, mesmo com interrupções, foi um tempo considerável de dedicação à formação continuada.

### CAPÍTULO 3

#### O PROFESSOR DE ENSINO MÉDIO E OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA NA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL

Nesta primeira década do século XXI, ficaram em evidência as avaliações externas da educação básica (SARESP, ENEM, PISA) e do ensino superior. Essas avaliações estaduais, nacionais e internacionais (BRASIL, 2009; SÃO PAULO, 2009) aplicam-se diretamente aos alunos e indiretamente aos professores. Sem entrar no mérito da questão das discussões sobre a qualidade e necessidade dessas avaliações, o interessante é entender a quais indicativos esses resultados nos levam, considerando que realmente reflitam a realidade sobre a leitura e a escrita dos brasileiros, sejam eles alunos do ensino médio ou profissionais formados no ensino superior. A partir desses dados, poderíamos afirmar não ocorrência do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita e, portanto, o uso social da linguagem ficaria relegado a segundo plano e dificultaria a aprendizagem e o desenvolvimento do pensamento e da linguagem de professores e alunos. (DUARTE, 1993; FACCI, 2004; FREITAS, 1994; LEONTIEV, 1978a, 1978b; VYGOTSKI, 1995).

Quando nos propomos pensar sobre o processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento da linguagem, não podemos nos restringir à análise da educação básica, pois o processo de desenvolvimento não é concluído nesse momento, porque continua, acreditamos, enquanto houver possibilidade de relações sociais proporcionadoras dos diálogos, das interações verbais (BAKHTIN, 1990), das relações sociais que permitam o desenvolvimento. A partir desses pressupostos, nesse trabalho buscou-se ouvir professores de ensino médio e compreender seu momento, seus sentimentos em relação ao seu próprio desenvolvimento e uso da leitura e da escrita e principalmente se o programa *Ensino Médio Em Rede* os auxiliou de alguma forma no seu próprio desenvolvimento da leitura e da escrita.

Para discutirmos os problemas que apontam para dificuldades no uso da linguagem, especialmente na produção de textos, a análise de como se dá esse processo é necessária, a maneira como o sujeito caminha para sua autonomia intelectual, como seus professores e a escola participam desses diferentes momentos da construção do conhecimento.

Bakhtin (1990, p. 112) nos oferece um caminho para reflexão de tais questões, quando afirma que a “*expressão*” está relacionada à atividade mental e esta tem um fundo ideológico,

já que é marcada pelo contexto histórico, pelas relações sociais entre os interlocutores e está relacionada com um contexto ideológico, histórico e social. A situação social mais imediata e o meio social são fundamentais para a elaboração da enunciação.

Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato da fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos. (BAKHTIN, 1990, p. 117).

A partir destas palavras e da observação do cotidiano escolar, fica evidente a importância dessa relação dinâmica entre professores, alunos e meio social, histórico e cultural. A linguagem se constitui e se transforma continuamente a partir dessa interação entre interlocutores. A formação e capacitação de professores, com o objetivo de autonomia para trabalhar com a linguagem, dominá-la, mesmo que parcialmente, implicam saber que a própria língua está aberta, pode ser trabalhada, elaborada e lapidada. Essas mudanças são produtos das relações sociais, históricas e culturais, ao mesmo tempo em que fazem parte do processo de transformação do meio em que se inserem as pessoas e da própria linguagem.

Ao estudar o desenvolvimento cultural de crianças, L. S. Vigotski (VYGOTSKI, 1995) conclui que este processo é complexo e dialético, social e relacionado ao meio externo, intersíquico, e também, interno, psicológico e intrapsíquico. O desenvolvimento da linguagem estaria diretamente relacionado com o meio social e com o interlocutor, numa relação intersíquica e intrapsíquica.

Mas nós, ao falarmos da etapa externa na história do desenvolvimento cultural da criança, nos referimos a outra coisa; quando dizemos que um processo é “externo” queremos dizer que é “social”. Toda função psíquica superior foi externa por ter sido social antes que interna; a função psíquica propriamente dita era antes uma relação social de duas pessoas. O meio de influência sobre si mesmo é inicialmente o meio de influência sobre outros, ou o meio de influência do outros sobre o indivíduo.

Podemos observar na criança, passo a passo, o relevo de três formas básicas de desenvolvimento das funções da linguagem. A palavra deve possuir, antes de tudo um significado, quer dizer, deve relacionar-se com o objeto; há de existir um nexos objetivo entre a palavra e aquilo que significa. Se não existe este nexos, a palavra não pode seguir desenvolvendo-se. O nexos objetivo entre a palavra e o objeto deve ser utilizado funcionalmente pelo adulto como meio de comunicação com a criança. Tão só depois a palavra terá sentido para a própria criança. Por tanto, o significado da palavra existe

antes objetivamente para os outros e tão só depois começa a existir para a própria criança. Todas as formas fundamentais de comunicação verbal do adulto com a criança se convertem mais tarde em funções psíquicas. Podemos formular a lei genérica geral do desenvolvimento cultural do seguinte modo: toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos; primeiro no plano social e depois no psicológico, a princípio entre os homens como categoria intersíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica. (VIGOTSKI, 1995, p. 150, tradução nossa).

É possível perceber a parcela de responsabilidade que professores e escola têm nesse processo de desenvolvimento das funções psíquicas superiores, principalmente no desenvolvimento da linguagem, mas, para isso ocorrer, é necessário se conhecer e se entender minimamente tal processo para se participar positivamente dele. Os professores necessitariam entender como ocorrem esses processos de constantes mudanças na língua e de transformações do pensamento conforme nos apropriamos da linguagem. Ambos os processos extremamente complexos e dialéticos ocorrem simultaneamente, um interferindo no outro e não cessam enquanto as condições mínimas necessárias estiverem presentes.

O papel do professor nesse processo de formação de alunos, leitores e escritores, precisa ser explicitado. Segundo Orlandi (1996, p. 82),

para o aluno, o conhecimento não vem pronto, mas é, ao contrário, um processo (da elaboração do qual ele faz parte fundamental), também para os que produzem conhecimento, programas e métodos de ensino, existe um processo e uma divisão de trabalho. Nessa divisão de trabalho, cabe ao professor, que está diretamente comprometido com a atividade pedagógica, a elaboração de uma etapa crucial da divisão de trabalho: propiciar, pela ação pedagógica, a sua própria transformação e do aprendiz, assim como da forma de conhecimento a que tem acesso.

O papel do professor é importantíssimo para o aluno poder trilhar o seu caminho como leitor e escritor, mas é necessário o conhecimento de sua função e compreensão plena daquilo que ele pretende compartilhar com os alunos, por exemplo, o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita. O material do *Ensino Médio Em Rede* traz uma reflexão sobre as mudanças no currículo das escolas, uma análise da reformulação do ensino médio e uma proposta de estudo do gênero textual artigo de opinião. A proposta era que fosse elaborada pelos professores, a partir da realidade e necessidades dos alunos e da comunidade, uma nova

organização curricular do ensino médio voltada prioritariamente para o desenvolvimento da leitura e da escrita, mas os objetivos do programa inicialmente não ficaram claros, pois o material foi entregue aos poucos, inclusive as orientações e objetivos foram entregues por temas. Logo no início, o professor não teve acesso a todas as informações sobre o programa de formação continuada. Sobre esta questão, Geraldi (1993, p. 221) nos dá uma importante colaboração quando escreve sobre o problema de identidade do professor: ele não deveria ser mero capataz, reproduzidor da proposta pedagógica da Secretaria da Educação.

Possivelmente, uma proposta como a aqui esboçada exigirá que o professor, de qualquer nível, no jogo institucional, abandone a posição de guardar para si o território de detentor/transmissor de um saber para se colocar, com os alunos, em outro território: o da construção de reflexões e, portanto, de conhecimentos a propósito da linguagem. Enquanto interlocutor de seus alunos, seus conhecimentos funcionariam como subsídios para a reflexão, na interação da sala de aula. (GERALDI, 1993, p. 221-222).

Provavelmente para que o professor de ensino médio saísse da segurança dos conteúdos pré-definidos e se posicionasse como co-autor de uma nova proposta totalmente idealizada em conjunto com seus colegas professores, alunos e comunidade, seria necessário ele próprio sentir tal necessidade, ver-se como protagonista, pesquisador e autor de seus projetos e conteúdos curriculares e, para tanto, teria de ser um profundo conhecedor dos conteúdos embasados nas teorias, ou ter motivos para levá-lo a querer saber mais, voltar a estudar, pesquisar, ler e reler tudo aquilo que o fizesse suprir a defasagem de sua formação inicial. Seria importante o professor ter acesso, durante sua formação em serviço, aos pressupostos teóricos capazes de auxiliá-lo na compreensão de como se dá o desenvolvimento da linguagem e o processo de ensino e aprendizagem dos diferentes gêneros textuais para ele entender o seu próprio desenvolvimento e então poder auxiliar no desenvolvimento dos alunos do ensino médio. Os professores deveriam compreender também seu constante processo de crescimento intelectual, ou como diria Vigotski: “*desenvolvimento das funções psíquicas superiores*” (VYGOTSKI, 1995). A linguagem é uma importante função psíquica superior e seu desenvolvimento será sempre possível se condições ideais forem oferecidas. Por exemplo, um bom programa de formação continuada, bem apresentado e principalmente com início, meio e fim.

É exigido do professor, quando lhe fornecem um material como o do *Ensino Médio Em Rede*, que ele se aproprie do material de acordo com as necessidades do outro, da Secretaria da Educação. Entretanto dificilmente os professores, assim como os alunos, iriam aderir a um programa sem ele lhes ter sido detalhadamente apresentado, seus objetivos explicados, os caminhos a serem seguidos e onde se pretende chegar. Talvez a elaboração conjunta de um programa de formação continuada, com a participação dos professores, proporcionasse a situação ideal para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem no ensino médio.

Os documentos do programa *Ensino Médio Em Rede* produzidos diante da realidade da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (BRASIL, 1996), sob a luz de estudos com uma nova visão da educação, com alguns temas repensados sob a óptica de diferentes autores e teorias, visitados ou revistos sob uma nova perspectiva podem ter deixado os professores desconcertados e inseguros quanto à sua formação e sua capacidade de orientar os alunos do ensino médio. A possível resistência e crítica a uma proposta diferente poderia ser fruto da incompreensão diante de algo novo. Provavelmente os próprios professores sentiram dificuldade em compreender, mesmo porque o programa foi enviado aos poucos, sem a oportunidade dos professores conhecerem a totalidade da proposta desde o início do curso.

Os professores, muitas vezes, reproduzem com os alunos o modo como são tratados pela Secretaria da Educação: sem diálogo, sem o método de trabalho ser definido em cooperação, sem ouvir as necessidades e os objetivos dos outros sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. As relações sociais dentro da escola acabam por ocorrerem da mesma maneira como ocorrem na rede estadual de ensino do estado de São Paulo. Conforme assinala Freitas (1994, p. 94):

A escola tem se fechado num monólogo, o do professor, que pretende passar ao aluno um saber, um conhecimento, que este deve receber passivamente e guardar. É ignorado, muitas vezes, o papel do diálogo, que permite ao aluno, por intermédio de uma atividade interpessoal e intrapessoal, ir construindo os significados, ir construindo o seu conhecimento. É ignorado também o diálogo com a vida, pois a escola procura alcançar um aluno abstrato, sem tempo e sem espaço. E todo o seu discurso torna-se artificial e impreciso, dirigido a um aluno que não é real, a escola fala sozinha, monologiza, sendo incapaz de estabelecer o diálogo, a interação.

Então mesmo com uma proposta razoável, há sempre a questão do monólogo, da não interação verbal, em que não é permitido ao outro se manifestar, dialogar, estabelecer a ponte (GERALDI, 1993; FREITAS, 1994) fundamental para a construção do texto, do contexto, das comunicações verbais onde o conhecimento se constitui a partir da colaboração e das vozes de todos os envolvidos no processo.

Para os professores muitas vezes a falta de percepção do processo, de conhecimento, de base teórica pode ser um entrave ao seu desenvolvimento e de seus dos alunos. Segundo Facci (2004, p. 244),

Se o professor não realiza um constante processo de estudo das teorias pedagógicas e dos avanços das várias ciências, se ele não se apropriar desses conhecimentos, ele terá grande dificuldade em fazer de seu trabalho docente uma atividade que se diferencie do espontaneísmo que caracteriza o cotidiano alienado da sociedade capitalista contemporânea. Como exigir do professor que ele ensine bem, que ele transmita as formas mais desenvolvidas do saber objetivo, se ele próprio não teve e continua não tendo acesso a esse tipo de ensino e de saber?

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo promoveu o programa de formação continuada *Ensino Médio Em Rede* com a justificativa de colaborar para o desenvolvimento dos professores do ensino médio para eles puderem influenciar positivamente a formação de seus alunos. No entanto, aparentemente, houve uma grande distância entre a proposta do programa e o que de fato foi oferecido aos professores. Pretendeu-se organizar algo gigantesco, com números elevados de participantes (professores de todas as disciplinas e alunos do ensino médio); de temas (mudanças no ensino médio, o currículo do ensino médio, interdisciplinaridade, protagonismo juvenil, leitura e escrita, gêneros textuais etc.); de tempo (três anos) e de espaço (todas as escolas públicas estaduais de ensino médio do estado de São Paulo). Talvez tivesse sido melhor um diálogo prévio entre as partes envolvidas (Secretaria da Educação, professores e alunos), antes mesmo da definição do tema a ser trabalhado e os objetivos do trabalho.

O programa de formação continuada ofereceu vários temas de estudo, mas o foco desta pesquisa foi o desenvolvimento dos professores na leitura e na escrita do gênero textual *Artigo de Opinião*. Para melhor compreensão do *Ensino Médio Em Rede* foi necessária a definição de alguns conceitos explorados neste programa de formação continuada, por exemplo, o conceito de Gênero Textual.

Os gêneros do discurso (orais e escritos) são tipos de enunciado com algumas características estáveis definidas pelo seu uso social, sua esfera de circulação: eles se constituem de acordo com o local onde é proferido ou escrito, com quem é o enunciador e com o destinatário do texto. Os professores de ensino médio podem até conhecer bem a nossa língua, mas se não compreenderem bem um determinado gênero textual e sua esfera de circulação poderão ter dificuldade para o ler e escrever. Conforme afirma Bakhtin (2003, p. 284),

Muitas pessoas que dominam magnificamente uma língua sentem amiúde total impotência em alguns campos da comunicação precisamente porque não dominam na prática as formas de gênero de dadas esferas.

Desta forma a proposta de trabalho com gêneros textuais com professores de ensino médio seria uma excelente idéia, pois daria a oportunidade para os professores conhecerem melhor outros gêneros textuais, além daqueles que estivessem habituados a utilizar em suas respectivas disciplinas. O programa de formação continuada *Ensino Médio Em Rede* havia explicitado em suas orientações iniciais a informação da colocação dos professores do ensino médio em contato com diferentes gêneros textuais, no entanto trabalhou-se apenas com o Artigo de Opinião. A *Sequência Didática: Artigo de Opinião*, revista do programa, foi elaborada para ser trabalhada com professores e alunos do ensino médio e apresentava as atividades necessárias para a compreensão e elaboração de um artigo de opinião. Apresentava os passos necessários, ou a sequência a ser seguida para ensinar e aprender a escrever esse gênero textual. De acordo com Schneuwly & Dolz (2004, p. 97, grifo do autor),

Uma “sequência didática” é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. [...]

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor *um* gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

Os professores participantes do programa de formação continuada *Ensino Médio Em Rede* teoricamente teriam condições de, ao término do curso, reconhecer o gênero textual

Artigo de Opinião, produzir um texto com estas características e auxiliar seus alunos nesse processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita de gêneros textuais. Esta pesquisa procurou buscar informações que confirmassem, ou não, o sucesso do programa em atingir o objetivo anteriormente citado.

Nesta pesquisa foram ouvidos os professores e procuramos verificar como foi o programa *Ensino Médio Em Rede*, para sabermos, entre outras questões previamente formuladas, se ele auxiliou ou não os professores no processo de desenvolvimento da leitura e da escrita.

Considerando que os dados avaliativos da leitura e da escrita no estado de São Paulo (SARESP, ENEM) refletiram naquele momento a realidade de baixo desempenho dos alunos do ensino médio, ações para o desenvolvimento dos professores e dos alunos seriam realmente necessárias e bem vindas. Os professores necessitam ter domínio de uma gama de conhecimentos para poderem influenciar positivamente seus alunos. Seria fundamental que a leitura e a escrita estivessem entre as prioridades dos alunos, dos professores, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e da sociedade brasileira para a garantia do letramento de todo o Brasil. Citando Ribeiro (2004, p. 91-92):

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se *letramento*, que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor...

Possivelmente, o letramento de professores e alunos do ensino médio da rede pública estadual do estado de São Paulo fosse o objetivo do programa de formação continuada *Ensino Médio Em Rede*, mas por meio desta pesquisa não foi possível afirmar categoricamente que ele tenha atingido seu objetivo, ao contrário, houve vários indícios de que o programa ficou inacabado conforme observamos na análise dos dados.

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE DE DADOS

#### 4.1 Formação continuada de professores para o desenvolvimento da leitura e da escrita

Com os dados obtidos através das entrevistas, questionários e análise do material do programa *Ensino Médio Em Rede* foi possível algumas considerações sobre o processo de letramento dos professores do ensino médio. Com a utilização do programa para tratarmos da leitura e da escrita no ensino médio, verificamos algumas hipóteses sobre o ensino, a aprendizagem, o desenvolvimento e o aprimoramento da leitura e escrita de docentes. A análise dos dados possibilitou a verificação da utilidade ou não da capacitação oferecida pela Secretaria da Educação e em que seria preciso interferir para a escola proporcionar o desenvolvimento intelectual dos professores. As informações obtidas oferecem possibilidades de análise e apontaram alguns caminhos para os professores interferirem positivamente no seu próprio desenvolvimento, no ensino e na aprendizagem dos alunos. Os dados não trouxeram soluções definitivas, muitas vezes apenas repetiram indícios antigos, já velhos conhecidos dos pesquisadores de diferentes áreas da educação pública, mas indicavam caminhos e possibilidades para os professores do ensino médio desenvolverem um trabalho auxiliar no desenvolvimento da leitura e da escrita na escola.

Para o trabalho com as informações obtidas, foram estabelecidas algumas categorias de análise. Dividimos e selecionamos o material coletado, relacionando-o entre si, com o referencial teórico e com os comentários da pesquisadora. Não foram estabelecidos blocos estanques e totalmente fechados, principalmente porque as análises não foram definitivamente conclusivas. Existe sempre a possibilidade de novas abordagens, de novos olhares e de pontos de vista. A forma como se deu a análise de dados possibilitou idas e vindas, proporcionou ao leitor várias oportunidades de interagir e dialogar (BAKHTIN, 1990) com os sujeitos participantes da pesquisa.

As entrevistas dos professores ofereceram informações preciosas e por esse motivo foram vastamente utilizadas; os demais dados serviram para confrontar os dados das entrevistas. Nas entrevistas, transcritas na íntegra (APÊNDICE A), os professores foram

identificados como P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7 e a pesquisadora/entrevistadora foi identificada como P. Sempre que alguém foi citado na entrevista (Diretor, Professor Coordenador Pedagógico etc.) isso foi explicado com um comentário tal como orientado nas normas para transcrição de entrevistas (MARCUSCHI, 1968 apud URBANO; PRETI, 1988).

O objetivo das entrevistas foi ouvir os professores a respeito do programa de formação continuada *Ensino Médio Em Rede* e verificar se, na opinião dos professores, auxiliou, ou não, no desenvolvimento da leitura e da escrita dos professores.

#### **4.2 Ensino, aprendizagem e desenvolvimento dos alunos na opinião dos professores: “o problema é o aluno”**

Os professores afirmam que seus alunos e eles próprios estão em processo de desenvolvimento da leitura e escrita e que há um longo caminho ainda a ser trilhado. Quando perguntados se os alunos do ensino médio já desenvolveram todas as possibilidades de leitura e escrita, as respostas obtidas foram as seguintes:

P1: P1: Não... eu acho que tem sim possibilidade, sim... Às vezes não assim cem por cento da... classe, né? Mas uma grande parcela tem sim. (Entrevista, dez. 2008).

P1 está confirmando a possibilidade de desenvolvimento dos alunos, mas não de todos, apenas uma parcela. Já P2 comenta do atraso dos alunos estão atrasados no processo de leitura e escrita:

P2: Olha,... nesse ano de dois mil e oito,... Particularmente os alunos que eu trabalhei, eu acho que eles, estão num processo... éh:: retardado de leitura e escrita... Primeiro porque eles têm muita dificuldade éh::: na escrita em função de não ler,... né? Eles não leem muito, eu acredito assim que eles só têm acesso à leitura aqui na escola e durante a sala de... durante as aulas. (Entrevista, dez. 2008).

Os professores P3, P4, P5, P6 e P7 consideram que os alunos ainda estão se desenvolvendo na leitura e escrita e ainda há muito a ser feito, pois não atingiram o esperado pelos professores e pela Secretaria da Educação:

P3: Não, eles estão desenvolvendo... (Entrevista, dez. 2008).

P4: Tem muito,... muito ainda para ser feito,... né? Para eles atingirem o que nós esperamos,... o que a Secretaria de Educação espera,... sem dúvida alguma. (Entrevista, dez. 2008).

P5: Não,... não chegaram.... Eu fiz teste esse ano.... Eu expliquei a matéria,,, e mandei eles escreverem uma prova... dissertativa.... Foram péssimos!... Eles não conseguem expressar o que eles... éh:: eles sabem,... mas não sabem escrever... aquilo que eles estão sabendo. (Entrevista, dez. 2008).

P6: Ainda tem muita coisa pra aprender. (Entrevista, dez. 2008).

P7: Têm muito que desenvolver!... Muito... muito... muito... muito... muito!... Eles não leem,... como eles vão desenvolver? (Entrevista, dez. 2008).

Os professores identificam dificuldades dos alunos do ensino médio na questão da leitura e escrita. Não explicitam os referenciais teóricos em que se baseiam para afirmarem que os alunos ainda podem desenvolver a leitura e a escrita e também não deixam claro quais conceitos de desenvolvimento da leitura e da escrita adotam. Pelas respostas acima cogitamos que os professores apontam apenas os problemas dos alunos, mas não deixam claro se tais problemas são também dos professores sem subsídios para auxiliarem no processo de desenvolvimento dos alunos. O programa *Ensino Médio Em Rede* foi pensado e elaborado para desenvolver a leitura e a escrita de professores e alunos. As afirmações feitas pelos professores confirmam a necessidade de se trabalhar intensamente e de forma diferente a leitura e a escrita na escola, pois os alunos continuam com dificuldades nesse campo. Olhando dessa perspectiva o programa *Ensino Médio Em Rede* poderia ter sido bem recebido pelos professores, pois objetivava trabalhar e dar encaminhamento para resolução de um problema também apontado por eles, mas no decorrer do processo de capacitação não foi isso que ocorreu, como veremos posteriormente.

O discurso dos professores pode deixar transparecer dúvidas em vários aspectos, no entanto deixa clara a consideração de seus alunos leitores e escritores estarem abaixo de suas expectativas. Na visão dos professores, os alunos ainda estão em processo de

desenvolvimento, porém não explicitam a função do professor. Eles se eximem do seu papel, como se o fato de o aluno ter dificuldade na leitura e escrita fosse responsabilidade exclusiva do aluno, ou do sistema, ou da sociedade e não do professor. As condições de trabalho nas escolas públicas de ensino médio, muitas vezes nublam o olhar, de tal forma a manter o óbvio oculto para a sociedade e também para os sujeitos diretamente envolvidos no processo, os alunos, os professores e os gestores. A questão é simples, os alunos estão mesmo em um processo de desenvolvimento da linguagem, do letramento. Talvez esse fosse o momento ideal para os professores trazerem sua bagagem intelectual e compartilharem com os alunos suas experiências, suas angústias, seus pensamentos, para juntos desenvolverem suas potencialidades de leitores e escritores. Entretanto, para isso, o professor precisaria de sentir-se seguro, conhecedor daquilo que pretende trabalhar. O programa *Ensino Médio Em Rede* e a forma como foi recebido pelos professores podem sinalizar a postura do professor como resultado da insegurança, do medo do desconhecido, de ser avaliado e julgado. Para o professor talvez seja mais simples dizer que o aluno não sabe e não quer aprender, do que admitir que talvez ele próprio desconheça como interferir positivamente para que seu aluno se desenvolva.

#### **4.3 Programa de formação continuada *Ensino Médio Em Rede*: proposta de trabalho com gênero textual artigo de opinião**

Os professores também não explicitam quais os conceitos de letramento e gêneros textuais conhecidos e adotados por eles, ou mesmo se entenderam a proposta do programa *Ensino Médio Em Rede* de trabalhar gêneros textuais de maneira a auxiliar professores e alunos, para de fato poderem desenvolver a leitura e a escrita para seu uso social, real e concreto. Ir além da alfabetização para atingir realmente o letramento (RIBEIRO, 2004; SOARES, 2006). A bibliografia do programa e a forma como foi estruturado indicam claramente a proposta de um trabalho dialógico (BAKHTIN, 1990; SCHNEUWLY; DOLZ, 2004), de interação verbal entre professores e alunos, com atividades com o objetivo de realizar a comunicação entre dois ou mais sujeitos com a utilização de gêneros textuais, como o artigo de opinião (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). Porém, sem o conhecimento teórico, sem a compreensão do conceito de língua viva (BAKHTIN, 1990) e a proposta de uso social da escrita talvez tenha havido dificuldade no entendimento da proposta do programa *Ensino*

*Médio Em Rede*, principalmente para os professores sem formação em Letras. A capacitação feita oferecia condições para os professores terem novas possibilidades de trabalho, mas as falas indicam que nem sempre isso aconteceu, pois pouco ou nada utilizaram do programa com os alunos, conforme veremos a seguir:

P: Éh::... e você utilizou essas técnicas do programa? porque na época a proposta era que o professor fizesse o curso...

P1: É...

P: E usasse na sala de aula... Você conseguiu trabalhar?

P1: Eu utilizei... naquele período, né? que eu trabalhei mais com isso aí, eu tava com... eu tinha um primeiro aqui de manhã, eu utilizei... porque tinha que... porque a gente fazia o curso e tinha que trabalhar e depois você tinha que desenvolver, né? as atividades... então tinha que trabalhar, sim... Eu trabalhei. (Entrevista, dez. 2008).

Trabalhou por que “tinha que trabalhar”, essa é a afirmação de P1. Na fala de P1 é possível detectar insegurança. O *Ensino Médio Em Rede* foi utilizado, pois havia uma cobrança para que isso ocorresse, mas não houve uma leitura crítica ou apropriação do material. Diferentemente, P2 tem uma posição definida e uma compreensão maior do processo, conforme observamos na transcrição a seguir.

P: O programa *Ensino Médio Em Rede* interferiu nesse processo de desenvolvimento da leitura e escrita... Seu e dos alunos?

P2: Sim... de alguma forma sim, né? Um programa que eu conheço, que a gente ajudou a trabalhar éh:: em dois mil e seis, ele... ele contribuiu sim pra... mostrar que dá pra abordar a questão da leitura e da escrita de uma maneira diferente da qual eu eu já tinha, né? que eu já éh:::.... trabalhava, mas o problema do programa foi a finalização dele, né? que parou no meio de um processo que os professores e a a gente incluindo, estava ah:::.... se desenvolvendo, né? Então ele foi cortado, foi uma ruptura, assim que acho, que precisava trabalhar mais, né? mas eu acho que ele contribuiu sim... pelo menos pra saber que tem mais coisa pra ser feita. (Entrevista, dez. 2008).

P2 aponta que o programa tinha pontos positivos, todavia não foi trabalhado adequadamente, não houve tempo para o professor compreendê-lo e utilizá-lo com os alunos. P2 fala que o programa “parou no meio de um processo, os professores estavam se desenvolvendo”. Essa interrupção interferiu no resultado geral da implementação do

programa, pois se os professores ainda estavam em processo de desenvolvimento, se não tiveram acesso ao programa completo, parece justificável o *Ensino Médio Em Rede* não ter atingido seus objetivos de desenvolvimento da leitura e da escrita, pois não foi concluído e os professores não o conheceram por completo em nenhum momento do processo.

O professor P3 tem um posicionamento contrário ao programa e manifesta isso claramente.

P: P: E você acha que aquele programa *Ensino Médio Em Rede* te ajudou de alguma forma?

P3: [...] eles não tem noção do que é a escola pública. Eles colocam a culpa no professor: o professor não sabe isso, o professor não sabe aquilo, professor não sabe aquilo outro... Na verdade, o nosso aluno... com a progressão continuada,... ele vem com muita defasagem... As recuperações paralelas, elas não funcionam... como deveriam... a família, ela não... não tem mais nos apoiado,... os pais estão cada vez mais ausentes.... A família ela vive um... eu não sei nem como eu falar, mas... uma decadência, né? [...] só que oh:: Quando a gente fala em *Ensino Médio Em Rede*, eles não se adaptaram... eles pegam é os ensinamentos dos objetivos, interação, não sei o que e tal e faz um projeto maravilhoso lá no papel que, quando você lê... é lindo, mas você vai pra prática, ele não funciona... Ele não dá certo. (Entrevista, dez. 2008).

P3 demonstra ter uma atitude bem crítica em relação ao programa e à forma como ele foi conduzido pela Secretaria da Educação. Diz claramente que o programa não serviu para nada e que o problema da educação pública vai além dos professores e alunos, citando problemas, por exemplo, “com a progressão continuada... ele vem com muita defasagem... as recuperações paralelas elas não funcionam... como deveriam...”, ou seja, o professor P3 aponta para o fato dos alunos terem problemas no processo de ensino e aprendizagem, por serem promovidos pela legislação estadual através da progressão continuada, onde os alunos podem ser retidos apenas nos finais de ciclo, na 4ª e na 8ª série do ensino fundamental e em qualquer série do ensino médio. O aluno promovido com defasagem deveria ser acompanhado na recuperação paralela, mas P3 afirma que ela não funciona, inclusive porque não há apoio da família que está cada vez mais ausente. Desta forma para P3, o *Ensino Médio Em Rede* é maravilhoso no papel, mas não funciona quando se tenta colocá-lo em prática, pois não teria sido idealizado de acordo com a realidade e necessidades da escola pública.

O docente P5 parece meio confuso, não se recorda se utilizou ou em que séries utilizou as orientações obtidas durante a capacitação:

P: Éh:: os objetivos do programa *Ensino Médio Em Rede* éh:: coincidem com os seus?... O que o programa *Ensino Médio Em Rede* propunha... são as mesmas coisas que você propõe pro aluno?

P5: ... Não lembro.

[...]

P: Você chegou a utilizar as técnicas do programa em sala de aula?

P5: Usei,... em algumas,... não todas,... mas usei, sim.

P: Com esses alunos você chegou a usar?

P5: Do segundo? ...

P: É... no ano passado.

P5: Não.... Era do terceiro que terminou,... porque acho que eles mandam mais usar mais no terceiro ano, não é?

P: No ensino médio.

P5: Acho que eu usei mais no terceiro ano. (Entrevista, dez. 2008).

Para P5 o programa do qual participou entre 2004 e 2006 era para ser utilizado naquele momento apenas com o terceiro ano do ensino médio. Não houve a compreensão dos objetivos do programa. Cabe ressaltar que suas orientações foram oferecidas de forma truncada, não houve um contato com o material completo e isso gerou confusão, pois os professores mudavam de escola, tiravam licença, faltavam, enfim, houve muitas variáveis que poderiam dificultar a compreensão dos objetivos do programa.

O professor P7 é direto e afirma que se perdeu no caminho e fez o curso de maneira inadequada, muito mal feito:

P: Você chegou a utilizar alguma técnica do programa em sala de aula,... ou não?

P7: Não, porque eu não conseguia nem me achar dentro naqueles livros,... naquelas folhas.... Me perdia... Cada dia que eu estava numa folha, chegava aqui já tinha pulado três... quatro,... É assim... Não, é verdade... Eu nunca fiz uma coisa tão mal feito na minha vida igual aquilo. (Entrevista, dez. 2008).

A crítica de P7 se dirigiu às folhas soltas do fichário do material, entregues aos poucos, por temas. Caso o professor deixasse de receber uma parte, ou perdesse uma folha, o acompanhamento do curso ficaria prejudicado. De fato, não foi a melhor forma de apresentação para um curso de três anos.

Os professores acima não se sentiram plenamente satisfeitos com o *Ensino Médio Em Rede*, nem mesmo deixam claro se perceberam o objetivo do programa de desenvolver o

aprendizado da leitura e escrita de gêneros textuais. A percepção do programa foi diferente para cada indivíduo, mas em nenhum caso foi claramente perceptível uma transformação profissional.

Os professores com licenciatura em Letras demonstraram maior afinidade com as técnicas do programa e afirmaram trabalhar de acordo com sua proposta conforme observamos no discurso de P4 e P6.

P: Você chegou a utilizar as técnicas do programa... em sala de aula?

P4: Sempre.

P: É.

P4: Nós sempre utilizamos na Língua Inglesa éh::...

P: Aquilo não era novidade então?

P4: Não era novidade, né? Nós estamos fazendo isso... esse processo todo ao longo do tempo dentro das salas de aula... porque... é um assim... é uma.... Nós temos essa grande esperança que um dia eles atinjam ((riu)) todo esse entusiasmo que nós temos pelo Inglês. (Entrevista, dez. 2008).

O professor P4 é docente de Língua Inglesa e Língua Portuguesa, formado em Letras e não sentiu grande impacto com as técnicas do programa. Afirma que não houve novidade, que está habituado a trabalhar conforme as orientações dessa capacitação. Algo semelhante ocorreu com P6, professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa que gostou da capacitação e utilizou posteriormente algumas técnicas com os alunos:

P6: [...] Mas hoje, vendo depois com o segundo colegial e trabalhando com os artigos da Secretaria da Educação para artigo de opinião é fantástico!... Dá um passo a passo.

P: Éh:: você não chegou a utilizar as técnicas em sala de aula,... mesmo agora depois que acabou o programa?

P6: Agora eu peguei mais foi ah:: da Olimpíada de Língua Portuguesa que é do Governo Federal,... mas do Governo Estadual também é uma proposta semelhante, né? Do artigo de opinião... Então, esse ano eu usei sim. (Entrevista, dez. 2008).

O professor P6 cita claramente o objetivo do programa *Ensino Médio Em Rede* de trabalhar a sequência didática do artigo de opinião. Elogia e afirma estar utilizando este material com os alunos do segundo ano do ensino médio. Faz uma comparação entre o material fornecido pelo Governo Federal para as Olimpíadas de Língua Portuguesa e o

material da revista *Sequência Didática: Artigo de Opinião*. Aparentemente esse professor compreendeu de fato a proposta do programa e a utilizou com os alunos.

A proposta do programa *Ensino Médio Em Rede* era proporcionar aos professores do ensino médio a possibilidade de todos, não apenas os professores de Língua Portuguesa, trabalharem o gênero textual artigo de opinião com os alunos de ensino médio, de tal forma a desenvolverem a leitura e a escrita. Esse aprendizado deveria ser conjunto, cooperativo e, possibilitaria desenvolver a leitura e a escrita, praticando-as diariamente, mas uma leitura e escrita com sentido e objetivo, feitas por motivos reais, pela necessidade de se expressar, comunicar-se (BAKHTIN, 1990; JOLIBERT, 1994a, 1994b). Pela fala dos professores é possível afirmar que isso não ficou plenamente claro; os docentes cursaram essa capacitação, pois foram orientados a fazê-la, porém não entenderam bem os motivos e os objetivos do programa.

Na entrevista abaixo o professor da área de Ciências Humanas não entende o porquê de ter de trabalhar linguagem:

P5: [...] Agora o *Ensino Médio Em Rede* em si teve um pouco mais linguagem mais em Português, ... então ficou... achei que... falhou um pouco porque tem coisas que a gente não sabe... (Entrevista, dez. 2008).

O professor P5 percebe suas dificuldades em trabalhar a linguagem, mas parece não ter compreendido que era essa a proposta do programa, ou seja, proporcionar o desenvolvimento da leitura e escrita a todos os professores do ensino médio, principalmente para aqueles que não fossem formados em Língua Portuguesa. Esta era a característica mais importante do programa: colocar todos em contato com os gêneros textuais para desenvolver a leitura e a produção textual para posteriormente eles poderem proporcionar esse desenvolvimento aos alunos. Com a interrupção do programa, o trabalho com gêneros textuais se restringiu ao trabalho com o Artigo de Opinião apenas.

#### **4.4 Desenvolvimento da leitura e da escrita dos professores**

Durante o período em que participaram do *Ensino Médio Em Rede*, os professores se deram conta de estarem em constante processo de aprendizagem da leitura e escrita e de que esse processo não acaba e pode ser enriquecido, porque conforme trabalham com os alunos, estabelecem o uso social da língua, através da interação verbal cotidiana com os alunos (BAKHTIN, 1990). Nas entrevistas com os professores esse aspecto ficou claro. Perguntado se já desenvolveram tudo que poderiam na leitura e escrita, as respostas obtidas foram:

P2: Não!... de jeito nenhum!... ainda temos algumas dificuldades, né? É uma questão de... até porque... a leitura e a escrita é um processo contínuo, a gente vai passando por níveis, né? É obvio que... ainda... ( ) posso me considerar um leitor em processo,... mas ainda não tenho... um nível de... de letramento assim... digamos final.... Não sei nem se existe um nível final. (Entrevista, dez. 2008).

P2 foi enfático. Se considera “um leitor em processo” e não sabe se existe um “nível final” de letramento. Ele considera que ainda pode desenvolver a leitura e escrita. Compreende que está em um processo de ensino e aprendizagem, de desenvolvimento. Reconhece que o letramento não possui um ponto final. Demonstra compreender alguns conceitos importantes para compreensão do programa *Ensino Médio Em Rede*.

P3 relaciona a necessidade constante de aprendizado quanto ao avanço tecnológico. Destaca que muitas vezes temos dificuldades em situações resolvidas por nossos alunos em “dois minutos” e que esse processo de desenvolvimento “é eterno”:

P3: Ah, não! Acho que tem que desenvolver mais, né? Porque a tecnologia está aumentando,... então não posso dizer nunca que já terminou.... Ninguém hoje pensa que com ((rindo)) o conhecimento que tem hoje, vai sobreviver até o resto da vida, está enrolado, né? Até minha mãe com setenta anos, ela está se adaptando!... Com as tecnologias que estão surgindo.... Se você pensa que você sabe ler, de repente chega lá um aparelho eletrônico pra você ligar, e você não consegue,... não é? E, às vezes, você dá pra um aluno e ele fala... ( ) dois minutos lá e ele ligou tudo pra você, já colocou os cabos.. Você fala: “NOSSA e eu não sei fazer isso!” ((riu)) Então eu acho que é eterno,... o professor nunca pode pensar que ele está pronto, ele já tem sempre que estar pensando que está faltando alguma coisa, que ele tem que buscar... conhecimento é legal!... (Entrevista, dez. 2008).

O professor P3 assim como P2 sugere que o desenvolvimento não tem um final, continua sempre ocorrendo, mas relaciona isso às “tecnologias que estão surgindo”. Afirma que o professor nunca pode pensar que ele está pronto. Ele tem que buscar conhecimento.

Essa sensação de incompletude manifesta-se também em P4, P5, P6 e P7. Quando perguntados se acreditavam terem desenvolvido todas as possibilidades de aprendizagem, inclusive na leitura e na escrita, responderam:

P4: ... sem dúvida,... eu tenho certeza que eu posso,... preciso desenvolver mais,... preciso aprender mais,... tanto é que... eu tenho assim fixação em ouvir filmes,... músicas,... estar sempre aprendendo algo diferente, né? O cotidiano da vida deles... esse dia a dia que o Inglês acadêmico não proporciona,... eu tenho sim,... muito a aprender ainda. (Entrevista, dez. 2008).

P5: Ainda tem coisa!... .Nunca a gente sabe tudo... Quando eu ouço alguma coisa diferente, eu falo:... “nossa, nunca pensei nisso!” (Entrevista, dez. 2008).

P6: ... Eu acho que a cada dia você está... melhorando mais, né? Mais leitura.... Mais prática... Você vai melhorando mais... (Entrevista, dez. 2008).

P7: Não... (Entrevista, dez. 2008)

O professor P7 é bem objetivo. Quando perguntado se já desenvolveu todas as possibilidades de leitura e de escrita, respondeu apenas “não”. Deixando claro que não tem dúvidas quanto a isso, ou seja, acredita que sempre é possível continuar se aprimorando. Todos os professores disseram acreditar que podem sempre se desenvolver, que esse processo não tem uma etapa final para os professores.

Podemos perceber que todos os professores entrevistados citaram, conforme vimos anteriormente neste capítulo, no item 4.2, que seus alunos ainda têm muita dificuldade em relação à leitura e escrita e colocam isso como se fosse muito ruim, negativo, mas quando falam de seu processo de aprendizagem, citam isso de forma natural, como parte de um processo interminável de aprendizagem. É interessante, pois cobram mais de seus alunos do que de si mesmos. Aparentemente os professores podem estar em constante processo de aprendizagem e desenvolvimento, entretanto seus alunos teriam que atingir um patamar ideal em um determinado momento do ensino médio.

Quando perguntado aos alunos, por meio do questionário, se eles gostam de ler e escrever e se são bons leitores e escritores, a maioria respondeu afirmativamente.

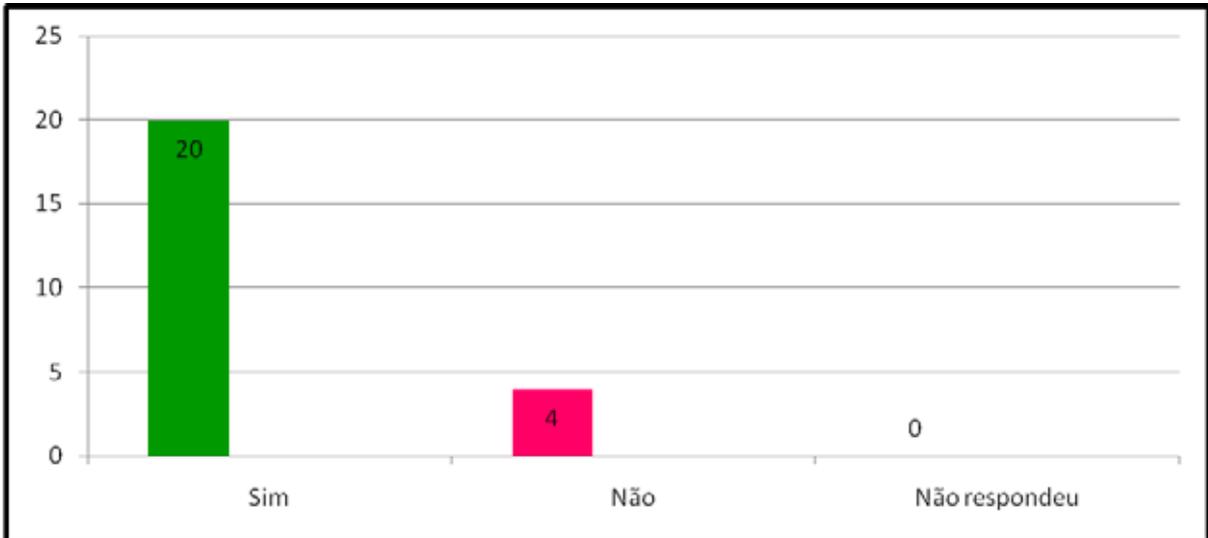


Gráfico 1 - Você gosta de ler?

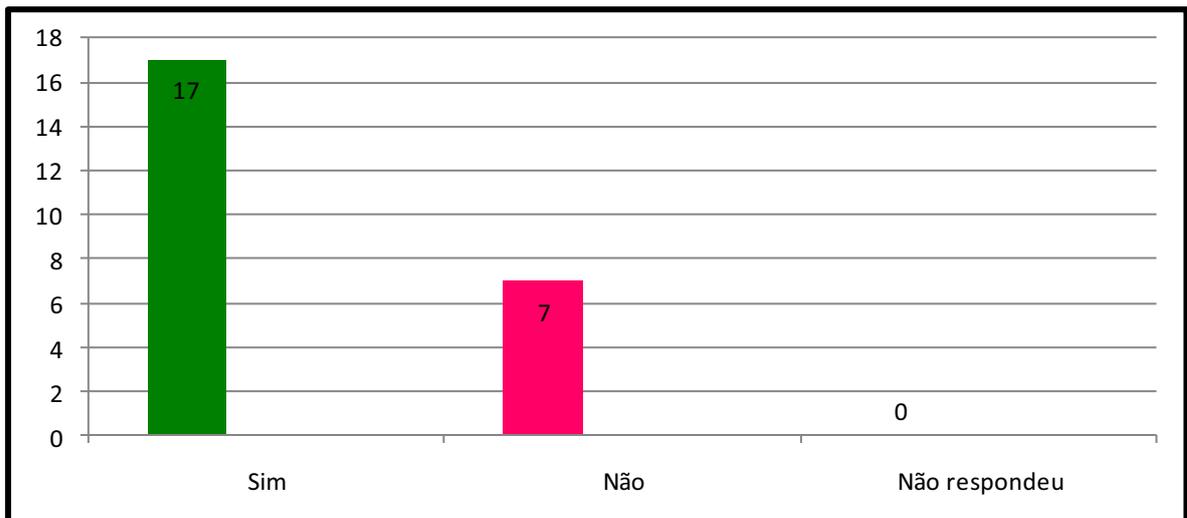


Gráfico 2 - Você gosta de escrever?

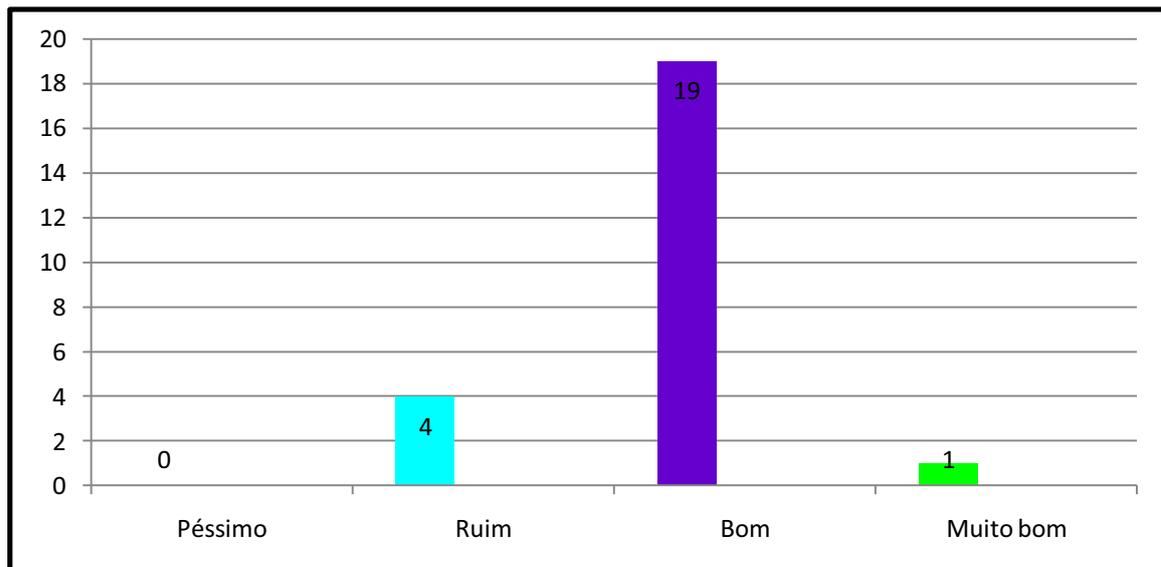


Gráfico 3 – Você se considera um leitor péssimo, ruim, bom, ou muito bom?

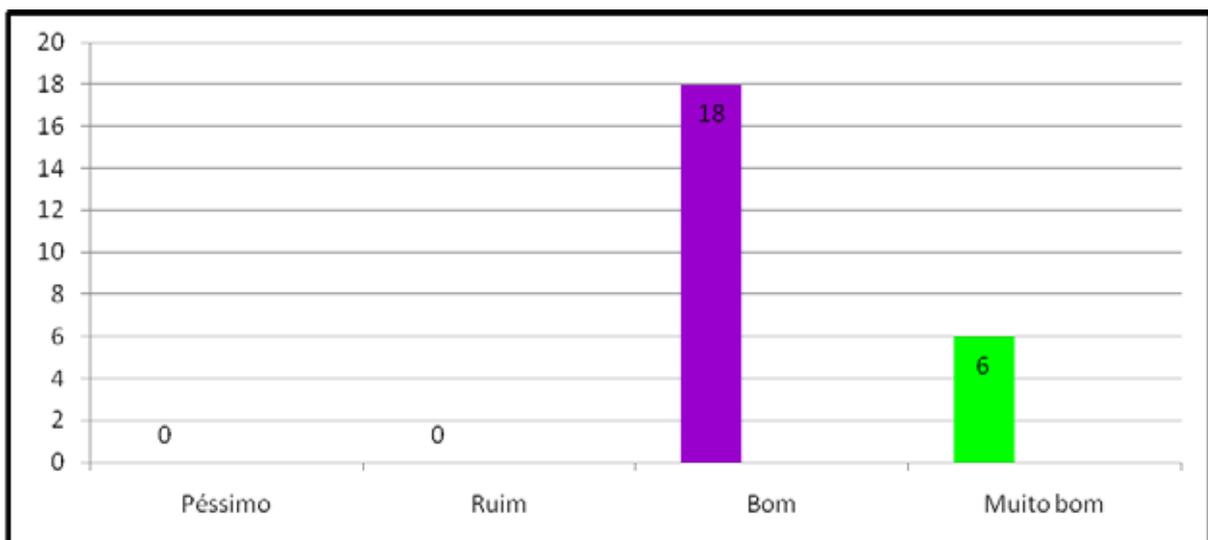


Gráfico 4 - Você se considera um escritor péssimo, ruim, bom, ou muito bom?

Essa percepção de que os alunos não gostam, não sentem necessidade de ler e escrever e têm dificuldade de leitura e escrita é muito mais uma percepção dos professores do que dos próprios alunos conforme vemos nos gráficos acima.

Os professores acreditam que o fato de gostarem de ler e escrever pode influenciar positivamente seus alunos e, de fato, os alunos afirmaram que gostam de ler mais nas aulas desses professores que comentam e indicam livros de acordo com suas práticas pessoais de leitura. Foi as aulas do professor P2 com apenas duas aulas por semana que os alunos citaram como as aulas em que eles mais liam.

P2: Oh... desenvolvimento de leitura e escrita é um processo que é incentivando mesmo... comentando sobre ah:: as leituras que a gente já fez,... tentando mostrar pra eles a... o quão é importante ler, é interessante, é gostoso e eles gostam de ouvir sobre a leitura que a gente tem, né? eu acho que o professor... você tem que gostar de ler primeiro pra poder fazer qualquer tipo de trabalho.

P: E você se sente preparado pra ajudar os alunos nesse processo de leitura e produção de texto?

P2: Sim, é que existem assim alguns fatores que dificultam, né? éh:::.... agora EU, eu gosto de ler... Acho que o número de aulas que a gente tem, acho que é pequeno,... Mas eu acho que é possível.

(Entrevista, dez. 2008).

Podemos comparar o discurso do professor com as respostas dadas pelos alunos, P2 afirma considerar importante incentivar os alunos a ler, e seus alunos, respondendo ao questionário, afirmaram ler bastante nessa aula, conforme observamos no gráfico abaixo:

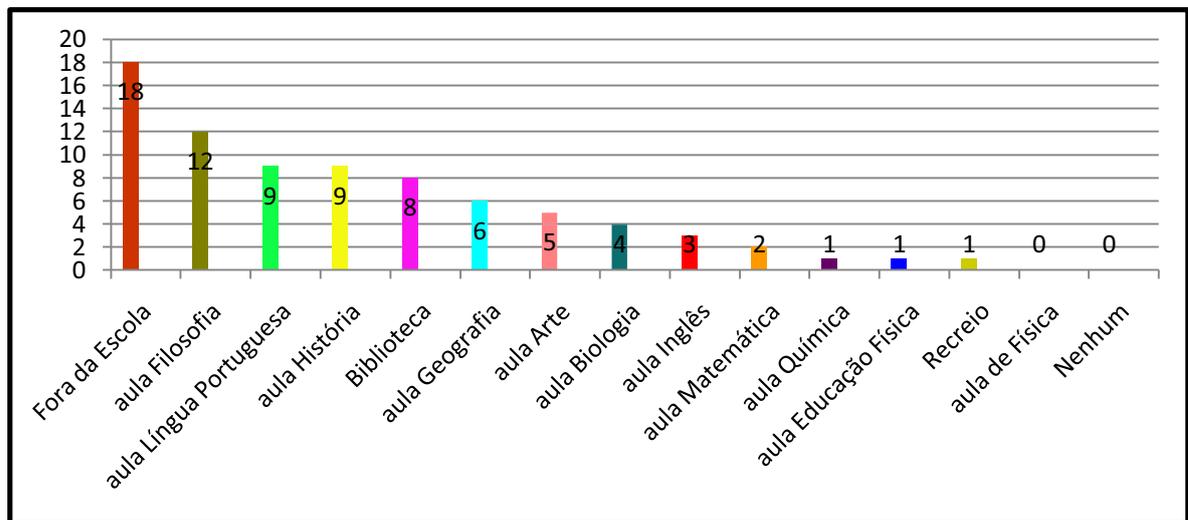


Gráfico 5 - Em que aulas ou momentos você gosta de ler?

Observe o gráfico acima. Perguntado aos alunos do ensino médio sobre onde gostavam de ler, as respostas mais expressivas foram: fora da escola e nas aulas de Filosofia que coincidentemente eram as aulas de P2. É possível afirmar que P2 cumpriu sua função e proporcionou aos alunos condições ideais para que lessem e gostassem de ler em suas aulas. Aparentemente, professores que buscam o desenvolvimento da leitura e da escrita e

compartilham essas experiências com os alunos, auxiliam o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos.

O programa *Ensino Médio Em Rede* deveria ter sido um programa de formação continuada, em serviço. Com ele os professores deveriam ter se aprimorado, melhorado em algum aspecto. Porém os objetivos do programa não foram totalmente evidenciados em 2004, no seu início. O trabalho de desenvolvimento da leitura e da escrita por meio dos gêneros textuais, especificamente com o artigo de opinião, só começou a ser apresentado para os professores, em 2005 e principalmente 2006, quando foram enviadas as folhas do fichário com esses temas e a revista *Sequência Didática: Artigo de Opinião*. No início pareceu ser um programa sobre a mudança curricular do ensino médio, ou sobre a proposta político-pedagógica, ou sobre o trabalho interdisciplinar e a ampliação da participação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, o protagonismo juvenil. Foram muitas informações, perdeu-se o foco.

#### 4.5 Os pressupostos teóricos e os professores

A interpretação dos professores foi bem diversificada em relação ao programa *Ensino Médio Em Rede* e seus pressupostos teóricos. Os esclarecimentos sobre seus objetivos e seus pressupostos teóricos foram prejudicados pelo fato do material não ter sido apresentado logo no início, em 2004, de maneira completa. Este fato interferiu na compreensão do processo de implementação do programa.

Para alguns não houve uma compreensão do processo, apenas as tarefas foram cumpridas. Para outros houve uma visão ampla da proposta e objetivos do programa, mas não houve a utilização junto aos alunos. Parte dos professores percebeu uma proposta nova e diferente para o desenvolvimento da leitura e escrita, todavia sem tempo suficiente para o estudo e aprendizado da abordagem dos gêneros textuais. Podemos perceber isso na fala a seguir:

P: Então os objetivos do programa coincidem com os seus objetivos?

P2: Depende, né? assim é uma... ( ) uma abordagem diferente que o programa... O programa trabalhou... a gente vinha com aquela... aquela visão meio tradicionalista de trabalhar os tipos de textos... e o programa... ele... ele

apresentou uma outra visão,... uma outra abordagem,... uma outra metodologia,... uma outra teoria,... né? éh:: a questão dos gêneros textuais,... das esferas de circulação,... que pra mim era novidade,... né? então se coincidem ou não... Eu não tinha outro parâmetro a não ser aquele parâmetro mais tradicional de texto dissertativo,... narrativo,... descritivo e vendo essa teorização das esferas de circulação dos textos, né? de acordo com o uso social deles, eu acho que abriu um pouquinho o leque... né? Mas eu ainda acho que mais do que até nós desenvolvemos, era preciso trabalhar mais esse lado teórico... porque foi uma grande dificuldade para os professores como eu que não conheciam antes, né? Então eram apresentadas algumas atividades durante o curso do *Ensino Médio Em Rede* e não havia muito tempo pra reflexão dessas atividades, né? E essas atividades tinham que ser aplicadas... e o tempo também era insuficiente, [...] (Entrevista, dez. 2008).

O professor P2 apontou para uma questão bastante pertinente. O fato de o *Ensino Médio Em Rede* trabalhar com todos os professores do ensino médio um tema não comum a todos. Os gêneros textuais e a esfera de circulação dos textos (BAKHTIN, 1999; 2003; SCHNEUWLY; DOLZ 2004) geralmente são assuntos que ficam restritos aos professores de Língua Portuguesa. Isso gerou diferentes reações nos professores. Alguns gostaram de obter novas informações e adquirir novos conhecimentos, entretanto outros não entenderam a razão de ter que estudar algo fora de sua área.

No trecho de P2 logo acima, percebemos que o programa proporcionou ao professor, não licenciado na área de Língua Portuguesa, subsídios possibilitadores do trabalho com os gêneros textuais (BAKHTIN, 1990; 2003; SCHNEUWLY; DOLZ, 2004) e proporcionou também algumas possibilidades de análise da questão do letramento (RIBEIRO, 2004; SOARES, 2006) quando puderam observar o processo de desenvolvimento da sua própria leitura e escrita e também dos alunos. Porém todo e qualquer programa para professores sem esclarecimentos de seus objetivos e com prioridade apenas para o cumprimento de tarefas não irá garantir a formação continuada proposta por ele. Não podemos afirmar categoricamente que o objetivo do *Ensino Médio Em Rede* fosse utilizar a verba disponibilizada, conforme afirma P3 logo abaixo, todavia também a proposta do programa não ficou totalmente esclarecida.

Os professores entrevistados deixam transparecer em seus discursos a incompreensão e indignação com a forma como o projeto foi trabalhado:

P3: [...] Aquele projeto ele foi feito a toque de caixa.... A toque de caixa assim:... Vamos fazer.... Tem dinheiro pra ser feito.... Vamos trabalhar nele e tal... [...]. (Entrevista, dez. 2008).

O professor P3 aponta uma questão presente não apenas nas escolas públicas, mas também em todo setor público: a utilização do dinheiro público. A verba estava disponível e precisava ser utilizada, e, segundo P3, essa foi a prioridade quando o primordial deveria ser o ensino e a aprendizagem de professores e alunos. Houve pressa na elaboração e conclusão do *Ensino Médio Em Rede*. Desta forma, um programa que tinha aspectos interessantes e capazes de propiciar alguns debates e pesquisas, com condições de auxiliar o desenvolvimento da leitura e escrita, acabou sem um encaminhamento adequado.

P6 toca em um outro ponto importante: a falta de esclarecimento em relação à base teórica dos cursos oferecidos pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo:

P6: Ah:: eu acho que ele foi muito corrido éh::: pouco claro, éh::: coisas para fazer,... para fazer,... para fazer,... mas sem muita clareza do que fazer.... E hoje, por exemplo, lá na PUC ((P6 estava participando de um curso on-line da PUC)) a gente percebe, né? Que tem que ter um objetivo claro,... um propósito claro,,... que é para o aluno... para qualquer tipo de aluno, inclusive a gente, né? No caso do Ensino Médio... Então era uma coisa muito... confusa! [...] Você tem que ter um embasamento teórico,... primeiro,... primeiro passo:... embasar os professores com a teoria,... e aí depois disso,... depois de leituras,... discussões, você ir para prática.... Não adianta vim só..... A prática sem ter um embasamento teórico,... porque... a gente não sabe,... entendeu? Como é que eles chegaram até aquilo ali.... Então precisa... nesses cursos que a Secretaria da Educação vai fazer daqui para frente,... tem que ter primeiro embasamento teórico:... as discussões,... o professor entender que teoria,... qual é a metodologia que está por traz disso, [...] (Entrevista, dez. 2008).

O professor P6 tocou num ponto crucial. Falta embasamento teórico aos professores e isso não é oferecido pelos programas de formação continuada da Secretaria da Educação. Esse professor especificamente está buscando auxílio através de um curso *on-line* pela PUC de Campinas (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), mas é uma iniciativa isolada para solucionar um problema geral, possível de ser amenizado pela Secretaria da Educação, caso oferecesse cursos que trabalhassem teoria e prática.

Os professores P2 e P6 percebem claramente os aspectos positivos do programa de trazer para os professores uma abordagem diferente para o ensino e aprendizagem dos gêneros

textuais, mas ambos alertam sobre a falta de aprofundamento teórico e a pressa de se cumprir metas e etapas.

O professor P3 critica o distanciamento entre a teoria e a prática proposta pelo programa assim como a falta de conhecimento da realidade escolar demonstrada pelos elaboradores. Conforme trecho da entrevista citado anteriormente, na página 52, para P3 fica evidente que quem elabora os programas conhece a teoria, mas desconhece as escolas, a prática. Por outro lado, podemos dizer que os professores conhecem a prática, mas sem a teoria.

Fica claro no discurso dos professores que a questão do conhecimento teórico é fundamental para eles poderem utilizar criticamente os programas da Secretaria da Educação. Os professores sabem de suas deficiências teóricas e acreditam nas capacitações da Secretaria da Educação como instrumentos de ajuda. Entretanto, o programa *Ensino Médio Em Rede* não obteve êxito em resolver essa ausência teórica, seja porque foi apressado, ou não considerou a realidade das salas de aulas, ou não objetivou desenvolver os conhecimentos teóricos dos professores.

#### **4.6 O programa *Ensino Médio Em Rede* e a Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo**

A forma como o *Ensino Médio Em Rede* foi trabalhado com os professores, o momento escolhido para o estudo, nos horários de HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo) também gerou algumas divergências. Alguns professores disseram que foi uma escolha equivocada, pois esse horário seria destinado para outros assuntos e não espaço para pesquisa e estudo.

P2: [...] era contraditório... Eu tinha um ponto de vista assim éh:: das direções,... dos diretores de escolas, que sempre reclamavam dizendo que manipulava o horário de discussão coletiva pedagógica da escola,... os assuntos eram tratados só do *Ensino Médio Em Rede* e os professores éh:: falavam muito bem,... né? Então tinha essa contradição: os diretores reclamavam que o HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo)... todo o tempo do HTPC era tomado com o *Ensino Médio Em Rede* e os professores,... aparentemente, né? diziam que o programa era muito bom e tal!... Mesmo dizendo que era muito bom... eles reclamavam... da falta de tempo pra aplicar as atividades... até porque nessa última fase... a proposta era... eles aplicarem... junto com os alunos ah:: o artigo de opinião, [...]

Porque também tinha uma contradição entre os professores:... eles falavam que era bom,... mas ao mesmo tempo... reclamavam o tempo todo de que o programa éh:: não dava tempo pra maturar as idéias,... não tinha tempo pra refletir o próprio trabalho, [...] (Entrevista, dez. 2008).

Nesse trecho da entrevista P2 aborda um tema polêmico, o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) nas escolas públicas estaduais e sua finalidade. O programa *Ensino Médio Em Rede*, pode ser uma capacitação em serviço, deveria ser trabalhado no HTPC, pois abordava temas relacionados aos aspectos pedagógicos da escola. No entanto, esse momento acabou se tornando um espaço para concluir tarefas, fazer leituras rápidas. Pouco se discutia, porque muitas vezes havia outras questões a serem abordadas e também havia outros professores na escola não participantes dessa capacitação. Isso gerou vários pequenos problemas nas escolas como veremos no exemplo de P3:

P3: Não,... não,... eu fiquei... fora do projeto. éh::... Um ano eu fiquei dentro do projeto,... no próximo ano, eu fiquei fora do projeto,... no outro ano, eu entrei de novo, né? Que foi só um tempinho lá pra terminar, né? Achei um absurdo utilizar período de HTPC ((Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo))... porque HTPC tem que ser trabalho coletivo mesmo.... Professor precisa conversar com outro professor. É nessas conversas que a gente consegue resolver saídas para alunos,... um professor falando com outro,... é ali, chegando junto,... mostrando o quê, trabalhando.... Como é que um pode ajudar o outro? E a gente perdeu todo esse período aí fazendo esse negócio, né? E quem não estava nos projetos de *Ensino Médio Em Rede*, que era meu caso, que teve um ano que eu não estava, eu ficava deslocada, né? (Entrevista, dez. 2008).

O programa *Ensino Médio Em Rede* gerou alguns problemas tais como os professores impossibilitados de fazer o curso, pois não tinham aulas no ensino médio, assim como os que entraram ou saíram no meio do processo, os que optaram por não fazê-lo, enfim, todos participantes de um mesmo HTPC com um único professor coordenador e três representantes de área, que também só passaram a mediar o curso no ano de 2006, e alguns desses não tinham participado do programa nos anos anteriores. Um quadro desconfortável, confuso e provavelmente gerador de insatisfação nos envolvidos no programa. Certamente a realização de um programa de formação continuada com um número imenso de profissionais da educação (Quadros 5 e 6) causaria problemas. Some-se a isto mais uma deficiência, a

utilização de ferramentas oferecidas pela Internet, novidade para a maioria dos professores e coordenadores naquela época. Provocou dificuldades de comunicação e interação.

Em um projeto dessa magnitude são normais opiniões divergentes. O professor P5, por exemplo, achou positivo o uso do HTPC para realização do *Ensino Médio Em Rede*.

P5: Olha foi bom,... porque foi em horário de HTPC ((Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo)),... e nesse horário a gente está na escola, então eu acredito que é um... foi melhor,... porque aí a gente... está, já naquele horário já disponibiliza, aquele horário... já aprende com aquele horário... então eu gostei... (Entrevista, dez. 2008).

O professor P5 aponta o fato da utilização do HTPC para estudo como um aspecto positivo, pois é o momento em que os professores já estão na escola e têm aquele horário de trabalho coletivo. P3, anteriormente citado e P7, logo abaixo, apontam para os aspectos negativos de uso do HTPC para a formação continuada.

P: Pelo fato de ser em HTPC ((Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo))... que te atrapalhou?

P7: Ah:: porque assim, oh... .. Não sei se você se lembra!... A gente estava respondendo um negócio,... de repente chegava a Diretora com um monte de recado,... aí a Coordenadora com um outro monte de recado,... aí virava aquela confusão,... aquele falatório.... Eu sinceramente ficava perdidinha.... Não sabia o que eu tinha que fazer primeiro! (Entrevista, dez. 2008).

P3: (...) Achei um absurdo utilizar período de HTPC (...). (Entrevista, dez. 2008).

Ao observar as entrevistas dos professores, é possível perceber a falta de consenso entre os próprios professores sobre o uso do HTPC para a realização das atividades do programa *Ensino Médio Em Rede*. P3 chega a afirmar que “perdeu todo esse período”, enquanto P5 diz que gostou, pois “aprende com aquele horário”. P2 deixa claro que as opiniões de diretores, professores coordenadores e professores sobre o uso do HTPC para o *Ensino Médio Em Rede* geraram divergências. Quando P7 diz que “ficava perdidinha” por conta do acúmulo de informações durante as horas de trabalho pedagógico coletivo temos um indício de que o programa de formação continuada realizado para toda a rede pública estadual

não foi pensado sob todos os aspectos. Não se pensou nos sujeitos com suas especificidades e necessidades particulares. Não se considerou a dinâmica do HTPC, um dos poucos momentos quando em uma escola de ensino médio diurno e noturno há a possibilidade dos professores se reunirem para revisão o projeto pedagógico da escola. Também para muitos professores, aquele é o momento para a discussão de questões como indisciplina em sala, preparo de aulas, organização de atividades coletivas tais como semana de jogos, feira de ciências, exposições, festa Junina entre outras coisas.

A possibilidade de trabalho de um programa para o enriquecimento da formação de professores, principalmente no quesito leitura e escrita, há a necessidade de os professores estarem dispostos a dedicar parte de seu tempo para a pesquisa e estudo. Isso dificilmente dará certo se for imposto, ou se o objetivo final for apenas o certificado de conclusão do curso para obtenção de aumento nos vencimentos através da evolução funcional. Esta é a realidade. Muitos professores se inscrevem nos cursos por serem pressionados, ou por ser lucrativo para a carreira. Poucos percebem a possibilidade de aprendizado e desenvolvimento pessoal como vantagem, como algo importante para o processo de humanização.

As preocupações e as necessidades dos envolvidos no processo são diferentes, talvez até divergentes. Ainda há muitas dúvidas dos professores de ensino médio sobre sua função e maneiras de contribuição para o processo de desenvolvimento dos alunos de ensino médio. Muitos professores inclusive acreditam equivocadamente que esses adolescentes já deveriam saber ler e escrever, ou seja, eles não deveriam mais ter o que aprender ou desenvolver na área da linguagem.

Com tantas lacunas a serem preenchidas, tantos problemas a serem solucionados e com um horário específico nas escolas para trabalho pedagógico coletivo, talvez a experiência do programa *Ensino Médio Em Rede* pudesse nos oferecer informações oportunas para a elaboração de outros programas de formação continuada e a melhor utilização do HTPC como espaço para aprendizagem e desenvolvimento dos professores.

#### **4.7 Leitura e escrita para os alunos do ensino médio**

Os alunos do ensino médio responderam a um questionário sobre hábitos de leitura e escrita. A partir das respostas obtidas e do cruzamento de informações foi possível o

levantamento de algumas idéias sobre a opinião dos alunos quanto ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da leitura e escrita.

Foram questionados vinte e quatro alunos do segundo ano do ensino médio em novembro de 2008. No geral eles demonstraram opiniões bem mais positivas do que seus professores quando perguntados se gostavam de ler e escrever e se acreditavam ser bons leitores e escritores, conforme verificamos anteriormente nos gráficos 1 e 2.

Suas respostas, de certa forma, surpreendem, pois a maioria, mais de oitenta por cento, afirma que gosta de ler. Cerca de setenta por cento dizem gostar de escrever. Nas entrevistas dos professores não foi bem isso que transpareceu:

P7: [...] eles não leem... como eles vão desenvolver? (Entrevista, dez. 2008).

Em outra pergunta, se os alunos se consideram muito bons, bons, ruins ou péssimos leitores ou escritores, as respostas obtidas e apresentadas nos gráficos 3 e 4 demonstram que a maioria dos alunos se considera bons leitores e bons escritores. Porém alguns se consideram leitores e escritores ruins e um aluno, péssimo escritor. Mesmo assim os alunos mostraram mais otimismo durante as entrevistas (APÊNDICE C). Os professores, no entanto, pareceram bem desanimados com a leitura e escrita de seus alunos.

Através dos questionários também foi possível verificar a conectividade absoluta dos alunos aos equipamentos eletrônicos. Perguntado a respeito da leitura e da escrita dos alunos, a grande maioria citou mensagens conforme verificamos nos gráficos a seguir.

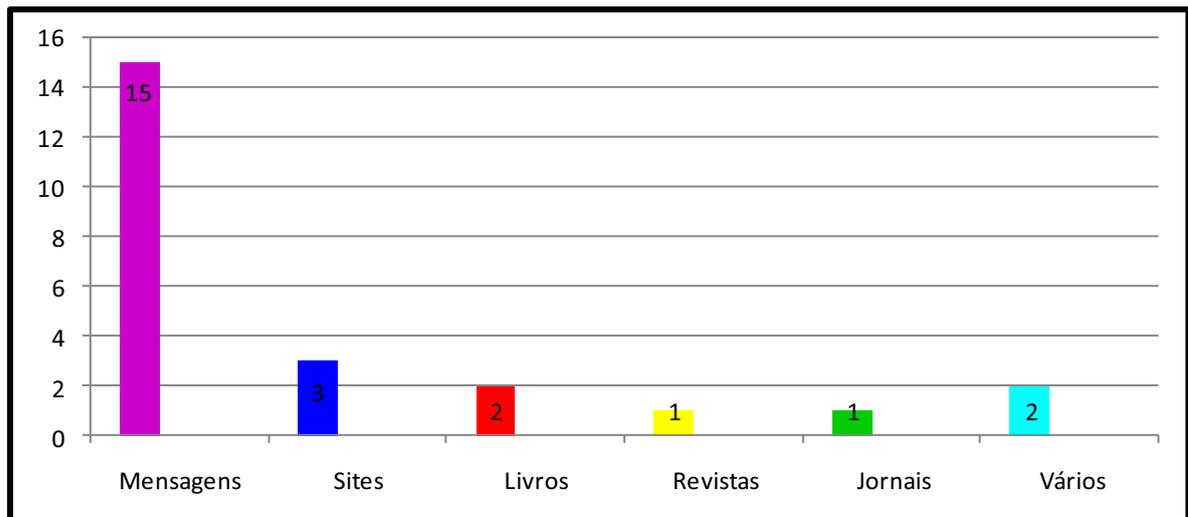


Gráfico 6 – Você costuma ler o quê?

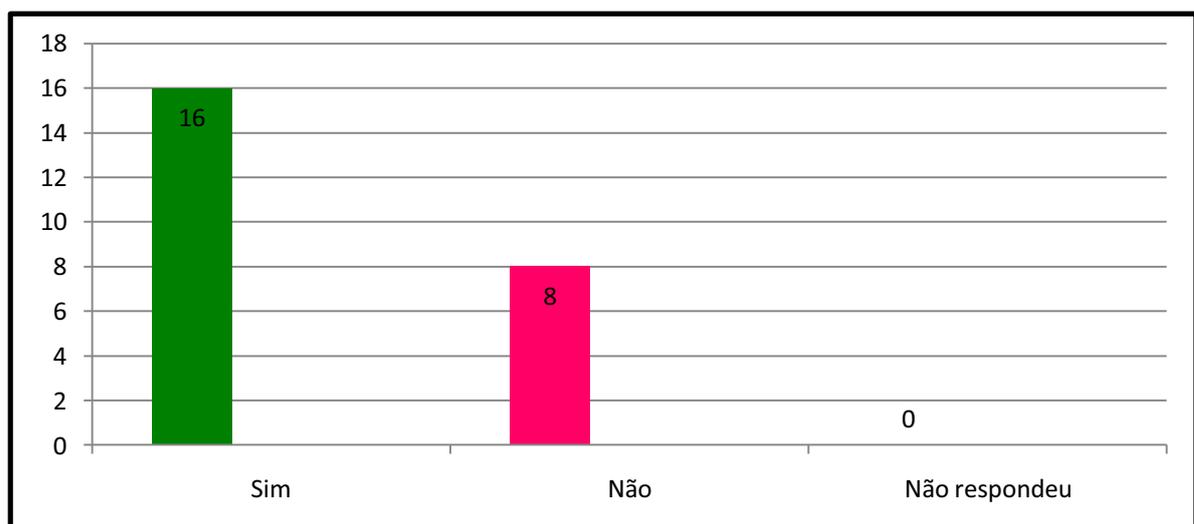


Gráfico 7 – Você sente necessidade de escrever?

Esta informação deve ser levada em consideração. Não podemos simplesmente ignorar a utilização diária de aparelhos celulares pelos alunos, inclusive em sala de aula para passarem mensagem e também sempre mencionam o Orkut ou MSN; basta permanecer alguns minutos em um recreio de escola de ensino médio ou na sala de informática para perceber a grande difusão dessa forma de comunicação entre os alunos da escola pública.

Outra questão interessante foi em relação à pergunta sobre as aulas ou momentos em que gostam de ler. A resposta mais expressiva foi *fora da escola* e em segundo lugar *nas aulas de Filosofia*, conforme havia comentado anteriormente e é mostrado no gráfico 5.

No quesito escrita, as aulas ou momentos em que mais gostam de escrever, os alunos disseram em primeiro lugar, nas aulas de Língua Portuguesa e em segundo nas aulas de Filosofia, como verificamos no gráfico abaixo.

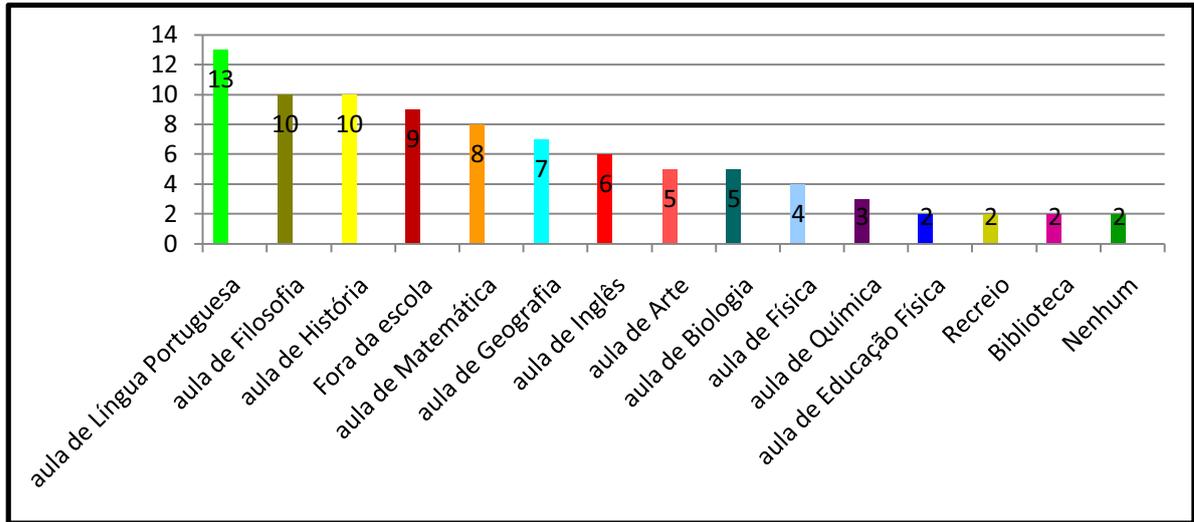


Gráfico 8 – Em que aulas ou momentos você gosta de escrever?

Foi perguntado também aos alunos sobre a frequência à Biblioteca e a resposta obtida não foi satisfatória como observamos nos gráficos a seguir:

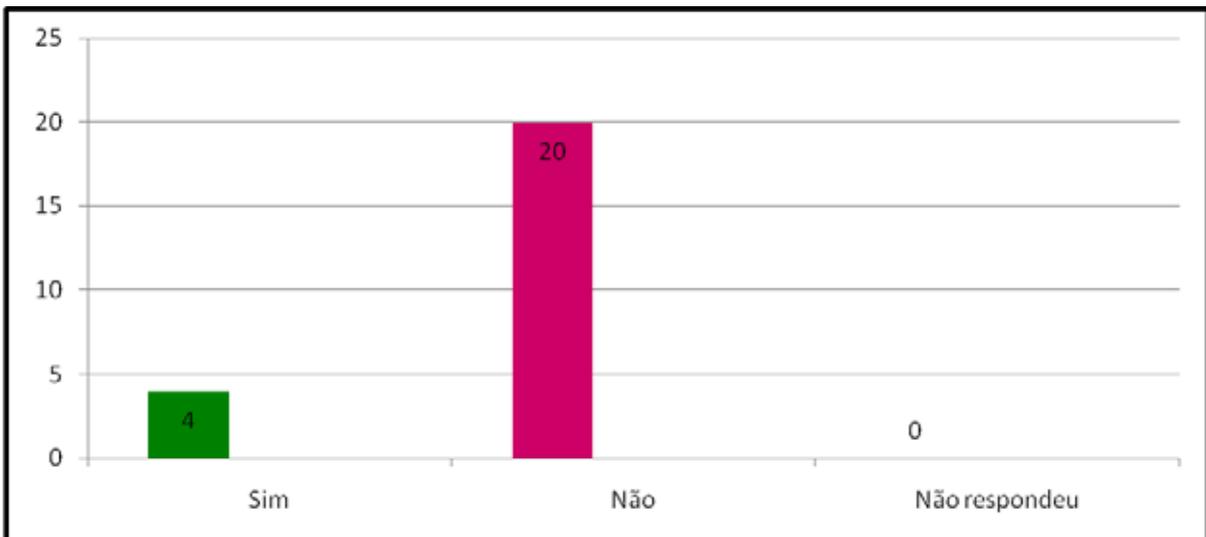


Gráfico 9 – Você frequenta a Biblioteca?

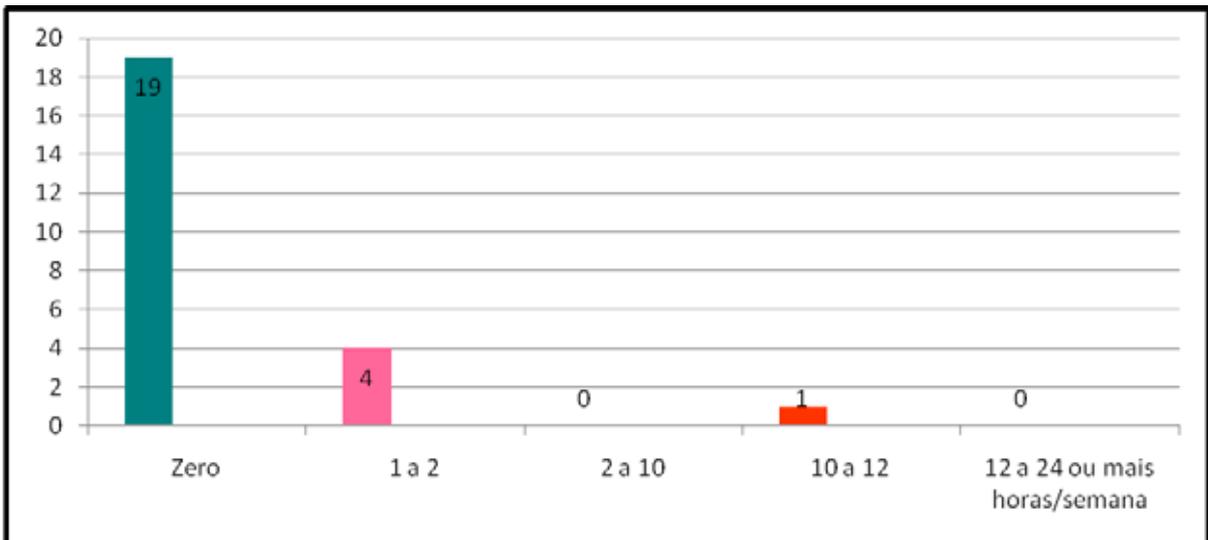


Gráfico 10 - Quantas horas por semana você fica na Biblioteca?

Apenas quatro alunos disseram ficar de uma a duas horas por semana na Biblioteca, dezenove alunos afirmaram que não permanecem sequer uma hora por semana. No entanto, quando perguntado das horas diante de um computador e se leem e escrevem via computador/Internet, as respostas foram bem diferentes. Todos os alunos afirmam ler via computador/Internet e apenas um disse não escrever. Mais de cinquenta por cento dos alunos permanecem de duas a dez horas semanais diante do computador. Considerando que em 2008 não havia monitores na sala de informática da escola e isso dificultou sua utilização, podemos afirmar que esses alunos utilizaram *lan houses*, ou computadores de amigos e familiares, ou possuíam computador em suas casas. A seguir temos alguns gráficos relacionados ao uso do computador:

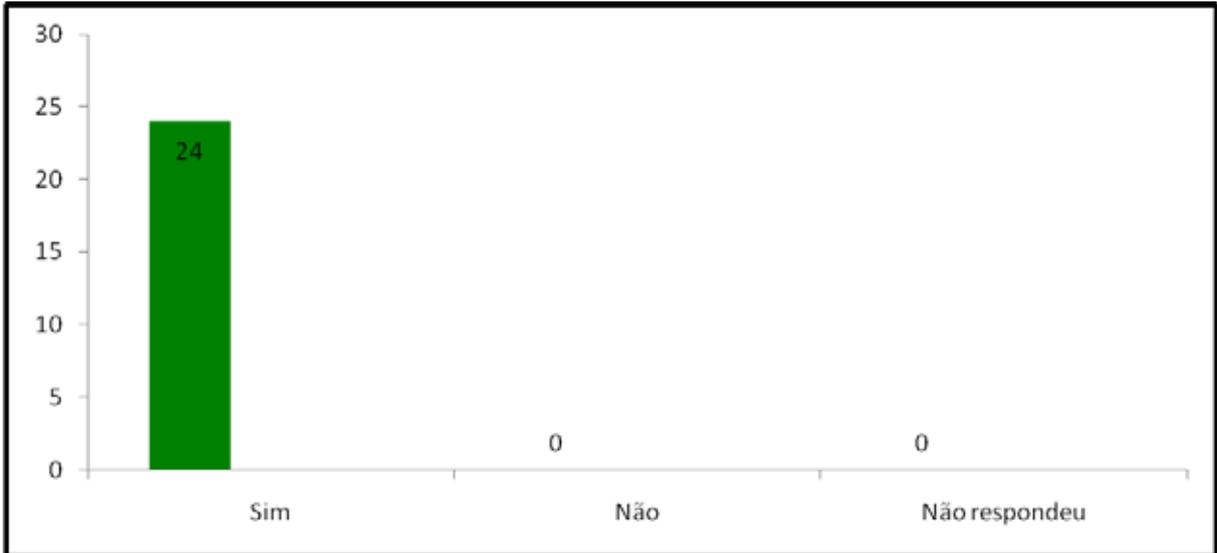


Gráfico 11 – Você lê via computador/internet?

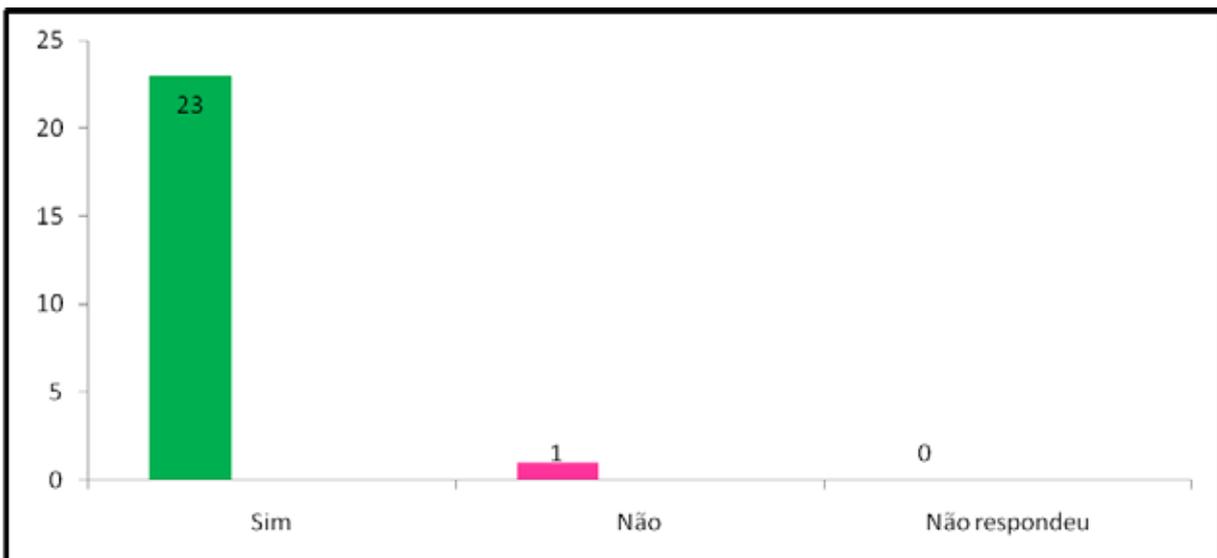


Gráfico 12 - Você escreve via computador/Internet?

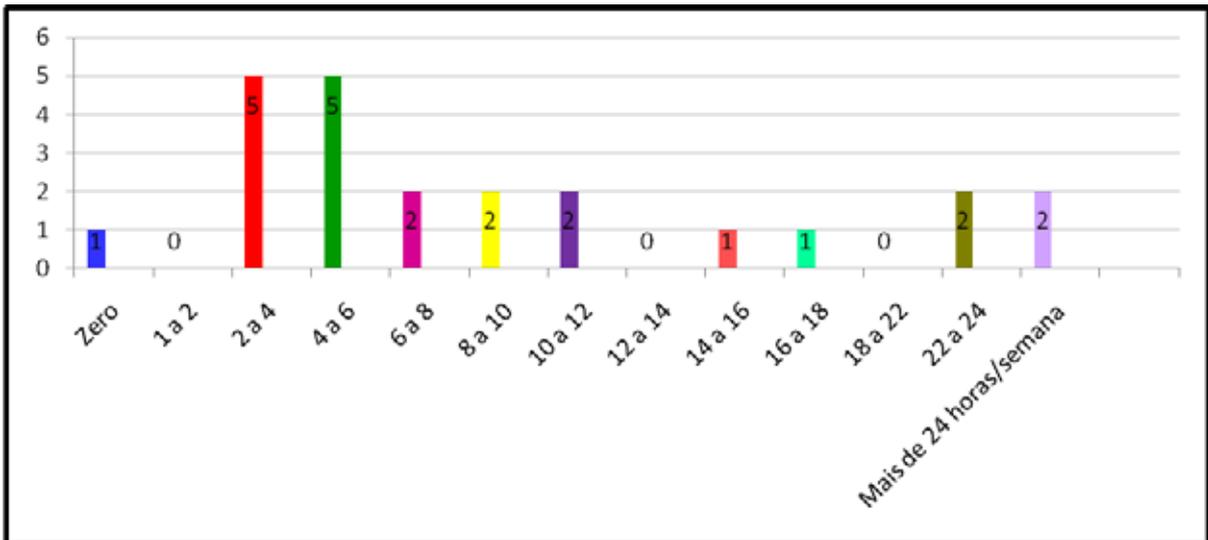


Gráfico 13 – Quantas horas por semana você fica diante do computador?

Os dados acima comprovam a utilização da leitura e da escrita de acordo com suas necessidades e vontades. Mesmo jovens de escolas da periferia, com baixo poder aquisitivo, estão utilizando os recursos da informática, talvez até mais do que seus próprios professores, talvez até mais do que imaginamos. Essa informação é importante, pois pode ser uma via de acesso à leitura para os alunos. O uso social da escrita utilizando diferentes gêneros textuais pode passar pelo uso desses meios de comunicação e interação verbal dos jovens. Esse não é de fato o centro de nossa pesquisa, mas fornece dados que podem contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos.

Através do questionário (APÊNDICE B) podemos dizer que a maioria dos alunos do segundo ano do ensino médio se considera bom leitor e bom escritor, lê e escreve porque gosta, por necessidade, mas não por obrigação. Gosta de ler e escrever nas aulas de professores que demonstram gostar de ler e escrever; não frequentam muito a biblioteca, mas adoram um computador. Estes são alguns aspectos do perfil geral dos alunos do segundo ano do ensino médio da escola pesquisada.

## CONCLUSÃO

O programa de formação continuada para professores do ensino médio, *Ensino Médio Em Rede*, foi uma via de acesso, uma das muitas possíveis, para observarmos e considerarmos algumas possibilidades sobre o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita dos professores do ensino médio.

Ao analisar a educação pública paulista nos últimos anos a partir do diálogo com professores de uma escola pública estadual, foi possível perceber suas angústias e seus questionamentos quanto à própria formação teórica dos. Ficaram expostas suas dúvidas sobre a capacidade de a Secretaria da Educação auxiliar na solução desses problemas. As respostas obtidas nas entrevistas também demonstraram insegurança em relação ao desenvolvimento da leitura e escrita dos professores. Os alunos demonstraram através dos questionários segurança quanto à sua leitura e à sua escrita, porém sua opinião não coincide com a opinião de seus professores. Talvez os professores sejam muito exigentes com seus alunos e pouco com eles próprios, ou talvez a referência de leitura de ambos não seja a mesma, pois os alunos leem telas de computadores e mensagens de celulares e os professores esperam de seus alunos leitura de livros, revistas e jornais.

Ao pensar nos professores como sujeitos possibilitadores do desenvolvimento dos alunos e, ao mesmo tempo, comprovar sua própria insegurança quanto ao conhecimento de uma teoria eficaz à compreensão do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita dos alunos, fica uma lacuna no seu trabalho que dificulta não apenas o almejado aprimoramento da leitura e da escrita, mas também a apropriação de todo conhecimento historicamente elaborado (DUARTE, 1993).

Se o meio sócio-cultural e o contexto histórico-ideológico são fundamentais para o desenvolvimento cultural de adolescentes, e se os professores e a escola devem desempenhar um importante papel nesse processo, é preciso haver transformação na formação dos professores, pois não lhes é proporcionado um embasamento teórico para ele entender o seu próprio processo de desenvolvimento, assim como o de seu aluno, principalmente o aprimoramento da leitura e da escrita e a importância dos gêneros textuais no processo de letramento.

Os professores muitas vezes se posicionam como meros espectadores e reprodutores do material fornecido pela Secretaria da Educação, pois não conhecem outra possibilidade de trabalho. Alguns até têm interesse na busca deste conhecimento, outros não, porém todos

exercem alguma influência na formação dos alunos. A presença de diferentes professores com formação heterogênea pode ser positiva, todavia também pode gerar sérios problemas, pois o caminho a seguir, a decisão final, quem toma é o professor. Por mais que ele siga regras, orientações e teorias (Currículo, Proposta Político-Pedagógica, Legislação Estadual e Federal) a compreensão, a interpretação, a internalização dessas informações e suas ações a partir delas cabe a cada professor em sala de aula. Desta forma, o professor deve se posicionar, tomar uma atitude para proporcionar aos alunos um desenvolvimento adequado. Entretanto para isso seria fundamental ele ter acesso a uma formação continuada de qualidade, clara e sem interrupções.

Enquanto houver um posicionamento de meros espectadores, apenas reprodutores do conteúdo proposto pela Secretaria da Educação, sem terem noção de que podem interferir, ou sem sentirem necessidade de intervir no processo de maneira reflexiva, os programas e propostas de formação continuada realmente não terão nenhuma serventia. O *Ensino Médio Em Rede* ou qualquer outro programa, melhor ou pior, será visto como mais uma proposta incapaz de suprir os anseios dos professores e será mais uma vez, uma verba mal aplicada, principalmente se seus objetivos e forma de trabalho não forem explicitados previamente. Mesmo um curso teórico bem elaborado com trabalho paralelo à prática da sala de aula, dependendo da forma como for oferecido, poderá ser ignorado pelos professores. Quando, porém o programa oferecido é interrompido, a situação fica ainda mais agravada. Todos os envolvidos no processo necessitariam estar comprometidos, realmente seduzidos pelo programa.

Em um panorama ideal, o professor deveria ter condições de analisar cuidadosamente o material disponibilizado pela Secretaria Estadual da Educação para utilizá-lo de maneira crítica e a partir dele construir seu modo de trabalho: na crença de poder trabalhar com qualquer material a seu favor e principalmente a favor do aluno; convicto do conhecimento ser construído a partir do meio e depois de forma individual e que, portanto, o trabalho em sala de aula deve sempre ser pensado e preparado de forma cooperativa, os professores e os alunos devem aprender juntos, de forma dinâmica e não há fórmulas prontas para isso. Diante de um cenário mais favorável, seria possível o desenvolvimento de um trabalho mais promissor. Talvez isso soe utópico, provavelmente tenha uma boa dose de idealismo, entretanto nas entrevistas com os professores foi possível a percepção da vontade de exercerem um trabalho com sentido, propulsor do desenvolvimento dos alunos, todavia lhes falta o suporte teórico.

Dentro da realidade atual brasileira, a democratização da educação realmente pode ter levado a um preparo mais técnico do professor, com transmissão apenas de conteúdos. No entanto, com a necessidade de engajamento do professor, alguns ainda demonstram o desejo de se colocarem à disposição.

Se quisermos formar jovens autônomos, com desenvolvimento contínuo da leitura e da escrita, com compreensão e sabedoria na utilização dos diferentes gêneros textuais para garantir o letramento, deve-se primeiramente proporcionar condições aos professores para exercerem o seu papel no processo de crescimento dos alunos.

Essa é uma tarefa árdua e há muitos obstáculos a serem transpostos, todavia é fundamental o início de um trabalho com os professores de ensino médio, principalmente pelo fato de terem formações tão diversas, uma dificuldade à existência de diálogo entre eles. São professores formados em diferentes áreas, com diferentes modos de pensar e agir em sala de aula. Alguns com uma formação considerada mais consistente, com uma discussão teórica já em andamento, pensam em muitos aspectos do seu desenvolvimento e dos alunos; outros talvez não tenham esse interesse, essa preocupação quanto à compreensão do processo de ensino e aprendizagem. São extremos totalmente diferentes, na liderança dos mesmos alunos e com observações completamente distintas sobre o mesmo assunto. Muitas vezes os alunos do ensino médio são capazes de perceber essas divergências. Outros não possuem esse discernimento e ficam à mercê desse caos teórico e prático.

Com o pressuposto dos alunos do ensino médio estarem em processo de formação e desenvolvimento, é fundamental seus professores terem uma formação teórica comum para lhes proporcionar um ensino e aprendizagem com objetivos semelhantes de tal forma a não prejudicar o processo de crescimento intelectual dos alunos.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Lei 9.349 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833-27841.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília, DF, 1999.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais+ ensino médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, DF, 2002.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *Homepage*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>> Acesso em: 11 out. 2009.

DUARTE, N. *A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*. Campinas: Autores Associados, 1993. (Coleção educação contemporânea).

FACCI, M. G. D. *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?: um estudo crítico comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana*. Campinas: Autores Associados, 2004. (Coleção formação de professores)

FREITAS, M. T. A. *O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

\_\_\_\_\_. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JOLIBERT, J. (Coord.). *Formando crianças leitoras*. Tradução Walkiria M. F. Settineri e Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994a. v. I.

\_\_\_\_\_. (Coord.). *Formando crianças produtoras de textos*. Tradução Walkiria M. F. Settineri e Bruno Charles Magne. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994b. v. II.

LEONTIEV, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte. 1978a.

\_\_\_\_\_. *Actividad, conciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, 1978b.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1996. (Coleção passando a limpo).

RIBEIRO, V. M. (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. 2. ed. São Paulo: Global, 2004.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Ensino Médio Em Rede: programa de formação continuada para professores do ensino médio*. São Paulo, 2004a.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Ensino Médio Em Rede: programa de formação continuada para professores do ensino médio*. São Paulo, 2004b. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Sequência didática: artigo de opinião – material do aluno e material do professor. In: \_\_\_\_\_. São Paulo, 2004c.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Reveno Rumos: Ensino Médio – subsídios para planejar*. In: \_\_\_\_\_. São Paulo, 2006a.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Sequência didática: ensaio e pesquisa na escola (material do aluno). In: \_\_\_\_\_. São Paulo, 2006b.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Sequência didática: ensaio e pesquisa na escola – orientações para o professor. In: \_\_\_\_\_. São Paulo, 2006c.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Educação. Rede do Saber.  
Disponível em: <<http://www.rededosaber.sp.gov.br/emrede>>. Acesso em: 11 out. 2009.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. (Coleção as faces da linguística aplicada).

SOARES, M. *Letramento: um tema e três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Coleção linguagem & educação).

SZYMANSKI, H. (Org.); ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. A. R. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2008. (Série pesquisa em educação, v. 4).

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

URBANO, H; PRETI, D. Entrevistas: diálogos entre informantes e documentador. In: CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T.A. Queiroz: Fapesp, 1988. v. 3. p. 1–12.

VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas III*. Madrid: Visor Distribuciones. 1995.

**APÊNDICE A – MODELO DO QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES DA ESCOLA PESQUISADA**

- 1 - Nome:
- 2 - Idade:
- 3 - Formação:
- 4 - Há quanto tempo atua no magistério?
- 5 - Participou do Programa de Capacitação para Professores do Ensino Médio – *Ensino Médio Em Rede* – fase 1 e 2, entre os anos de 2004 a 2006? ( )Sim ( )Não.
- 6 - Trabalha apenas em um município? ( )Sim ( )Não.  
Em caso negativo, responda: em que outro(s) município(s) atua como professor?
- 7 - Atualmente está atuando em quais séries do ensino médio nesta escola?  
( )1<sup>a</sup>A ( )1<sup>a</sup>B ( )1<sup>a</sup>C ( )1<sup>a</sup>D ( )2<sup>a</sup>A ( )2<sup>a</sup>B ( )2<sup>a</sup>C ( )2<sup>a</sup>D ( )3<sup>a</sup>A ( )3<sup>a</sup>B ( )3<sup>a</sup>C.
- 8 - Atualmente trabalha em quantas escolas?
- 9 - Qual o seu total de horas-aula com alunos, semanalmente, incluindo outras escolas (total de aulas sem HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo) ou HTPL (Hora de Trabalho Pedagógico Livre))?
- 10 - Participou de alguma outra capacitação oferecida pela Secretaria Estadual da Educação de São Paulo nos últimos cinco anos?( )Sim ( )Não. Se sim, quais?
- 11 - Fez algum outro curso relacionado com a área de Educação nos últimos cinco anos ou está fazendo algum curso? ( )Sim ( )Não. Se sim, quais?

## APÊNDICE B - MODELO DO QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS DA ESCOLA PESQUISADA

- 1 - Total de alunos entrevistados: 24 alunos. Total de meninas: 14. Total de meninos: 10.
- 2 – Você gosta de ler?
- 3 – Você sente necessidade de ler?
- 4 – Você costuma ler? (coloque em ordem de importância: 1 = 1º lugar, 9 = 9º lugar)  
Livros; e-mails; revistas; jornais; mensagens (MSN, Orkut, torpedos); sites da Internet; cartas; blogs; outros quais?
- 5- Você lê apenas por obrigação?
- 6- Você acha que ler é: péssimo, ruim, bom, ou muito bom?
- 7- Você se considera um leitor: péssimo, ruim, bom, ou muito bom?
- 8- Você gosta de escrever?
- 9- Você sente necessidade de escrever?
- 10- Você costuma escrever? (coloque em ordem de importância: 1 = 1º lugar, 10 = 10º lugar)  
Cartas; blogs; diários; e-mails; letras de música; livros; revistas; textos para professores; mensagens (no MSN, Orkut, torpedos); outros, quais?
- 11- Você escreve apenas por obrigação?
- 12- Você acha que escrever é: péssimo, ruim, bom, ou muito bom?
- 13- Você se considera um escritor: péssimo, ruim, bom, ou muito bom?
- 14 – Em que aulas ou momentos você gosta de ler?  
Nenhum(a); aula de Língua Portuguesa; aula de Matemática; aula de Arte; aula de História; aula de Geografia; aula de Filosofia; aula de Inglês; aula de Química; aula de Educação Física; no recreio; aula de Biologia; aula de Física; na Biblioteca; fora da escola.
- 15 – Em que aulas ou momentos você gosta de escrever?  
Nenhum(a); aula de Língua Portuguesa; aula de Matemática; aula de Arte; aula de História; aula de Geografia; aula de Filosofia; aula de Inglês; aula de Química; aula de Educação Física; no recreio; aula de Biologia; aula de Física; na Biblioteca; fora da escola.
- 16 – Quantos livros você leu esse ano?
- 17 – Quantas linhas deve ter um texto?
- 19- Você lê via computador/Internet?
- 20- Você escreve via computador/Internet?
- 21 – Quantas horas por semana você fica diante do computador?
- 22- Você frequenta a Biblioteca?
- 23 – Quantas horas por semana você fica na Biblioteca?
- 24 – O que você lê em sala de aula?  
Livro didático; livro; revista; texto xerocopiado; gibi; outros quais?

## APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS INFORMAÇÕES COLETADAS POR MEIO DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS DOS PROFESSORES

### P1(Professor 1)

#### P: Pesquisadora

P: Vamos lá.

P1: ((riu)) ( ) (a proposta)

P: Calma P1!... Calma!

P1: É muito martírio aqui... ((riu)) ah:: falei acabou um ( ) não quero nem saber... ((riu))

((P1 estava comentando sobre a Proposta Curricular do Estado de São Paulo))

P: P1, os alunos do segundo ano do ensino médio, você acha que ainda tem como desenvolver habilidade de leitura e escrita ou nessa altura do campeonato não dá mais?

P1: Não... eu acho que tem sim possibilidade, sim... Às vezes não assim cem por cento da... classe, né? Mas uma grande parcela tem sim.

P: Eh:: você, como você acha que você pode contribuir na aula de História pro aluno desenvolver sua habilidade de leitura e escrita?

P1: Acho que alguns textos complementares, né?... da matéria pra incentivar eles lerem alguns livros paradidático... textos complementares.

P: Eh:: você acha que você está preparada para ajudar? Você acha que você consegue ajudar os alunos... nesse processo?

P1: Eu acho que sim éh:: porque cada dia que passa, vários professores estão lendo, fazendo esses cursos, acho que estão mais capacitados, eu... eu percebo isso, né?

P: Então quer dizer que o programa *Ensino Médio Em Rede* te ajudou?

P1: Ajudou, o *Ensino Médio Em Rede* e não só ele... os outros mais, né? que eu andei fazendo aquele de prática de leitura da contemporaneidade, também ajudou bastante.

P: Eh:: você se lembra do programa *Ensino Médio Em Rede*, né? ... O que ele propunha:... desenvolver habilidades de leitura e escrita dos alunos, mas por exemplo... a proposta do programa *Ensino Médio Em Rede* éh:: coincidia com que é a sua proposta de trabalho em sala de aula ou era muito diferente o que o programa propunha? e o que você fazia na época?

P1: Algumas coisas davam certo... algumas éh:: não, a matéria desse período aí quando eu estava cursando ele, eu estava trabalhando aqui com os primeiros... Deu pra trabalhar alguns temas... Sabe? algumas sugestões deu pra trabalhar com eles sim.

P: Então te ajudou?

P1: Ajudou... não... ajudou mesmo.

P: Mas por exemplo, as propostas do programa *Ensino Médio Em Rede* coincidem com as vontades dos alunos?... Com o que os alunos querem fazer em sala de aula?

P1: Eu acho... que seria uns setenta por cento mais ou menos.

P: É?

P1: É, porque às vezes tem alguns alunos que não tem muito assim... interesse, mas alguns tem... Mas coincide sim... que não é totalmente assim, uma classe, sabe, uma classe de ensino médio, às vezes, você vê: vamos supor uma classe de quarenta alunos... nós temos uns que falam ah:: é uns quatro ou cinco que vai, mas não é, eu acho assim, uns dez que não vão, uns trinta ainda...

P: Dá pra trabalhar?

P1: Dá pra trabalhar.

P: Éh::... e você utilizou essas técnicas do programa? porque na época a proposta era que o professor fizesse o curso...

P1: É...

P: E usasse na sala de aula... Você conseguiu trabalhar?

P1: Eu utilizei... naquele período, né? que eu trabalhei mais com isso aí, eu tava com... eu tinha um primeiro aqui de manhã, eu utilizei... porque tinha que... porque a gente fazia o curso e tinha que trabalhar e depois você tinha que desenvolver, né? as atividades... então tinha que trabalhar, sim... Eu trabalhei.

P: Foi legal... Você gostou?

P1: Eu gostei.

P: E VOCÊ?... Você P1,... você acha que você já chegou assim no máximo seu de leitora e escritora ou você acha que você ainda tem coisa pra aprender?

P1: Não,... ainda tem coisa pra aprender ((riu)).

P: Mas você gosta?

P1: Eu gosto, acho que... antes eu não gostava muito, mas... agora assim... tudo que está fazendo tem que ler... e você pesquisar e ir atrás e então leitura... Leitura e escrita é importante na vida de cada um do ser humano.

P: E você está gostando?

P1: Eu estou... Você pode ver... se for analisar é em todas as áreas,... né? tanto na área de Exatas, né? Códigos e Linguagens... Você tem que ler interpretar, então eu acho que por isso que eles estão... éh:: por isso que está tendo mais essas capacitações, esses cursos pra ter o que a, né? como que fala... a inter... a interdisciplinaridade, né? porque não é só na área de matemática, também a leitura, a escrita.

P: E uma pergunta assim... Nós aprendemos a ler e escrever na escola... Foi na escola que você aprendeu a ler e a escrever?

P1: Foi... foi na escola... Eu aprendi na escola, na verdade, quando eu entrei, eu não fiz pré-escola, quando eu entrei na primeira série, eu já sabia alguma coisa, sabe? Aprendendo com meus irmãos em casa, mas eu aprendi ler e escrever na escola.

P: Você gosta de ler e escrever?

P1: ... Não assim MUITO, mas atualmente eu estou lendo mais ((riu)).

P: Mas você gosta mais de ler ou de escrever?

P1: Eu gosto mais de ler... às vezes, na hora de escrever me... foge a palavra, sabe assim?

P: Ah::

P1: Às vezes, eu tenho as idéias em mente,... mas na hora de passar no papel,... eu não ... eu tenho dificuldade um pouco.

P: Eh:: você estava falando que você gosta de ler... que está gostando cada vez mais... você acha que isso tem ajudado você a ensinar os alunos... no aprendizado dos alunos?

P1: Tem... tem porque a partir que você começa ler, então você, às vezes, você começa... igual a... sétima série desse ano, né? Eu peguei muitos livros que eu tinha lá, assim, sabe livro paradidático? dava pra um lerem, outro ler então...

P: Foi gostoso?

P1: Foi gostoso... e não só mesmo... no ensino médio também... Porque tem oh... às vezes, você dá o tema da Segunda Guerra Mundial, nós temos um livro paradidático que dá pra eles lerem pra complementar, às vezes, não são todos que querem, mas você vai incentivando aí um fala "... ai, professora ..." né? "... por que só pra ele?" ((riu)) "não, esse livro é pra vocês"... então você começa, aí vai né?

P: De forma geral que que... como foi o curso *Ensino Médio Em Rede*?... Você gostou... não gostou... foi bom... foi ruim?

P1: Eu... eu gostei... eh::... Até quando eu comecei a fazer o *Ensino Médio Em Rede* comecei na... ((em outra escola)) depois fiz dois anos aqui... com a Coordenadora ((da escola pesquisada)) eh::... lá foi bom, mas aqui eu acho que foi melhor ainda não sei se é porque a Coordenadora exigia... então, ...exigia ler. Depois teve uma época que tinha que responder sozinha... depois que ela deixou em grupo... Então eu gostei por causa disso aí... pra mim foi válido... Eu acho que tipo assim, foi uma pegação no pé... ((risos)) a Coordenadora pegava no pé.

P: Você aprendeu?!

P1: Eu aprendi...é.

P: Estudou?

P1: É... Eu estudei porque tinha que responder... Chegava segunda, você tinha que trazer pronto pra ela... Então foi bom, eu achei que foi bom.

P: Então tá... obrigada P1.

## P2 (Professor 2)

P: Então, vamos lá!... Começando... Seus alunos do ensino médio... Você acha que eles já desenvolveram todas as habilidades de leitura e escrita possível ou ainda como... tem como desenvolver suas habilidades?

P2: Olha,... nesse ano de dois mil e oito,... Particularmente os alunos que eu trabalhei, eu acho que eles, eles estão num processo... éh:: retardado de leitura e escrita... Primeiro porque eles têm muita dificuldade éh::: na escrita em função de não ler,... né? Eles não leem muito, eu acredito assim que eles só têm acesso à leitura aqui na escola e durante a sala de... durante as aulas.

P: Eh:: como que você pode contribuir no desenvolvimento dos alunos?

P2: Oh... desenvolvimento de leitura e escrita é um processo que é incentivando mesmo... comentando sobre ah:: as leituras que a gente já fez,... tentando mostrar pra eles a... o quão é importante ler, é interessante, é gostoso e eles gostam de ouvir sobre a leitura que a gente tem, né? eu acho que o professor... você tem que gostar de ler primeiro pra poder fazer qualquer tipo de trabalho.

P: E você se sente preparado pra ajudar os alunos nesse processo de leitura e produção de texto?

P2: Sim, é que existem assim alguns fatores que dificultam, né? éh:::... agora EU, eu gosto de ler... Acho que o número de aulas que a gente tem, acho que é pequeno,... Mas eu acho que é possível.

P: O programa *Ensino Médio Em Rede* interferiu nesse processo de desenvolvimento da leitura e escrita... Seu e dos alunos?

P2: Sim... de alguma forma sim, né? Um programa que eu conheço, que a gente ajudou a trabalhar éh:: em dois mil e seis, ele... ele contribuiu sim pra... mostrar que dá pra abordar a questão da leitura e da escrita de uma maneira diferente da qual eu eu já tinha, né? que eu já éh:::... trabalhava, mas o problema do programa foi a finalização dele, né? que parou no meio de um processo que os professores e a a gente incluindo, estava ah:::... se desenvolvendo, né? Então ele foi cortado, foi uma ruptura, assim que acho, que precisava trabalhar mais, né? mas eu acho que ele contribuiu sim... pelo menos pra saber que tem mais coisa pra ser feita.

P: Então os objetivos do programa coincidem com os seus objetivos?

P2: Depende, né? assim é uma... ( ) uma abordagem diferente que o programa... O programa trabalhou... a gente vinha com aquela... aquela visão meio tradicionalista de trabalhar os tipos de textos... e o programa... ele... ele apresentou uma outra visão,... uma outra abordagem,... uma outra metodologia,... uma outra teoria,... né? éh::: a questão dos gêneros textuais,... das esferas de circulação,... que pra mim era novidade,... né? então se coincidem ou não... Eu não tinha outro parâmetro a não ser aquele parâmetro mais tradicional de texto dissertativo,... narrativo,... descritivo e vendo essa teorização das esferas de circulação dos textos, né? de acordo com o uso social deles, eu acho que abriu um pouquinho o leque... né? Mas eu ainda acho que mais do que até nós desenvolvemos, era preciso trabalhar mais esse lado teórico... porque foi uma grande dificuldade para os professores como eu que não conheciam antes, né? Então eram apresentadas algumas atividades durante o curso do *Ensino Médio Em Rede* e não havia muito tempo pra reflexão dessas atividades, né? E essas atividades tinham que ser aplicadas... e o tempo também era insuficiente, mas... demanda isso aí, tempo pra maturar, pra refletir e eu achei que o curso, ele não... ele não conseguiu esse tempo, né? Ele não permitiu que os professores pudessem refletir a sua prática, né? Em termos teóricos... então ficou uma coisa mesmo de cumprir tarefinhas... então isso atrapalha.

P: E por que o programa foi interrompido?

P2: Oh... Na minha opinião... esse programa foi interrompido não em função éh::: da qualidade dele... Até porque... boa ou ruim... eu acho que precisava mais tempo, né? Foi interrompido por questões políticas porque a USP é quem... é a universidade que tinha boa parte dos professores e tal... e a Secretaria de Educação, ela tem uma vinculação maior com a Unicamp... então, isso talvez tenha sido um dos problemas. Além disso, esse programa, ele contava com financiamento do::: do MEC... Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio, né? E a Secretaria precisava éh::: desenvolver esse curso porque era um curso assim éh::: que tinha esse financiamento e... eles precisavam gastar o dinheiro... depois, éh::: parece que não tinha mais uma maneira de financiar o curso... a Secretaria não tinha interesse em utilizar recursos próprios... Então são questões assim que... burocráticas, mas também que tem aí uma intenção política por detrás.

P: P2, você chegou a utilizar a técnicas do programa em sala de aula?

P2: Oh, nesse ano... muito pouco,... né? muito pouco porque... a gente, até pensei em estar trabalhando com artigo de opinião, mas pra eu fazer isso, precisaria ter um planejamento integrado com outras disciplinas, né? E isso não foi possível (...)

((interromperam a entrevista para conversar com P2))

P2: (...) realmente assim ah:: em relação à utilização... não dá pra aplicar da maneira como a gente,... a gente viu no curso e tal,... mas algumas técnicas sim,... né? éh::...

Quando a gente propõe para os alunos éh:: produzirem texto, a gente sempre está trabalhando com informações prévias com textos éh:: pra contribuir mesmo pra escrita, né? Isso é uma prática que foi mudada:... oferecer para os alunos mais informações... mais subsídios pra eles poderem desenvolver uma opinião fundamentada, né? Uma argumentação mais embasada mesmo em razões... acho que isso éh:: é essencial... Agora... as técnicas também de pesquisa... acho que isso... alguns procedimentos a gente acabou introduzindo,... mas... trabalhar... o artigo de opinião tal como o... curso propôs,... não.

P: O, P2... Você acha que você já chegou no seu top... de leitor e escritor?

P2: Não!... de jeito nenhum!... ainda temos algumas dificuldades, né? É uma questão de... até porque... a leitura e a escrita é um processo contínuo, a gente vai passando por níveis, né? É óbvio que... ainda... ( ) posso me considerar um leitor em processo,... mas ainda não tenho... um nível de... de letramento assim... digamos final.... Não sei nem se existe um nível final.

P: Nós aprendemos a ler e escrever na escola?

P2: En-tão, se eu fosse considerar a partir do do... na escola... enquanto professor... Eu acho difícil, eu acho que... éh:: porque os textos que circulam na escola, eles são textos mais instrucionais,... são textos assim didáticos.... Eu acho que carece assim de uma complementação,... né? éh:: artigos científicos, éh:: romances,... então, isso a escola não tem esse espaço ainda, né? Mas... eu acho que a escola contribui... com alguns textos que circulam dentro dela,... mas não são suficientes, né? (que intrigante, heim? P2 rodou, rodou, todavia não respondeu a pergunta feita por P)

P: Você gosta de ler?

P2: Gosto... eu gosto de ler, né? Tenho lido algumas coisas... Muitas coisas em função da faculdade,... mas eu gosto de ler jornal,... gosto de ler revista,... gosto de ler romance... gosto dano... Acho que não foi o ano que eu mais escrevi,... mas eu tenho escrito bastante, sim... só que não vejo... uma relação muito direta. Eu acho que são processos... (novamente P2 não respondeu a pergunta de P)

P: Diferentes.

P2: Diferentes... Você tem que estar mais inspirado... Eu me lembro que eu comecei a escrever... ainda no ensino médio por conta da redação, né? Eu escrevia toda semana umas duas, três dissertações, né? Escrevia assim sem me preocupar, escrevia pra treinar mesmo... Depois eu comecei a escrever alguns, alguns... alguns poemazinhos... Assim, só eu gostava, né? Não mostrava pra ninguém!... Aí um dia eu mostrei pra uma pessoa assim,... e... não tinha métrica... não tinha... era uma coisa como se fosse pensamentos, né? E gostaram,... sabe?... Vou guardar,... ia jogar fora!... Guardei!... Tenho alguns ainda.

P: E você?... éh:: O fato de você gostar... de ler... escrever.... Isso influencia os alunos,... ajuda,... contribui de alguma coisa?

P2: Sim...

P: De alguma forma?

P2: Sim.... Eu acho que sim... eu acho que... os alunos, eles percebem quando a gente,... a gente tem mais assunto, né? a gente consegue abordar... os conteúdos de uma maneira, éh:: tentando fazer uma ponte entre eles, né? Principalmente quando você vai comentar esses textos horrorosos da Proposta Curricular, você precisa ter uma base de leitura, se não esse texto não chega até o aluno de uma forma compreensível... E até a reescrita de alguns textos, eu fiz muito disso... reescrever alguns textos... não tentando éh:: descaracterizar o texto,... mas aproximar a compreensão do texto éh:: pro aluno, né? porque eles tem dificuldade sim de vocabulário... e os textos que a gente trabalhou esse ano foram textos... alguns densos,... outros mal feitos,... então a gente precisou fazer essa transposição pra uma linguagem que seja mais próxima do aluno.... Embora eu acho que isso é meio complicado fazer, né? Mas... a necessidade se impôs,... né? Então o professor que lê,... professor que gosta de ler, né? que escreve,... ele consegue se aproximar mais daquele ambiente verbal do aluno... e isso, acho que é essencial... e o aluno percebe.... Quando o professor gosta de ler, o professor incentiva o aluno a ler,... comenta, eu comentei alguns livros com os alunos a partir de filmes, assim eles éh:: tiveram interessados, né? Falei que tinha na biblioteca.... Então eu acho que isso incentiva o aluno... quando o professor,... ele gosta de ler,... escrever, os alunos eles acabam também seguindo!... Não digo todos, mas boa parte, né,acaba....

P: P2, o que você pode falar pra mim do programa *Ensino Médio Em Rede*... Você já falou um pouco lá em cima... Como foi o curso de forma geral... pra você?

P2: Oh... eu participei éh::... do curso... como... mediador, né, da área de Ciências Humanas né? em função da... eu era do núcleo de informática,... em função da escolha da dirigente,... eu acabei acompanhando ah:: a última fase mesmo do programa.... Não conhecia o programa no começo!... Então no último processo, fui eu quem acompanhei as reuniões... as videoconferências... Primeiro eu tinha um preconceito em relação a esse... a esse projeto... esse programa, né? Na verdade foi um projeto,... que eles queriam dar um caráter de programa,... mas... era contraditório.... Eu tinha um ponto de vista assim éh:: das direções,... dos diretores de escolas, que sempre reclamavam dizendo que manipulava o horário de discussão coletiva pedagógica da escola,... os assuntos eram tratados só do *Ensino Médio Em Rede* e os professores éh:: falavam muito bem,... né? Então tinha essa contradição: os diretores reclamavam que o HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo)... todo o tempo do HTPC era tomado com o *Ensino Médio Em Rede* e os professores,... aparentemente, né? diziam que o programa era muito bom e tal!... Mesmo dizendo que era muito bom... eles reclamavam... da falta de tempo pra aplicar as atividades... até porque nessa última fase... a proposta era... eles aplicarem... junto com os alunos ah:: o artigo de opinião,... ah:: a né? Principalmente da área de humanas que eu,... que eu conheci mais... eh:: reclamavam que eles tinham uma série coisa,s... de procedimentos que não dava muito tempo,... então, éh:: era complicado a contradição, né? porque também tinha uma contradição entre os professores:... eles falavam que era bom,... mas ao mesmo tempo... reclamavam o tempo todo de que o programa éh:: não dava tempo pra maturar as idéias,... não tinha tempo pra refletir o próprio trabalho,... não é a discussão... porque no HTPC discutia-se éh:: os coordenadores discutiam... as atividades,... mas o professor achava que não era aquele o espaço de reflexão da prática dele... então tinha isso, eh:: esse aspecto aí, né? de implementação... em termos de... do trabalho em si pelo que eu acompanhei,... acompanhei algumas escolas,... eu percebi assim que muita coisa foi artificializada.... Era assim eles faziam as atividades mais pra gente poder eh:: ler,... né? como cumprimento de tarefas, né? então... tinha coisa mal feita,... coisa que não passava por revisão, né? que parecia uma... uma imposição do sistema... eles faziam ah:: os relatórios... mais pra gente ver, né? Não era algo que... a gente sentia uma solidez,... uma solidificação do trabalho, né? Então éh:: isso talvez seja éh:: o reflexo mesmo da cobrança que era feita, né? Prazos muito bem fechados... O site que... que recebia esse,... esses comentário,s... esses relatórios... Tinha lá um cronograma de avaliação,... então os mediadores,... né? Como eu assim,... também tinha,... tinham uma cobrança para cumprimento desses prazos.... Então eu acho que foi assim,... por mais que os professores diziam que era um trabalho bom,... que não sei o que,... eu acho que eles não entenderam muito bem... a proposta.... Eles ficavam mais preocupados em... aplicar com os alunos de uma forma éh:: rápida,... sem maturar as idéias, sem entender direito o eles que estavam fazendo, sem refletir, né? a questão dos textos,... sem conhecer direito ah:: o referencial teórico né? porque era assim mesmo que se trabalhava... em termos de resultado final e não do processo.... Muito embora esse programa tenha durado alguns anos,... mas nessa última etapa,... eu acho que pesou muito mesmo foi essa... essas atividades, né? que os professores tinham que levar pra sala de aula... TINHAM que levar, né? sem,... sem as quais eles não seriam certificados e tal... então eu acho que... pesou um pouco isso,... teve forçação de barra.... Agora os coordenadores que acompanharam as fases anteriores éh:: gostavam porque discutia a organização da escola,... organização do trabalho pedagógico,... aquelas vivências coletivas que o programa propunha.... Acho que isso ajudava o coordenador a administrar o... o... a questão pedagógica dentro da escola.... Agora quando chega no professor, que eu acho que não vivenciou direito, né? Entre aspas as vivências,... eu acho que a coisa foi... o bicho pegou, né?... Assim, tem um monte de coisa, é que tem que ir lembrando, né?

P: Mas está bom,...se eu precisar,... você volta a....

P2: Volta!... a gente se conversa,... a gente faz uma... gravação... ( )

P: On line.

P2: Éh::

P: Obrigada.

P2: Nada.

### P3 (Professor 3)

P: P3,... seus alunos do ensino médio... você acha que eles ainda estão desenvolvendo a capacidade de leitura e escrita ou eles já chegaram no máximo que eles poderiam chegar?

P3: Não, eles tão desenvolvendo...

P: Ainda?

P3: Ainda.

P: E como você pode contribuir pra esse desenvolvimento deles?

P3: Na leitura e na escrita... bom, minha área é exatas, né? Eu trabalho muito com a leitura de gráficos,... de imagens,... de... é que... pra mim eu acho mais simples, né? Nessa parte eles também,... eu percebo que eles também tem facilidade... a dificuldade deles é fazer a leitura e confrontar,... confrontar a leitura que eles fizeram com o gráfico,... ou com uma tabela!... Essa é a grande dificuldade... eh:: a tabela e gráficos, ela não faz... a gente pensa que é só olhar, bater o olho, já vai estar a resposta,... mas quando a gente começa a trabalhar umas matérias... de grandezas,... a gente percebe que não é só assim,... só bater o olho e fazer a leitura, né? Ele vai ter que também... raciocinar, no sentido da totalidade do gráfico ou da totalidade daquela tabela que ele está observando.... Então é... a forma que a gente trabalha é mostrando mesmo, né? Olha.... Primeiramente eu pergunto: o que vocês acham, né? Depois eu trabalho com as possibilidades que podem existir de visualização dentro desse gráfico ou dessa tabela que num pode ser feita diferente porque quando você vê uma obra de arte, um analisa de um jeito, o outro analisa de outro,... não é? Só que a obra de arte, ela é abstrata mesmo, mas os gráficos e tabelas, eles já não são abstratos... eu não posso pensar dessa forma.... Vai ter que ter uma resposta, vai ter que ter um objetivo ali do que foi traçado pra aquela tabela, pra aquele gráfico... e ele tem essa dificuldade, eh:: agora a dificuldade maior, eu acho é na leitura, na leitura com a interpretação. Todos fazem a leitura, mas na hora de fazer a interpretação... eles tem muita dificuldade e a gente também tem a dificuldade, mesmo fazendo a leitura e interpretação com eles... A gente percebe que eles não conseguem muitas vezes entender talvez por uma palavra, talvez por um tipo de raciocínio, que o exercício exija e eles não conseguem fazer esse raciocínio.... Trabalhar com isso num colegial é complicado porque eu vou ter várias hipóteses de aprendizado,... eu vou ter... ter aquele aluno que tem a capacidade de abstrair conhecimento, né? Até aquele aluno que só trabalha no concreto e aí eu vou ter que sempre está puxando, trazendo pro real e voltando,... mas na matemática tem coisa que não dá muito pra você trabalhar no real, eles tem que abstrair mesmo, né? E aí vai ficar,... com certeza, vai ficar essas lacunas no aprendizado porque apesar da gente ter bastante aula de matemática... no colegial... têm umas com cinco, outras com quatro... é insuficiente pro plano que... que eles querem porque, se o aluno tivesse aprendido tudo até a oitava série,... tudo bem, mas ele vem com muita defasagem também, né? ...de conhecimento... Então essa defasagem faz a gente voltar na quinta, faz a gente voltar na sexta, faz a gente voltar na sétima, faz a gente voltar na oitava, faz a gente tentar introduzir a interpretação e a leitura, voltar no real depois abstrair esse conhecimento, trabalhar com essa fórmula. Então é tudo isso misturado, com certeza, têm alunos que ficam vagando ((risos)) no conhecimento, que não conseguem entender, até a gente vai chegar. Está certo que a gente trabalha sempre do mais simples pro mais complicado, né? Mas, às vezes, o mais simples pra mim ou pra uma quantidade de alunos, é extremamente complicado pra uma boa parcela da sala.

P: Mas assim, você se sente preparada para trabalhar?

P3: Ah sim,... sim,... isso eu me sinto... Eu me sinto porque eu acho que é tranquilo, e até porque... a gente já não tem mais essa questão do vestibular em si, né? é muito mais:... é o básico que a gente trabalha, né? Infelizmente ou felizmente a nossa escola pública, a gente... por mais que a gente queira chegar nessa realidade de vestibular, de trabalhar com aqueles exercícios mais elaborados que exigem um monte de competências num único exercício, no dia a dia, eu não consigo explorar todas as competências da mesma... num mesmo momento porque se eu fizer isso, eu só vou estar contemplando cinco por cento da minha sala, né? Para eu completar os noventa e cinco por cento que estão faltando, eu tenho sempre que partir de uma competência ou uma visualização,... uma atividade,... uma, né? E invés de ser uma coisa... conteudista como é oh:: vestibular, o pessoal que estuda para vestibular eu não tenho essa coisa conteudista, eu tenho essa mais é pé no chão mesmo, é pegar aquele exercício e resolver aquele exercício, como eu vou montar as estratégias pra resolver aquele exercício... pensando que... se ele souber, quem sabe ele faz por assimilação os demais, né? E aí... quando vai chegando ao final das atividades daquele, ... daquela matéria, aí sim a gente trabalha alguns exercícios de vestibular,... Mas o que eu percebo é que sempre são os mesmos que resolvem, os

demais vão que na onda, né? Eles: “explica aqui, explica ali, ah:: tá entendi, entendi”, mas você percebe que... Será que entendeu mesmo, né? Acho que ele não entendeu não! ((riu))

P: E você acha que aquele programa *Ensino Médio Em Rede* te ajudou de alguma forma?

P3: Na-da.... Aquele projeto ele foi feito a toque de caixa.... A toque de caixa assim.... Vamos fazer.... Tem dinheiro pra ser feito.... Vamos trabalhar nele e tal.... Eu acho que eles... eles não tem noção do que é a escola pública. Eles colocam a culpa no professor: o professor não sabe isso, o professor não sabe aquilo, professor não sabe aquilo outro.... Na verdade, o nosso aluno... com a progressão continuada,... ele vem com muita defasagem.... As recuperações paralelas, elas não funcionam... como deveriam... a família, ela não... não tem mais nos apoiado,... os pais estão cada vez mais ausentes.... A família ela vive um... eu não sei nem como eu falar, mas... uma decadência, né? Não existe mais família,... a família hoje é constituída de avó, tio, né? O tio que cuida do... do,... ou então o irmão mais velho cuida do irmão mais novo... O pai a mãe, aquela estrutura familiar não existe mais,... consequentemente os nossos alunos eles... Nós estamos recebendo tudo, né? Antigamente como não tinha progressão continuada,... a gente sabe que uma bah:: boa porcentagem da sociedade era excluída mesmo, já logo no começo da alfabetização.... O pai já tirava da escola, ah:: não nasceu pra aprender e tal, já tirava ia trabalhar, fazer outra coisa.... Hoje não, hoje nós temos... comunidade dentro da escola... e pra atender essa comunidade que vem com uma cultura totalmente diferente da cultura do professor... o professor tem que se adaptar... a isso... também,... né? só que oh:: Quando a gente fala em *Ensino Médio Em Rede*, eles não se adaptaram... eles pegam é os ensinamentos dos objetivos, interação, não sei o que e tal e faz um projeto maravilhoso lá no papel que, quando você lê... é lindo, mas você vai pra prática, ele não funciona... Ele não dá certo.

P: Os objetivos do programa *Ensino Médio Em Rede* não coincidem...

P3: Com os objetivos...

P: (...) com os seus objetivos, os objetivos não casam?

P3: Não casam... não casam... porque a gente tem defasagens.... De numa mesma sala num colegial, tem alunos ah:: analfabeto funcional... Ele lê o texto, mas ele não entendeu nada daquilo ali,... né? Misturado com outro aluno que já está numa fase de alfabetização,... que ele precisa ser explorado, ele precisa crescer, e esse outro também precisa,... né? Agora como? ah:: parece sempre que eles estão achando que a gente não sabe trabalhar com alfabetização, ou que não sabe trabalhar com leitura e interpretação, que a gente não sabe lê dados, que a gente não sabe entender essa diversidade;... mas na verdade, não é... na verdade, eles... eles não conseguem perceber... qual é a comunidade que nós estamos atendendo, e eles querem padronizar o sistema no estado de São Paulo, que é imenso.... Só na região de Marília... sessenta e oito escolas... sessenta e oito escolas... com quantos professores em cada escola?... Quarenta? cinqüenta?... Quantas realidades diferentes em cada escola?... Não se dá pra padronizar o ensino, o ensino é de acordo com a necessidade local da escola,... de acordo com a comunidade que ela atende.... Não tem jeito, né? E eles querem padronizar e ainda querem dizer que a gente não tem essa competência, e eu não vejo dessa forma!... Vejo que o professor tem a competência,... o que ele não tem é recurso.... Tem a competência, mas ele não tem recurso pra fazer a coisa funcionar.... Ele tem uma quantidade excessiva de alunos dentro da sala de aula,... as recuperações paralelas não funcionam,... ou quando você tem uma bolsa escola,... uma bolsa família... bolsa qualquer coisa,... o aluno só recebe pela presença na sala de aula.... Ele não tem de onde tirar a disciplina já que ah:: também a justiça não auxilia.... O pai, ele não recebe nenhuma... responsabilidade, ele não é cobrado nas suas responsabilidades, né? Então vai ficar esse sistema falido.... Agora *Ensino Médio Em Rede*, eu acho que antes de eles pensarem em gastar dinheiro com qualquer projeto, o estado deveria primeiramente vir falar conosco,... porque se alguém tem solução pra resolver a educação é quem está na frente,... na frente da batalha e está lá vendo como que está a situação....

((interromperam a entrevista para falar com a pesquisadora))

P: (...) eh:: P3, então você não usou as técnicas do *Ensino Médio Em Rede* em sala de aula?

P3: Não usei. Primeiro porque no momento que saiu o projeto *Ensino Médio Em Rede*, eu estava como capacitadora na Diretoria de Ensino.

P: Qual que era a proposta do *Ensino Médio Em Rede* na área de Exatas, era a produção de que tipo de texto?

P3: Era de gráficos.

P: Gráficos?

P3: (...) e tabelas... Gráficos... era... interpretação,... não só de tabelas e gráficos, mas interpretação também do cotidiano, né?

P: É porque na área de Humanas era.... o objetivo final era a produção de um artigo de opinião,... na área de Exatas, você lembra o que que era?

P3: Eu não lembro... Eu não cheguei a terminar o curso!... Eu fiquei um ano como mediadora,... cuidando dos coordenadores.... eh:: Nesse período que eu fiz com os coordenadores, os coordenadores depois iam na escola e faziam com os professores.... Nesse período... a gente trabalhou... somente leitura e interpretação.... Só... a área de matemática, ela aí seria mais pra frente,... estava incluída,... né? Mas o trabalho mesmo,... o projeto,... o trabalho final que seria desenvolvido em sala de aula... seria no final,... mas naquele momento já teve a produção de gráficos,... de tabelas e tal,... mas isso não é,... não é algo que a gente já não faz,... entendeu? Porque desde a quinta série o aluno já começa a trabalhar com gráficos e tabelas,... desde a quinta série,... tanto é que se a gente for analisar... o gráfico e a tabela, se ele tiver uma visualização simples,... o aluno, ele consegue, com certeza, fazer a interpretação... desses gráficos e tabelas. Eu acho que é uma das coisas que ele acha mais fácil, ele tem mais dificuldade com geometria espacial,... com geometria mesmo,... um sólido e tal, eles tem essa dificuldade... área, essas coisas,... entendeu? Coisas que envolvam mais cálculo, mas se for fazer só a leitura de uma tabela ou de um gráfico, você percebe que ele ainda tem um... uma facilidade,... o problema é o que está escrito antes do gráfico ((riu)) e o que está escrito antes da tabela, que aquilo pra eles fica complicado, né? A gente já fez esse teste... Se você der só a tabela e perguntar assim: “qual que é maior? qual que é menor? qual que é não sei o que?” eles conseguem.... Agora, se você envolver algum símbolo matemático,... maior,... menor,... alguma escala,... aí a coisa começa a complicar, né? Se for uma coisa simples, eles conseguem.... Agora esse *Ensino Médio Em Rede*, eles queriam que a gente trabalhasse com o que a gente já trabalha,... por isso eu não vi sentido,... entende? A leitura, os cadernos que vieram, os textos ali então, muita coisa, mas nós pegamos muita, muitos erros. Ali,... na parte de... que eles colocavam, eu não me lembro mais, mas eu cheguei a riscar bastante o caderno lá.... Dizia: “isso aqui não,... isso aqui não é,... isso aqui não é assim, e tal”... Nós debatemos muito,... mas o que mais me chocou no projeto *Ensino Médio Em Rede* é que era um negócio de cima pra baixo,... né? Eles não aceitavam a nossa... a nossa....

P: Interferência?

P3: Interferência ou a nossa argumentação!... Eles nunca aceitaram,... E uma coisa assim que tinha que ser feito muito rápido!... Não tinha espaço pra reflexão!... E o professor precisa desse espaço pra reflexão,... né? Porque nem todo projeto,... por exemplo, eles querem mudar agora... Não há necessidade de ser feito em um ano,... né? A gente sabe que... quando se trata de educação a coisa não é assim, né? que existe um tempo pra gente assimilar, ta? Não deu tempo pra assimilar nada!... Eu acho que foi só mesmo pra entregar!... A sensação que eu tinha é que tinha que entregar.... Tinha que entrega...r... Tinha que entregar.... Tinha que entregar e tinha prazo pra entregar e se não entregasse no prazo, a tutora lá,... mor, vinha e falava:... “Marília,... a Diretoria,... tá faltando coisa,... não entregou,... (pararara) (pararara)”, e a gente falava assim: “mas calma, né? não dá tempo... o professor ainda nem entrou na sala de aula, né?” Foi um negócio assim, eu achei....

P: P3,... e você assim éh,:: acha que você já desenvolveu todas as suas possibilidades de leitora e escritora?

P3: Ah não! Não, não... a gente... não, porque (...)

((bateram à porta e interromperam a entrevista))

P: (...) Eu estava perguntando se você já se considera uma leitora,... escritora, ou se acha que dá pra desenvolver mais?

P3: Ah, não! Acho que tem que desenvolver mais, né? Porque a tecnologia está aumentando,... então não posso dizer nunca que já terminou.... Ninguém hoje pensa que com ((rindo)) o conhecimento que tem hoje, vai sobreviver até o resto da vida, está enrolado, né? Até minha mãe com setenta anos, ela está se adaptando!... Com as tecnologias que estão surgindo.... Se você pensa que você sabe ler, de repente chega lá um aparelho eletrônico pra você ligar, e você não consegue,... não é? E, às vezes, você dá pra um aluno e ele fala... ( ) dois minutos lá e ele ligou tudo pra você, já colocou os cabos.. Você fala: “NOSSA e eu não sei fazer isso!” ((riu)) Então eu acho que é eterno,... o professor nunca pode pensar que ele está pronto, ele já tem sempre que estar pensando que está faltando alguma coisa, que ele tem que buscar... conhecimento é legal!...

P: Oh, nós.... Você,... nós,... a nossa geração... é... nós aprendemos a ler na escola? (...)

((bateram à porta e interromperam a entrevista))

P3: (...) Ah, eu aprendi na escola.... éh:: Eu tive muito problema de alfabetização.... Eu entrei com seis anos,... e praticamente... quem me alfabetizou... quem me alfabetizou mesmo foi meu pai.... Eu tinha muito problema na escola,... eu não conseguia,... não sei se eu não conseguia prestar atenção,... o que que era.... Quem me alfabetizou foi meu pai,... mas a partir do momento que... do primeiro para o segundo ano,... quando eu passei... aí depois eu não tive mais problemas!... E eu acho,... eu sinto mesmo que foi a escola porque ah::... existia uma exigência, né? A gente tinha que chegar no final do segundo ano numa etapa concluída.... Chegar no final do terceiro ano com outra etapa concluída,... então tinha que... eu tinha que aprender, né? Naquele período que a escola exigia.... Hoje não,... hoje o aluno ele entra,... mas ele não tem.... É flexível, né? O que ele não aprende esse ano, ele tenta aprender o ano que vem,... que é também uma coisa que é questionável... porque eu não sei até que ponto que vai isso, né?

P: Mas como professora, hoje em dia, você acha que a escola te ajuda ainda a estar aprendendo,... estar desenvolvendo seu conhecimento?

P3: Ai... Eu não sei porque... Eu sempre... Eu sou autodidata... Desde acho da oitava série que eu me lembro... Eu sempre... li muito,... gosto de estudar:... aquilo que me interessa, eu vou atrás,... né? Independente de ser escola ou não,... né? Está certo que... a escola talvez tenha me ajudado,... Mas eu vejo que na escola não existe mais essa exigência porque, por mais que eu busque conhecimento fora,... o que eu utilizo mesmo pra dar aula é muito pouco.... Dentro do conhecimento que eu já adquiri... com leituras,... com busca de novas tecnologias e tal... porque a escola não tem o recurso que eu sei utilizar, né? Então eu vejo assim, que esses recursos que eu busco, eu busco mesmo pro meu conhecimento... pessoal... porque na hora que eu vou colocar isso em prática, eu não consigo desenvolver, né? Eu não consigo... Eu não tenho as mídias que eu gostaria de desenvolver... Eu não tenho os equipamentos que eu gostaria para trabalhar, né? Eu não tenho, ah:: às vezes, eu tenho um livro ou outro livro,... mas eu não tenho uma sala aconchegante que eu pudesse ter esses livros à disposição, né? Tudo é muito travado, eu acho e quando você está em casa, não!... Você ali... chega, ali você explora,... pega um livro, pega outro livro,... lê,... estuda... faz... né? busca outras coisas... aí você utiliza às vezes... muitas das coisas que eu sei eu utilizo mais em outros lugares do que na escola.

P: Você gosta de ler e escrever?

P3: AMO,... eu sou,... eu amo.... Eu acho que, eu não sei porque eu fiz Matemática.

P: Mais ler ou escrever ou as duas coisas?

P3: As duas coisas,... as duas coisas.... Eu não sei por que eu fiz Matemática porque... eu amo leitura... e eu amo escrever e eu amo falar também ((riu))!

P: E esse amar... ler e escrever, você acha que interfere, de alguma forma, no seu relacionamento com os alunos (...)?

P3: Ah:: com certeza!

P: (...) isso ajuda?

P3: Ajuda,... ajuda.... Na verdade, eu só consigo... eu só consegui permanecer na educação... até hoje... porque... a gente viu... tanto de enfrentamento entre alunos e professores, né? Na rede, a gente vê bastante.... Eu acho que eu só consegui... é por conta... dessa... facilidade que eu tenho... de conversar,... entendeu?... Essas leituras me ajudam muito!... A gente está sempre trazendo uma novidade,... outra novidade... para o aluno, né? éh:: E também quando a gente se põe a ler coisas que não são da área.... porque minha área é Matemática.... Se eu vou só ler Matemática,... ia virar uma pessoa extremamente racional e chata, né? ((rindo)) Tem que ser exato,... tem que dá exato,... tem que dar certo a conta.... Você não leva muito em consideração outras coisas,... mas como eu gosto também de ler outros tipos de livros, (...) a gente explora outros livros, entendeu? Você busca... outras formas de ver o ser humano,... né? Então eu gosto muito de livro de Filosofia.... Eu gosto muito de livro de História, (...) sabe?

((interfone tocou))

P3: (...) Eu exploro outros livros. Então é coisa de ler História, né? Não só História da Educação,... mas História também do país,... de outras culturas também é importante.... Então eu vejo assim, que o professor, se ele se limitar somente a área que ele atua, ele vai ter problema.... Ele tem que buscar também conhecimento em outras áreas,... em livros de... de Filosofia ou de Psicologia.... Nessas coisas porque ajuda a gente a visualizar o ser humano como ele é, e não como a gente gostaria. ... Porque quando a gente entra na sala, a gente tem uma expectativa e a gente quer que o aluno atinja aquela que

a gente está achando, né? Perfeito,... que vai fazer tudo,... que vai entregar,... que vai conseguir resolver todas as coisas,... mas a gente... quando a gente vê que o ser humano não é assim... E o fato de ele não conhecer uma... um exercício de Matemática, não conseguir desenvolver uma certa habilidade Matemática,... desde que ele tenha alguma coisa,... alguma base,... ele não vai ser prejudicado também,... ele vai conseguir sair,... porque é o ser humano quando ele necessita ele busca, né? Eu creio nisso:... eu acho que o ser humano é sempre capaz de crescer,... ele nunca vai ficar estagnado mesmo que ele não faz nada na sala de aula,... ele ainda cresce de alguma forma.... eh:: Eu gosto de estudar o ser humano e não a minha matéria.... Eu gosto de aprender como que a gente faz para fazer com que esse ser humano se movimente daquilo que ele estava,... da inércia dele,... para que ele cresça... então éh:: a partir do momento que eu comecei a trabalhar com isso, eu tive mais êxito!... Muito mais do que trabalhar leitura e interpretação de texto,... ( ) né? Então tem que ver o que que é o ser humano,... e a faculdade ela não mostra isso!... A faculdade, ela quer dar Matemática,... Geometria Analítica,... Geometria Espacial,... ãh::: um monte de matérias, né? Mas ela não me fala como é o ser humano.... Ela não me deixa raciocinar como que eu trabalho quando tem um ser humano... dentro da sala de aula,... um aluno rebelde... misturado com outro aluno que éh:: é quieto, sabe? Com outro aluno que éh:: extremamente extrovertido... como que eu trabalho essas pessoas.... Como que eu faço dentro da sala aula pra resolver essas questões... E aí você tem que buscar conhecimento nessa área,... e nessa área não tem nada e o professor tem que se virar,... né?

P: De forma geral como foi pra você o curso *Ensino Médio Em Rede*?

P3: Olha,... não ganhei a certificação.... éh:: Era duzentos e trinta e oito carga horária de horas que eu tinha... Mas só pelo fato de no ano seguinte eu não ter pego... a escola com Ensino Médio,... eu perdi as duzentos e trinta e oito horas.... Não havia finalização desse curso.... Depois no outro ano, havia a finalização dele, ((riu)) mas também não recebi o certificado ((riu)) porque estava faltando aquele período, sendo que eu tinha feito duzentos e trinta e oito horas anteriormente.... Para mim não valeu de nada, porque eu perdi meu tempo.... Eu perdi totalmente meu tempo.... Eles deram um cronograma de três anos sem conhecer o estado,... sem conhecer que, às vezes, a gente não consegue pegar aula no ensino médio,... Às vezes, eu quero pegar, mas eu não consigo...

P: E eles não permitiram você... fazer?

P3: Não,... não,... eu fiquei... fora do projeto. éh::... Um ano eu fiquei dentro do projeto,... no próximo ano, eu fiquei fora do projeto,... no outro ano, eu entrei de novo, né? Que foi só um tempinho lá pra terminar, né? Achei um absurdo utilizar período de HTPC ((Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo))... porque HTPC tem que ser trabalho coletivo mesmo.... Professor precisa conversar com outro professor. É nessas conversas que a gente consegue resolver saídas para alunos,... um professor falando com outro,... é ali, chegando junto,... mostrando o quê, trabalhando.... Como é que um pode ajudar o outro? E a gente perdeu todo esse período aí fazendo esse negócio, né? E quem não estava nos projetos de *Ensino Médio Em Rede*, que era meu caso, que teve um ano que eu não estava, eu ficava deslocada, né? Vai pra uma outra sala,... só tinha um professor coordenador,... não tinha dois.... Naquela época, não tinha dois... agora que tem dois.

P: Está bom dona P3.... Obrigada.

#### **P4 (Professor 4)**

P: Gravando... P4,... seus alunos do segundo ano do ensino médio,... você acha que eles atingiram o máximo que eles podem atingir em termos de leitura e escrita,... ou ainda dá pra eles aprenderem?

P4: ... ((faz gestos perguntando se é para dizer a verdade))

P: É pra falar a verdade.

P4: Claro que não!

P: Ainda dá pra aprender muito?

P4: Tem muito,... muito ainda para ser feito,... né? Para eles atingirem o que nós esperamos,... o que a Secretaria de Educação espera,... sem dúvida alguma.

P: Eh,:: como você acha que você pode contribuir para o desenvolvimento deles?

P4: Incentivando,... orientando,... participando,... éh:: estando presente,... éh:: propondo sempre trabalho em grupo pra ver se um outro amigo que tem mais facilidade,... que tem mais entusiasmo pela leitura,... pela escrita,... acabe também éh:: facilitando,... melhorando a vida do colega, né? Muitas

vezes um aluno não gosta... de ler,... de escrever,... mas vendo o entusiasmo,... a facilidade que o outro tem,... isso provoca nele uma grande reação,... um progresso,... um desenvolvimento.

P: Legal!... Você se sente preparada pra ajudar os seus alunos nesse processo? ... Ou você, às vezes, fica insegura?

P4: Totalmente... Eu não me sinto insegura mais.... Pela primeira vez,... assim é:: dentro do meu trabalho como educadora eu tenho essa,... essa certeza, assim,... que eu estou preparada pra ajudá-los,... é:: mas, às vezes, sinto... eles não tem, né? o entusiasmo esperado,... mesmo instigando muito para que aconteça as perguntas,... para as perguntas surgirem também,... Mas eu me sinto... totalmente.

P: Você acha que esse programa o *Ensino Médio Em Rede* interferiu nesse processo?... Assim,... você.... Mudou alguma coisa você ter feito esse curso?

P4: ... Eu acho que não.

P: Não?

P4: Tudo que as colegas lá falam,... trabalham nas falas delas,... nas perguntas,... nos questionamentos,... nas explicações para nós.... Eu acho que é o que a gente tem... feito ao longo desses anos.... Não inovou,... não acrescentou,... embora seja agradável ouvir,... não é? Comentários de diferentes profissionais...

P: Éh:: você acha que os objetivos daquele programa éh:: coincidem com os seus objetivos?... Eles tinham desejos.... Os mesmos desejos que você tem?

P4: Ah:: coincidem,... sem dúvida.... A Língua Inglesa, principalmente, que estou mais... uma quantidade maior, né? de trabalho desenvolvido,... sem dúvida,... são os mesmos objetivos que temos, né? no Inglês.

P: Você chegou a utilizar as técnicas do programa... em sala de aula?

P4: Sempre.

P: É.

P4: Nós sempre utilizamos na Língua Inglesa éh::....

P: Aquilo não era novidade então?

P4: Não era novidade, né? Nós estamos fazendo isso... esse processo todo ao longo do tempo dentro das salas de aula... porque... é um assim... é uma.... Nós temos essa grande esperança que um dia eles atinjam ((riu)) todo esse entusiasmo que nós temos pelo Inglês.

P: Você acha que você... já desenvolveu todas suas possibilidades de leitora e escritora,... ou ainda dá para aprender mais?

P4: Não,... sem dúvida,... eu tenho certeza que eu posso,... preciso desenvolver mais,... preciso aprender mais,... tanto é que... eu tenho assim fixação em ouvir filmes,... músicas,... estar sempre aprendendo algo diferente, né? O cotidiano da vida deles... esse dia a dia que o Inglês acadêmico não proporciona,... eu tenho sim,... muito a aprender ainda.

P: Você acha que nós aprendemos a ler e escrever na escola?

P4: Não,... não aprendemos.

P: Onde a gente aprende?

P4: É no meio em que vivemos, né? na nossa família, sem dúvida... lá aos dois anos... três anos quando pegamos e os pais acompanhando... os livrinhos de história... todo aquele processo... que cerca a nossa vida, né? Mesmo porque, depois de algum tempo, a criança já vai para o maternal,... para o jardim.... Então eu acho que o processo começa ali dentro da família:... a nossa alfabetização,... esse desenvolvimento.

P: Você gosta de ler e escrever?

P4: Amo.

P: Gosta?

P4: Amo.

P: E você acha que o fato de você gostar interfere no aprendizado do seu aluno?... Eles percebem isso?

P4: Ah, ele percebe... Tanto é que ele fala à noite,... principalmente à noite,... que eu acho eles menos... compromissados assim com o aprendizado... “COMO é teacher que você PODE gostar dessa disciplina tão difícil?”... Eu falo: “ah:: isso é inexplicável, né? desde os doze anos, na sexta série quando o Inglês foi apresentado...”

P: Se apaixonou?

P4: Ah:: sem dúvida,... ele continua sendo um desafio para mim até hoje.

P: P4? Só pra finalizar... O que que você achou do curso *Ensino Médio Em Rede*?

P4: ((suspirou)) Éh:: eu, enquanto educadora, esperava que as minhas amigas do lado de lá... apresentassem assim, algo de novo,... algo de,... dessa magia que a gente espera acontecer dentro de uma sala de aula, né? E... eu acho que é isso, a gente sempre espera algo de novo... para proporcionar um....

P: E não aconteceu isso?

P4: ... Não, não aconteceu... não aconteceu, não é? Eu espero assim:... o ano que vem,... dois mil e nove,... novamente eu espero que alguma amiga vá me apresentar algo de novo,... algum profissional muito mais desenvolvido do que eu,... mais capacitado,... éh:: a gente sempre espera.... Não quero mais ir para o quadro, né? para a lousa, escrever,... mas... ainda são as mesmas técnicas ((riu)).

P: Obrigada, P4.

P4: De nada querida.

P: Doeu?

P4: Não ((riu)).

## **P5 (Professor 5)**

P: Pronto, dona P5, vamos começar!

P: P5,... seus alunos do segundo ano do ensino médio ainda estão desenvolvendo a leitura e a escrita, ou você acha que já chegaram onde tinham e não têm mais como desenvolver?

P5: Não,... não chegaram.... Eu fiz teste esse ano.... Eu expliquei a matéria,,,, e mandei eles escreverem uma prova... dissertativa.... Foram péssimos!... Eles não conseguem expressar o que eles.... éh:: eles sabem,... mas não sabem escrever... aquilo que eles estão sabendo.

P: Então ainda têm o que desenvolver?

P5: Ah,:: bastante...

P: E como você pode ajudar esse desenvolvimento?

P5: Fazendo mais isso que eu fiz... Eles têm que escrever aquilo que eles entenderam e não aquilo.... Eu não dei pergunta e resposta,... eu mandei fazer o texto,... aí eles não conseguem... escrever. Eles preferem pergunta/ resposta... É assim que eu acredito que eles vão aprender escrever.

P: E você se sente preparada pra ajudar os seus alunos nesse processo de aprendizado da leitura e escrita, ou você sente dificuldade?

P5: Se eu sentir dificuldade com vinte e quatro anos de magistério.... ((riu)) Não,... essa parte não.

P: É tranquilo?

P5: É.

P: E o programa *Ensino Médio Em Rede*, você acha que ele interferiu nesse processo?... Ele te ajudou... Ele te trouxe... novidades para você trabalhar?

P5: Tudo que vem, a gente... a gente não aproveita cem por cento.... A gente fala do aluno,... mas nós somos iguais.... Não aproveita cem por cento,... mas se a gente aproveita vinte por cento que pega.... Porque de tudo a gente tira um pouco, dá pra aprender na nossa aula.... Eu aprendi um pouco também com o *Ensino Médio Em Rede*,... como com esse agora,... com esse último.

P: Éh:: os objetivos do programa *Ensino Médio Em Rede* éh:: coincidem com os seus?... O que o programa *Ensino Médio Em Rede* propunha... são as mesmas coisas que você propõe pro aluno?

P5: ... Não lembro.

P: Aquelas técnicas... de conhecer os gêneros textuais? ...

P5: Ah:...

P: ... trabalhar uma linguagem diferenciada?

P5: Nem tudo.... Acredito que cinquenta por cento.

P: Você chegou a utilizar as técnicas do programa em sala de aula?

P5: Usei,... em algumas,... não todas,... mas usei, sim.

P: Com esses alunos você chegou a usar?

P5: Do segundo? ...

P: É... no ano passado.

P5: Não.... Era do terceiro que terminou,... porque acho que eles mandam mais usar mais no terceiro ano, não é?

P: No ensino médio.

P5: Acho que eu usei mais no terceiro ano.

P: É... Você... já desenvolveu todas suas possibilidades de leitora e escritora,... ou ainda tem coisa que você acha que você pode melhorar,... pode aprender?

P5: Ainda tem coisa!... Nunca a gente sabe tudo... Quando eu ouço alguma coisa diferente, eu falo:... “nossa, nunca pensei nisso!”

P: Éh:: você acha que nós aprendemos a ler e escrever na escola?

P5: Inicia na escola,... mas depois você vai ter que escrever a vida inteira.... Você é obrigado a escrever,... então vai aprendendo a vida inteira.

P: Como foi o curso *Ensino Médio Em Rede* pra você?... Na sua opinião,... como foi aquele curso?

P5: Olha foi bom,... porque foi em horário de HTPC ((Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo)),... e nesse horário a gente está na escola, então eu acredito que é um... foi melhor,... porque aí a gente... está, já naquele horário já disponibiliza, aquele horário... já aprende com aquele horário... então eu gostei.... Agora o *Ensino Médio Em Rede* em si teve um pouco mais linguagem mais em Português,... então ficou... achei que... falhou um pouco porque tem coisas que a gente não sabe... de Geografia.... Eu não ia saber coisas de Literatura,... algumas coisas lá,... então achei um pouco difícil pra aprender a linguagem da Língua Portuguesa,... mas depois no final,... abriu um pouco mais,... mas no meio do curso, assim, eu achei bastante dificuldade.... Outros professores de Português que me ajudavam abrir minha cabeça.

P: Mas você gostou?

P5: Gostei... porque depois acabei aprendendo coisas de Português, né? ((riu))... Só?

P: Só isso, dona P5.... Muito obrigada.... Doeu?

## P6 (Professor 6)

P: P6...

P6: Oi...

P: ... Você acha que os seus alunos do segundo ano do ensino médio já chegaram no... no máximo do que eles podem aprender de leitura e escrita ou ainda tem coisas que eles podem aprender?

P6: Ainda tem muita coisa pra aprender.

P: E como você acha que você pode contribuir... para esse crescimento do aluno?

((ruídos de fundo))

P6: Através da leitura e da escrita? ...Ah,:: eu penso que... providenciar textos diversos,... não é? Vários gêneros de texto,... éh:: ajudá-los a identificar a... a forma como o texto é estruturado,... o poema,... a narrativa.... Éh:: acho que é um dos caminhos... Estimular a leitura mesmo, né?

P: Éh:: você se sente preparada pra ajudar os seus alunos nesse processo?

P6: Não muito,... né? Não muito.... Até porque a nossa formação não foi essa, né? Essas estratégias de leitura que a gente já tem éh:: dentro da gente que é uma coisa mais simples,... para eles é muito difícil,... né? Eu vejo assim:... identificar no dicionário,... éh:: a classe gramatical,... ou mesmo num texto,... que tipo de texto é,... se é um jornal,... se não é,... se é uma,... o poema é fácil,... o poema e a carta... são... são textos fáceis, né? Mas dependendo de outro tipo de texto, ele já não tem capacidade de identificar.

P: Éh:: você pode me dizer como que o programa *Ensino Médio Em Rede* interferiu... Se interferiu nesse processo de você ensinar a trabalhar isso com aluno?

P6: Ah:: não.... Nada.... Na minha opinião, não interferiu em nada até porque eu fiz P (Pesquisadora) e era de... Eu não estava com classes se segundo colegial de Português.... Eu tinha classes de Inglês.... Então o que era feito no *Ensino Médio Em Rede* não foi aplicado por mim,... e mesmo pelos outros professores,... o objetivo principal do *Ensino Médio Em Rede* foi o artigo de opinião,... trabalhar o artigo de opinião, e aí eu não estava com aula de Português nessa época.... Tinha era Inglês.

P: Os objetivos daquele programa *Ensino Médio Em Rede*, você acha que coincidem com os seus objetivos em sala de aula,... Tem alguma relação?

P6: Ah:: eu acho que sim,... porque o objetivo era formar... leitores e produtores de texto, né? É, até os passos para o artigo de opinião eu acho muito legal.... A forma como eles trabalharam.... A forma como foi apresentado.... Hoje depois,... sem estar no... no Ensino Médio, naquela época eu não tive.... Não vi com atenção,... não fui atrás porque não tinha classe pra aplicar, entendeu?... Mas hoje, vendo

depois com o segundo colegial e trabalhando com os artigos da Secretaria da Educação para artigo de opinião é fantástico!... Dá um passo a passo.

P: Éh:: você não chegou a utilizar as técnicas em sala de aula,... mesmo agora depois que acabou o programa?

P6: Agora eu peguei mais foi ah:: da Olimpíada de Língua Portuguesa que é do Governo Federal,... mas do Governo Estadual também é uma proposta semelhante, né? Do artigo de opinião... Então, esse ano eu usei sim.

P: Você,... você acha que você se desenvolveu todas as suas possibilidades de leitora e escritora?

P6: Não,... de jeito nenhum... Eu acho que a cada dia você está... melhorando mais, né? Mais leitura... Mais prática... Você vai melhorando mais... e está pronto, né?

P: E você gosta de ler e escrever?

P6a: Aquilo que me interessa... Eu gosto de ler e escrever aquilo que me interessa... Aí eu gosto.

P: E você acha que isso influencia o aluno?

P6: Com certeza.... Só vai ver o que ele gosta.... Qualquer pessoa, né, P?

P: Mas o fato de você gostar de ler e escrever, você acha que isso interfere?... O aluno percebe isso?

P6: Ah:: eu acho que percebe,... até porque, no meu caso, eu gosto mais da área de Língua Inglesa, né? Então ele percebe,... entendeu?

P: Como assim foi o curso *Ensino Médio Em Rede*? ( )

P6: Ah:: eu acho que ele foi muito corrido éh::: pouco claro, éh::: coisas para fazer,... para fazer,... para fazer,... mas sem muita clareza do que fazer... E hoje, por exemplo, lá na PUC ((P6 estava participando de um curso on-line da PUC)) a gente percebe, né? Que tem que ter um objetivo claro,... um propósito claro,... que é para o aluno... para qualquer tipo de aluno, inclusive a gente, né? No caso do Ensino Médio... Então era uma coisa muito... confusa!... É... a coordenação também não teve a acessoria necessária... Então ficava uma coisa meio confusa, que... você não entendia para que você estava fazendo aquilo... Então, não foi muito bem estruturado,... éh:: ((interfone tocou)) o horário também,... usando... ((interrupção para P atender o interfone)) (...) Hoje assim eu percebo éh::: por estar no curso da PUC... Você tem que ter um embasamento teórico,... primeiro,... primeiro passo:... embasar os professores com a teoria,... e aí depois disso,... depois de leituras,... discussões, você ir para prática... Não adianta vim só... A prática sem ter um embasamento teórico,... porque... a gente não sabe,... entendeu? Como é que eles chegaram até aquilo ali... Então precisa... nesses cursos que a Secretaria da Educação vai fazer daqui para frente,... tem que ter primeiro embasamento teórico:... as discussões,... o professor entender que teoria,... qual é a metodologia que está por traz disso,... e aí sim, ir para prática... Eu penso assim... Hoje com um ano de curso da PUC, eu percebo que... o da Secretaria da Educação falha muito... nesse sentido.

P: Certo... Muito obrigada.

P6: Por nada.... Mas os alunos percebem, viu, P?

## **P7 (Professor 7)**

P: P7, vamos começar...

P7: Se eu souber responder, né? Porque de repente...

P: Oh, eu preciso saber sobre seus alunos do segundo ano do ensino médio... Você acha que eles já desenvolveram tudo que eles podiam desenvolver de leitura e escrita ou se eles ainda têm muito que desenvolver?

P7: Têm muito que desenvolver!... Muito... muito... muito... muito... muito!... Eles não leem,... como eles vão desenvolver?

P: E como você pode contribuir para o desenvolvimento deles?... Como você acha que você pode ajudar eles a desenvolver mais isso?

P7: A leitura?... Incentivando a ler... todo tipo de... de leitura,... desde o jornal... a história em quadrinhos.

P: No seu caso, em artes, né? Você consegue trabalhar...

P7: Obras de arte,... livros de arte,... que fala sobre a vida dos artistas, né? Nesse caso.

P: E você se sente preparada pra ajudar os seus alunos?

P7: Não, mesmo.

P: O que que falta?

P7: Eu acho que partindo de mim mesma, falta de leitura minha.

P: Eh:: você acha que o programa *Ensino Médio Em Rede* ajudou você nesse processo para poder ajudar os alunos?

P7: Ai, mais ou menos, P!... Porque eu fiz oh:::... Vou ser bem sincera... Eu fiz oh:::...

P: O *Ensino Médio Em Rede*?

P7: (...) *Ensino Médio Em Rede* nas coxas... Fiz assim... Eu... não tinha tempo de fazer... Chegava já tinha começado... Aí ia perguntar as coisas para A. ((Professor Coordenador Pedagógico na época do *Ensino Médio Em Rede*)), ela... sabe... Então eu fiz... (...) foi um dos piores cursos que eu já fiz até hoje,... infelizmente.

P: Então assim... Você nem pode dizer muito se o programa *Ensino Médio Em Rede*... assim... tem a ver com o que você quer para o aluno?

P7: Não...

P: Você chegou a utilizar alguma técnica do programa em sala de aula,... ou não?

P7: Não, porque eu não conseguia nem me achar dentro naqueles livros,... naquelas folhas.... Me perdia... Cada dia que eu estava numa folha, chegava aqui já tinha pulado três... quatro,... É assim... Não, é verdade... Eu nunca fiz uma coisa tão mal feito na minha vida igual aquilo.

P: Você acha que você já desenvolveu tudo que você já podia desenvolver como leitora e escritora,... ou se você já chegou no seu (...)

P7: Não...

P: Tem muito para aprender ainda?

P7: Eu acho... Acho não.... Tenho certeza.

P: Você acha que a gente aprendeu a ler e escrever na escola?... Nós... estamos aprendendo ainda?

P7: Ainda,... ainda,... todo dia,... todo dia se aprende a ler e escrever.

P: Você gosta de ler e escrever?

P7: Eu gosto... Gosto mais de escrever do que ler.

P: Você acha que o fato de você gostar de escrever influencia os alunos?... Eles percebem isso?

P7: Percebem... Mas tem muitos alunos que preferem escrever do que ler e falar... Eles gostam mais do verbal do que do oral...

P: E como você acha que foi o curso *Ensino Médio Em Rede*... Assim, o que você pode dizer desse curso?

P7: ... Não sei.

P: Não ... Mas fala do fato de você não ter podido acompanhar direito também.

P7: É, eu não acompanhei... Eu não fiz como deveria ter feito... Não dei toda aquela atenção... As tarefas eu não fazia todas... Era mais cópia,... entendeu?... Eu não aproveitei o curso!... Então não tem muito que falar.

P: Pelo fato de ser em HTPC ((Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo)), o que te atrapalhou?

P7: Ah:: porque assim, oh... ... Não sei se você se lembra!... A gente estava respondendo um negócio,... de repente chegava a Diretora com um monte de recado,... aí a Coordenadora com um outro monte de recado,... aí virava aquela confusão,... aquele falatório.... Eu sinceramente ficava perdidinha.... Não sabia o que eu tinha que fazer primeiro!

P: Então para você não foi bom?

P7: Não.... Pra mim não.

P: Então está bom,... obrigada!

P7: Por nada.

P: Se eu precisar de você de novo, eu te procuro.

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA<sup>1</sup>

**Unesp**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Fone: (0xx 14) 3402-1346

Fax: (0xx14) 3422-1302

[www.marilia.unesp.br/cep](http://www.marilia.unesp.br/cep)

e-mail: [cep@marilia.unesp.br](mailto:cep@marilia.unesp.br)

## PARECER DO PROJETO N° 2406/2008

IDENTIFICAÇÃO
1. Título do Projeto: PROGRAMA "ENSINO MÉDIO EM REDE" E A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA
2. Pesquisador Responsável: Dagoberto Buim Arena/Andréa Bonfá Martin
3. Instituição do Pesquisador: Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – Campus de Marília
4. Apresentação ao CEP: 03/07/2008
5. Apresentar relatório em: Semestralmente durante a realização da pesquisa.

OBJETIVOS
<p>Objetivo geral:</p> <p>Pôr em questão o programa "Ensino Médio em Rede" quanto a sua capacidade de constituição do professor como um mediador no processo de desenvolvimento da leitura e da linguagem escrita dos alunos.</p> <p>Objetivos específicos:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Analisar o material do programa "Ensino Médio Em Rede" procurando detectar os problemas para sua utilização.</li> <li>2. Identificar as percepções dos professores do Ensino Médio quanto ao seu papel de mediador no processo de desenvolvimento das práticas de leitura e escrita dos alunos.</li> <li>3. Identificar a percepção do aluno sobre as práticas pedagógicas dos professores e sobre as possíveis mudanças devido ao programa "Ensino Médio Em Rede".</li> <li>4. Analisar o papel de mediador dos professores de Ensino Médio no processo de desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos do Ensino Médio.</li> <li>5. Estabelecer possíveis relações entre o desenvolvimento da linguagem escrita dos alunos com as transformações nas práticas pedagógicas dos professores a partir do curso "Ensino Médio Em Rede".</li> </ol>

SUMÁRIO DO PROJETO
<p>Partindo de pressupostos teóricos, principalmente embasados em Vigotski sobre o desenvolvimento das funções psíquicas superiores e a importância da mediação nesse processo, esse trabalho pretende pesquisar o papel dos professores no desenvolvimento e aprimoramento das habilidades de leitura e escrita dos alunos do Ensino Médio. Pretende analisar a percepção que os professores têm do seu papel, qual a análise que fazem de suas práticas pedagógicas e se essas práticas realmente auxiliam o desenvolvimento dos alunos. Analisando o programa "Ensino Médio Em Rede", desenvolvido pela Fundação Vanzolini e pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo para professores do Ensino Médio</p>

<sup>1</sup> Parecer do Comitê de Ética com a identificação da escola devidamente apagada pra preservar os sujeitos da pesquisa.

pretende-se traçar um panorama das dificuldades encontradas pelos professores de diferentes disciplinas quando lhes é proposta a elaboração de novas práticas pedagógicas com o intuito de aprimorar a leitura e a escrita dos alunos do Ensino Médio. Esta pesquisa será realizada por meio de questionários e entrevistas com professores e alunos do Ensino Médio da E.E. ; será feita uma análise do material utilizado nesse programa de capacitação dos professores e o contexto em que foi elaborado; será analisado também o desempenho escolar dos alunos cujos professores participaram dessa capacitação. Esse estudo poderá contribuir para uma revisão das práticas pedagógicas dos professores de diferentes áreas do Ensino Médio.

#### COMENTÁRIOS DO RELATOR

O presente projeto apresenta os documentos formais de acordo com a Resolução CNS 196/96, a citar: folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos; autorização da Diretora da E.E. e os termos de consentimento livre e esclarecido – para alunos e professores participantes. O tema da pesquisa traz relevantes informações que dizem respeito a prática pedagógica dos professores de diferentes áreas do Ensino Médio. No que diz respeito aos aspectos metodológicos esta pesquisa será realizada por meio de questionários e entrevistas com professores e alunos do Ensino Médio da E.E. , sendo assim, não há quaisquer riscos aos sujeitos da pesquisa. Recomendo a aprovação do presente projeto.

#### PARECER FINAL

O CEP da FFC da UNESP após acatar o parecer do membro relator previamente aprovado para o presente estudo e atendendo a todos os dispositivos das resoluções 196/96 e complementares, bem como ter aprovado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido como também todos os anexos incluídos na pesquisa resolve aprovar o projeto de pesquisa supracitado.

#### INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

#### DATA DA REUNIÃO

Aprovado na reunião do CEP de 22/10/2008.

  
**Dr. Edvaldo Soares**  
 Presidente do CEP

  
**Prof. Dr. Tullo Vigevani**  
 Diretor

**ANEXO B - MATRIZ CURRICULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PARA O ANO LETIVO DE 2008. ANEXOS – I A VIII – SUGERINDO O NÚMERO DE AULAS NAS DISCIPLINAS E SÉRIES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E/OU PROFISSIONAL.**

**Resolução SE - 92, de 19-12-2007**

*Estabelece diretrizes para a organização curricular do ensino fundamental e médio nas escolas estaduais*

A Secretária da Educação, considerando;

- a reorganização curricular da educação básica como uma das ações viabilizadoras das metas de melhoria do processo educacional paulista;
- a implementação, em 2008, das propostas curriculares de ensino fundamental e médio organizadas por esta Pasta;
- a necessidade de se estabelecer diretrizes que orientem as unidades escolares na montagem das matrizes curriculares desses níveis de ensino,

resolve:

Art.1º - A organização curricular das escolas estaduais que oferecem ensino fundamental e Médio se desenvolverá em 200 (duzentos) dias letivos, com a carga horária anual estabelecida pela presente resolução.

Art.2º - O ensino fundamental terá sua organização curricular estruturada em oito séries, desenvolvida em regime de progressão continuada e constituída por dois ciclos:

I - ciclo I, correspondendo ao ensino da 1ª à 4ª séries;

II – ciclo II, correspondendo ao ensino da 5ª à 8ª séries.

§1º - No ciclo I do ensino fundamental, de que trata o Anexo I desta resolução, deverá ser assegurada a seguinte carga horária:

1 – em unidades escolares com até dois turnos diários, com 25 (vinte e cinco) aulas semanais, com a duração de 50 (cinquenta) minutos cada, totalizando 1000 aulas anuais;

2 - em unidades escolares, com três turnos diurnos, com calendário específico e semana de 06 (seis) dias letivos, com 24 (vinte e quatro) aulas semanais, com a duração de 50 minutos cada, totalizando 960 aulas anuais;

§ 2º - No ciclo II deverá ser assegurada a seguinte carga horária:

1 - no período diurno, em unidades escolares com até dois turnos diurnos, 27 (vinte e sete) aulas semanais, com a duração de 50 (cinquenta) minutos cada, totalizando 1080 aulas anuais, objeto do Anexo II;

2 - no período noturno, em unidades escolares com três turnos diurnos, com calendário específico e semana de 06 (seis) dias letivos, 24 (vinte e quatro) aulas semanais com duração de 50 (cinquenta) minutos cada, totalizando 960 aulas anuais, objeto do Anexo III;

3 - no período noturno, com 27 (vinte e sete) aulas semanais, com a duração de 45 (quarenta e cinco) minutos cada, totalizando 1080 aulas anuais, sendo que Educação Física será ministrada fora do horário regular de aulas, conforme Anexo II.

§ 3º - A priorização dada ao desenvolvimento das competências leitora e escritora e dos conceitos básicos da matemática, no ciclo I, não exime o professor da classe da abordagem dos conteúdos das demais áreas do conhecimento.

§ 4º - As aulas de Educação Física e Arte previstas nas matrizes curriculares do ciclo I, deverão ser desenvolvidas:

1 - com duas aulas semanais, por professor especialista em todas as séries;

2 - com acompanhamento obrigatório do professor regente da classe e do Aluno/Pesquisador da Bolsa Alfabetização, quando for o caso;

3 - em horário regular de funcionamento da classe;

4 - pelo professor da classe, quando constatada a inexistência ou ausência do professor especialista.

Art.3º - Os cursos do Ensino Médio, estruturados em três séries anuais, terão sua organização curricular orientada por dupla finalidade:

I - curso de sólida formação básica, que abre ao jovem efetivas oportunidades de consolidação dos

conteúdos estudados ao longo do ensino médio, objetivando a preparação para prosseguimento de estudos em nível superior;

II – curso de formação básica e profissional, centrado no desenvolvimento de competências para o mundo produtivo que assegura ao jovem sua inserção no mercado de trabalho, mediante a aquisição de determinada habilitação profissional.

Art.4º - O curso do Ensino Médio de sólida formação básica terá sua matriz curricular organizada com a seguinte carga horária:

I - período diurno, com 06 (seis) aulas diárias, com duração de 50 (cinquenta) minutos cada, totalizando 30 (trinta) aulas semanais e 1.200 aulas anuais, conforme Anexo IV;

II - período diurno, com três turnos diurnos, com calendário específico, semana de 06 (seis) dias letivos, 04 (quatro) aulas diárias de 50 (cinquenta) minutos cada, totalizando 24 (vinte e quatro) aulas semanais e 960 aulas anuais, de acordo com o Anexo V;

III - período noturno, com 05 (cinco) aulas diárias, com duração de 45 (quarenta e cinco) minutos cada, totalizando 27 (vinte e sete) aulas semanais e 1080 anuais, sendo que Educação Física será ministrada aos sábados, conforme Anexo VI.

§ 1º - As 06 (seis) aulas das 3ª séries, integrantes da parte diversificada das matrizes curriculares, caracterizam-se como disciplinas de apoio curricular, a serem distribuídas pela direção da escola, em número de 02 (duas) aulas para um dos componentes que integram cada área do conhecimento.

§ 2º - Em se tratando da área de Linguagens e Códigos, a distribuição de que trata o parágrafo anterior deverá contemplar obrigatoriamente Língua Portuguesa e Literatura.

§ 3º - Por constituírem oficinas de revisão e consolidação das aprendizagens das disciplinas desenvolvidas ao longo das séries do Ensino Médio, as aulas a que se refere o § 1º deste artigo, se diferenciarão pelo uso de materiais próprios, que disponibilizados ao professor ampliarão as oportunidades do aluno prosseguir seus estudos em nível superior, assegurando ao docente acesso a recursos tecnológicos inovadores e atividades de aprimoramento e atualização profissional.

§ 4º - Dado o caráter de especificidade dessas disciplinas, as aulas deverão ser atribuídas, pela direção da escola e preferentemente, a professores titulares de cargo, como carga suplementar, que demonstrem familiaridade com ferramentas de multimídia e que disponham de condições para sessões de estudos e pesquisas.

Art.5º - O curso do Ensino Médio de formação básica e profissional, será desenvolvido da seguinte forma:

I - no período diurno:

a) em relação à formação básica, com a mesma carga horária da matriz curricular proposta para o ensino médio diurno (Anexo IV), de que trata o inciso I do artigo 3º desta resolução;

b) em relação à formação profissional, serão oferecidas aos alunos da 2ª série, 06 (seis) aulas dos conteúdos das disciplinas que integram os módulos da habilitação profissional a ser implantada, conforme Anexo VII;

c) em relação à formação profissional, será oferecida, em 2009, aos concluintes do ensino médio de 2008, os módulos de curso profissionalizante em nível pós-médio;

II - no período noturno:

a) em relação à formação básica, com a mesma carga horária da matriz curricular proposta para o ensino médio noturno (Anexo VI), de que trata o inciso I do artigo 3º desta resolução;

b) em relação à formação profissional, a unidade escolar, desde que atendidos os critérios a serem definidos pela SE, poderá, no início de 2008, constituir turmas de alunos da 2ª série, que demonstrem interesse em cursar, aos sábados, em caráter optativo, módulos da habilitação profissional de nível técnico, conforme Anexo VIII.

§ 1º - A formação profissional de que trata alínea “b” deste inciso será desenvolvida pela unidade escolar, em parceria com o Centro Estadual de Educação Tecnológica “Paula Souza”- CEETEPS.

§ 2º - Excepcionalmente, em 2008, as 06 (seis) aulas constantes da 3ª série da matriz curricular constante do Anexo VII, serão destinadas às disciplinas de apoio curricular, atendidas as observações constantes do § 1º do artigo 4º desta resolução.

Art. 6º - As aulas das disciplinas dos módulos profissionalizantes serão atribuídas, preferentemente, a professor titular de cargo, como carga suplementar, cuja área de atuação guarda estreito vínculo de ordem programática com o conteúdo profissionalizante proposto para a disciplina.

§ 1º - Dado o caráter de especificidade de que se reveste a docência dessas disciplinas, as 06 (seis)

aulas, deverão ser atribuídas em seu conjunto a um único professor da base nacional comum, que exercerá não só a função de professor dessas disciplinas, como desempenhará em horários diversos, a função de tutor da respectiva turma de alunos.

§2º - Além da carga horária das aulas a que se refere o parágrafo anterior, o professor contará com 05 (cinco) aulas semanais para o exercício da função de tutoria, capacitação e preparação das aulas.

Art.7º - O aluno que vier a cursar as disciplinas dos módulos profissionalizantes, deverá efetivar sua matrícula separadamente, ou seja, no curso do ensino médio/formação básica e, semestralmente, no curso da qualificação profissional, objeto do módulo do curso de nível técnico desenvolvido.

Art. 8º - Continuarão vigendo para as escolas de ensino fundamental que mantêm classes de tempo integral e para aquelas que funcionam em instalações da Fundação Casa, as diretrizes curriculares constantes dos respectivos dispositivos legais.

Art. 9º - Na educação de jovens e adultos, observada a correspondência das cargas horárias estabelecidas na presente resolução, quando adotada a organização curricular semestral, as matrizes curriculares deverão ser adequadas à estrutura dos respectivos cursos.

Art.10 - O mecanismo de recuperação da aprendizagem deverá se constituir em objeto de resolução específica.

Art. 11 - Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação ficando revogadas as disposições em contrário, especialmente Resolução SE 6/2005; Resolução SE 11/2005 e a Resolução SE 2/2006.

D.O.E. de 21/12/07

## ANEXO I

<b>Matriz Curricular Básica para o Ensino Fundamental</b>					
<b>Ciclo I - 1ª a 4ª Série</b>					
<b>Disciplinas</b>		<b>Séries / Aulas (%)</b>			
		<b>1ª</b>	<b>2ª</b>	<b>3ª</b>	<b>4ª</b>
<b>Base Nacional Comum</b>	L. Portuguesa	60%	45%	30%	30%
	História/Geografia	-	-	10%	10%
	Matemática	25%	40%	35%	35%
	Ciências Físicas e Biológicas	-	-	10%	10%
	Ed. Física/Arte	15%-	15%-	15%	15%
<b>Total Geral</b>		<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

## ANEXO II

<b>Matriz Curricular Básica - Ensino Fundamental</b>						
<b>Ciclo II - 5ª A 8ª Série Diurno com Dois Turnos e Período Noturno*</b>						
<b>Disciplinas</b>		<b>Séries / Aulas</b>				
		5ª	6ª	7ª	8ª - Diurno	8ª Noturno
Base Nacional Comum	L. Portuguesa	5	5	5	5	5
	Arte	2	2	2	2	2
	Educação Física**	2	2	2	2	2
	História	2	2	2	2	2
	Geografia	2	2	2	2	2
	Matemática	5	5	5	5	5
	Ciências Físicas e Biológicas	2	2	2	2	2
	Ensino Religioso				1	1
Parte Diversificada	Língua Estrangeira Moderna	2	2	2	2	2
<b>Total Geral</b>		<b>22+5=27</b>	<b>22+5=27</b>	<b>22+5=27</b>	<b>*23+5=28</b>	<b>*22+5+27</b>

\*Distribuir, em cada série do período diurno, as 05 aulas semanais entre as disciplinas constantes da matriz curricular, à exceção de Educação Física e Ensino Religioso. No período noturno, distribuir, em cada série, 05 aulas semanais quando Ensino Religioso não comportar turma de alunos e 4(quatro) quando esse componente comportar turma específica.  
\*\*Educação Física será ministrada, dentro do horário regular de aulas, no período diurno, e fora desse horário, no período noturno.

## ANEXO III

<b>Matriz Curricular Básica - Ensino Fundamental</b>					
<b>Ciclo II - 5ª A 8ª Série Diurno – Três Turnos Diurnos</b>					
<b>Disciplinas</b>		<b>Séries / Aulas</b>			
		5ª	6ª	7ª	8ª
Base Nacional Comum	Língua Portuguesa	5	5	5	5
	Arte	2	2	2	2
	Educação Física**	2	2	2	2
	História	3	2	3	2
	Geografia	2	3	2	3
	Matemática	5	5	5	5
	Ciências Físicas e Biológicas	3	3	3	3
	Ensino Religioso				1
Parte Diversificada	Língua Estrangeira Moderna	2	2	2	2
<b>Total Geral</b>		<b>24</b>	<b>24</b>	<b>24</b>	<b>25</b>

## ANEXO IV

Ensino Médio – Formação Básica						
Matriz Curricular – Período Diurno						
Base Nacional Comum	Áreas	Disciplinas	Séries/aulas			
			1ª	2ª	3ª	
	Linguagens e Códigos	Língua Portuguesa e Literatura	5	5	4	
		Arte	2	2	-	
		Educação Física	2	2	2	
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática	5	5	4	
		Biologia	2	2	2	
		Física	2	2	2	
		Química	2	2	2	
	Ciências Humanas	História	3	3	3	
		Geografia	3	3	3	
Parte Diversificada	Língua Estrangeira Moderna		2	2	2	
	Filosofia		2	2	-	
	Disciplinas de apoio curricular				6	
<b>Total de aulas</b>			<b>30</b>	<b>30</b>	<b>30</b>	

## Anexo V

Ensino Médio – Formação Básica						
Matriz Curricular – Período Diurno - Três Turnos						
	Áreas	Disciplinas	Séries/aulas			
			1ª	2ª	3ª	
Base Nacional Comum	Linguagens e Códigos	Língua Portuguesa e Literatura	3	3	3	
		Arte	2	2	-	
		Educação Física*	2	2	2	
		<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>7</b>	<b>5</b>	
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática	3	3	3	
		Biologia	2	2	2	
		Física	2	2	2	
		Química	2	2	2	
		<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	
	Ciências Humanas	História	2	2	2	
		Geografia	2	2		
		<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	
	Parte Diversificada	Língua Estrangeira Moderna		2	2	2
Filosofia		2	2	-		
Disciplinas de apoio curricular				6		
<b>Total</b>		<b>4</b>	<b>4</b>	<b>8</b>		
<b>Total de aulas</b>			<b>24</b>	<b>24</b>	<b>24</b>	

## Anexo VI

Ensino Médio – Formação Básica						
Matriz Curricular – Período Noturno						
	Áreas	Disciplinas	Séries/aulas			
			1ª	2ª	3ª	
Base Nacional Comum	Linguagens e Códigos	Língua Portuguesa e Literatura	4	4	4	
		Arte	2	2	-	
		Educação Física*	2	2	2	
		Total	8	8	6	
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática	4	4	4	
		Biologia	2	2	2	
		Física	2	2	2	
		Química	2	2	2	
		Total	10	10	10	
	Ciências Humanas	História	3	2	3	
		Geografia	2	3	-	
		Total	5	5	3	
	Parte Diversificada	Língua Estrangeira Moderna	2	2	2	
Filosofia		2	2	-		
Disciplinas de apoio curricular				6		
Total		4	4	2		
<b>Total de aulas</b>			<b>27</b>	<b>27</b>	<b>27</b>	

\* - As aulas de Educação Física serão ministradas fora do período regular de aulas

## ANEXO VII

Ensino Médio – Formação Básica e Profissional							
Matriz Curricular – Períodos Diurno							
	Áreas	Disciplinas	Séries/aulas				
			1ª	2ª	3ª		
Base Nacional Comum	Linguagens e Códigos	Língua Portuguesa e Literatura	5	4	4		
		Arte	2		-		
		Educação Física*	2	2	2		
		Total	9	6	6		
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática	5	4	4		
		Biologia	2	2	2		
		Física	2	2	2		
		Química	2	2	2		
		Total	11	10	10		
	Ciências Humanas	História	3	2	3		
		Geografia	3	2	3		
		Total	6	4	6		
	Parte Diversificada	Língua Estrangeira Moderna		2	2	2	
		Filosofia		2	2	-	
		Disciplinas do módulo profissionalizante			6	*6	
Total		4	10	8			
<b>Total de aulas</b>			<b>30</b>	<b>30</b>	<b>30</b>		

## Anexo VIII

Ensino Médio – Formação Básica e Profissional							
Matriz Curricular – Período Noturno							
	Áreas	Disciplinas	Séries/aulas				
			1ª	2ª	3ª		
Base Nacional Comum	Linguagens e Códigos	Língua Portuguesa e Literatura	4	4	4		
		Arte	2	2	-		
		Educação Física*	2	2	2		
		Total	8	8	6		
	Ciências da Natureza e Matemática	Matemática	4	4	4		
		Biologia	2	2	2		
		Física	2	2	2		
		Química	2	2	2		
		Total	10	10	10		
	Ciências Humanas	História	3	2	3		
		Geografia	2	3			
		Total	5	5	2		
	Parte Diversificada	Língua Estrangeira Moderna		2	2	2	
		Filosofia		2	2	-	
Disciplinas de apoio curricular				6			
Total		4	4	8			
<b>Total de aulas da Educação Básica</b>			<b>27</b>	<b>27</b>	<b>27</b>		
<b>**Total de aulas do módulo profissionalizante</b>				<b>06</b>			

**Obs.\*** Educação Física será ministrada fora do período regular de aulas.

**\*\***As aulas das disciplinas dos módulos profissionalizantes serão realizadas aos sábados.